

O Cálice de  
*Sophia*



Projeto  
**Passo Fundo**  
Apoio à cultura

Aventino Alfredo Agostini

Os ruídos do mundo, das armas, dos conflitos, das libertações efêmeras e perturbadoras, das opressões duras e duradouras, atravessam as paredes, atingem-me no coração... quando uma nova meia-noite avança no século; a sua ordem esmaga; a sua insolência inspira respeito, terror e admiração aos que me rodeiam e que, nos meus silêncios, me creem um deles. Desvio-me do apelo daqueles para quem devo testemunhar e, ao mesmo tempo, cedo ao convite dum garrafa de vinho, dum sorriso amigo, dum rosto de amor...

(O Método, vol. 1, Edgar Morin)

# O cálice de Sophia





Aventino Alfredo Agostini

## **O cálice de Sophia**

Passo Fundo  
Projeto Passo Fundo  
2017

Projeto Passo Fundo

Página na internet: [www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)

E-mail para contato: [projetopassofundo@gmail.com](mailto:projetopassofundo@gmail.com)

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sítio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

**Creative Commons Atribuição-CompartilhaIgual 4,0 Internacional;**

Para ver uma cópia desta licença, visite:

[http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt\\_BR](http://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/deed.pt_BR) ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, California, 94041, USA.

Revisado pelo autor em: 25/11/2016

A275c Agostini, Aventino Alfredo

O cálice de Sophia [recurso eletrônico] / Aventino Alfredo  
Agostini. – Passo Fundo : Projeto Passo Fundo, 2017.

2,3 Mb ; PDF.

ISBN 978-85-8326-278-7

Modo de acesso: World Wide Web: <<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Educação. I. Título.

CDU: 37

Bibliotecária responsável Schirlei T. da Silva Vaz - CRB 10/1364

*A minha mãe e às pessoas que comigo  
trabalham ou trabalharam, minha homenagem,  
e também aos trabalhadores latino-americanos  
(braçais ou intelectuais, assalariados ou não)  
que, longe dos patrões nórdicos, vivem,  
contudo, muito mais longe dos répteis.*



## **AGRADECIMENTOS**

*À minha mulher, Carmen Maria Tagliari.*

*À Maria de Lourdes lung Bortolon e Luis Carlos  
Pansera que pacientemente datilografaram os originais.*

*Ao Dr. Hélio Garbin, pela inestimável colaboração.*

*À Miriam Postal, Artista Plástica, pela capa e  
ilustrações.*

*Ao Dr. Jorge Alberto Salton pela receptividade e  
estímulo editorial que vem oferecendo aos principiantes  
como nós.*



## ÍNDICE

|   |    |
|---|----|
| INTRODUÇÃO .....                          | 11 |
| A RELIGIÃO .....                          | 17 |
| A DEUSA.....                              | 21 |
| ESCOLA PLANETÁRIA: SOLUÇÃO POLÍTICA ..... | 25 |
| A MULHER DOS AGRICULTORES DE NB .....     | 41 |
| A VIDA E O CÁLICE DE SOPHIA.....          | 51 |
| O PODER .....                             | 91 |
| NA MORTE A RE-EVOLUÇÃO DA VIDA .....      | 97 |



## INTRODUÇÃO

*Os ruídos do mundo, das armas, dos conflitos, das libertações efêmeras e perturbadoras, das opressões duras e duradouras, atravessam as paredes, atingem-me no coração... quando uma nova meia-noite avança no século; a sua ordem esmaga; a sua insolência inspira respeito, terror e admiração aos que me rodeiam e que, nos meus silêncios, me creem um deles. Desvio-me do apelo daqueles para quem devo testemunhar e, ao mesmo tempo, cedo ao convite duma garrafa de vinho, dum sorriso amigo, dum rosto de amor...*

*(O Método, vol. 1, Edgar Morin)*

Em 1937, Nova Bréscia (NB) ainda pertencia ao município de Arroio do Meio. Naquela época, a população da cidade devia estar em torno de 150 habitantes, se fossem considerados alguns cavalos do comerciante da esquina da praça e outras tantas mulas do concorrente estabelecido a 120m do portal da Igreja de Pedra, batizada com o nome de São João Baptista. Naqueles tempos todos eram católicos e, como no Brasil de outros tempos, quem não fosse hipócrita ou capitalista era comunista e excomungado pelos poderes da igreja (um padre), dos civis (os fabriqueiros), dos militares (um soldado) e de um alienado (o subprefeito).

Ao nascer, os brescianos, no colo da mãe, eram batizados na Igreja de Pedra. A partir dos sete anos, entravam na igreja pela mão da mãe e, ao sair

da missa pela mão do pai, entravam na bodega, onde a bebida alcoólica falava mal do governo, fosse capitalista ou comunista. Acreditavam que o poder sempre exalava aroma de vinho corrompido. Conseqüentemente religião, política e bebida alcoólica eram traumatismos de infância, como frequentar a escola inútil para a prática da vida...

Esclarecidos ou traumatizados desde a primeira infância pelas verdades indiscutíveis da religião eterna, pelo comunismo científico e histórico e ainda pela fase anal do capitalismo, encontravam no ambiente dos botecos o calor e a sabedoria do fogo do grego Heráclito. Quando as chamas do grego se acendiam, insuflavam o orgulho dos brescianos políticos e estes comparavam NB com a Grécia. Se com os gregos havia desavenças, com o auxílio de Baco estas desavenças estavam sendo sanadas (na opinião dos gregos).

Em qualquer churrasqueira que encontrassem ou estabelecessem pelas Américas (há também em N.York) afirmavam com justiça: NB e Grécia têm três coisas em comum, a) as duas descendem da poeira cósmica da Via-láctea; b) as duas estão situadas no mesmo planeta; c) como na Grécia antiga, muitos brescianos eram pensadores como Pitágoras, Anaxágoras, Epicuro, Zenon, Sócrates, Platão e Aristóteles, porque os brescianos também tinham cérebro...

Muitos deste planeta pretendem negar a tradição filosófica dos brescianos. Entretanto, à noite, quando se surpreendiam espelhos dos sonhos, assaltados pela fúria da insônia, eram atormentados como os gregos, e pensamentos obsessivos transformavam com frequência estes homens em estátuas teimosas como as mulas de pedra. Na Itália, por exemplo, dizem haver um busto de Lourenço de Médicis esculpido por Miguel Ângelo. Entretanto, se aguçarem o olhar, perceberão naquela estátua um capacete de pedra igual aos guerreiros da Berlim (subúrbio de NB). Por acaso aquele dedo da mão direita com o polegar sustentando o queixo, o dedo indicador levemente dobrado, amparando com ele pela ponta\* do nariz uma cabeça enorme, a qual se dobra suavemente sobre o peito pela ação da gravidade de pensar, aqueles olhos fixos, estatelados pela crueldade dos europeus contra negros, brancos e índios pacíficos das Américas, por acaso, aquele busto não traduz claramente a imagem petrificada da maneira de pensar dos brescianos? Alguém poderia duvidar. Entretanto, descendentes de Maquiavel com algumas estruturas genéticas de Proudhon e Garibaldi e nós aqui no Rio Grande do Sul sabemos que aquele busto, coberto por ametistas e topázios da Estefânia (outro subúrbio de NB) e, de maneira mágica, através da seriedade da alfândega paraguaia, foi contrabandeado para a Itália. Leonardo da Vinci nunca aceitou versão semelhante, porque a humanidade religiosa da França lhe extraviou os ossos e era amigo do Nini, eterno amante da verdade...

Apesar da tríplice semelhança, NB e Grécia apresentavam diferenças obrigatórias e respeitáveis. Por exemplo, os pensadores gregos cavalgando as asas da poética imaginação delirante arrancaram das profundezas da cortical cerebral as ilusões que durante dois mil e quinhentos anos governaram o mundo ocidental e fazem parte do rodapé da história oficial. Diferentes dos gregos, os brescianos mal conseguiam governar as previsões do tempo: com ou sem chuva, espetavam carne e faziam churrasco e jamais fizeram parte, como notas de rodapé da sangrenta história oficial. Pior. Se não bebessem um balde de vinho em cada refeição não fariam parte sequer das notas de rodapé da história do município. Por isso, conscientes da própria limitação, não se aventuravam em buscar como os ocidentais pelas circunvoluções cerebrais da fantasia e dos livros, as verdades imutáveis da religião e da ciência, as quais, através das ilusões do Estado e do Capital, nos governam até agora pelas toupeiras paranóicas da lei. Apesar do convite milenar, nem sequer lembraram de escalar o Olimpo Filosófico dos gregos, e, diferentes dos gregos, aprendiam com a linguagem velada dos astros do céu. Esta fonte de inspiração era obrigatória, pois que estavam confinados entre os morros dos Giovannas, dos Sigolinis, do velho Pozza e dos Dall'Oglios e do monte da Igreja Católica de Pedra São João Baptista...

Como na Grécia de Péricles eram democratas e viviam tranquilos. Levantavam para trabalhar, e trabalhavam principalmente para descansar e dormir. Aos domingos, desde que pagassem aos padres, estes perdoavam-lhes as faltas cometidas, principalmente se os pecados fossem praticados com as madalenas jamais arrependidas. Caso contrário, como outros pecadores cristãos, bandeavam-se para os conselheiros "freudianos" (ou sábios intérpretes de Freud) e religiões afins. Aos domingos depois da missa, jogavam bisca, quadrilho, mora, escova, solo, truco e a talha dos viciados era composta por dez copos, duas garrafas e um garrafão de vinho. Nunca faltava tempo para ouvir as estórias do Dolfo e os causos do Falero. Sempre havia naquela cidade e aos domingos pão fresco com salame e queijo. Para esquentar o frio do inverno, as crianças enchiam um "prato fundo" de leite quente com café, duas ou três fatias de polenta "brustolada" e meia lua de queijo. Mesmo sem o controle das pílulas, o número de casas da cidade foi sempre o mesmo durante noventa anos. Morriam alguns, caíam algumas casas velhas de madeira. Nasceram outros, novas casas de madeira eram feitas para abrigar os filhos, porque lá não havia bueiros, bocas-de-lobo, pontes e latas enferrujadas ou esburacadas para abrigar desnutridos como se vêem em muitas capitais, dignas representantes da cultura ocidental...

A Grécia foi denotada pelos inimigos externos e internos e poucos de nós estiveram presentes nos corredores da alma dos gregos para saber realmente as causas da decadência. Os católicos puritauos e os antifreudianos

não têm dúvidas: foram os excessos sexuais que etemamente desencadearam a luxúria e a corrupção dos costumes...

Os motivos da decadência de NB, cientistas políticos daquela cidade tinham certeza, começaram por uma malformação congênita cerebral. Muitos dos filhos daquela cidade, principalmente os que disputavam o poder para oprimir os trabalhadores (assalariados ou não), nasciam com um único neurônio na cabeça: ou do hemisfério cerebral direito, ou do hemisfério cerebral esquerdo. O neurônio do lado direito optava pelo deus-lucro, filho da deusa-economia e era promovido pelo Capital. O neurônio esquerdo também optava pelo deus-lucro, filho da deusa-economia e era promovido pela ditadura do Estado. Nem Freud em pessoa, diante de tão poucos neurônios na cabeça daqueles viventes com tal mal hereditário, poderia tratar a ausência das manifestações afetivas do hemisfério cerebral feminino (direito), ou as taras científicas matemáticas do hemisfério cerebral masculino (esquerdo), as quais conduziriam provavelmente ao suicídio individual ou coletivo da humanidade, se este mal não fosse contido pela decadência de ambos que alguns já vislumbravam há 150 anos.

As lutas ideológicas originadas pela malformação congênita cerebral determinaram combates ferozes nos Coqueiros Alto e Baixo. Berlina. Jacarezinho, Pinheiro, Estefânia, Tigrinho e Caçador. Na Sobra, subúrbio de pretos, brancos pobres, amarelos e índios do município ninguém registrou combates. Não havia sequer guerrilheiros. Ali se morria de fome, porque enquanto trabalhavam, outros cobravam impostos sobre salário, para com este dinheiro fazer a "Guerra nas Estrelas", objetivo de vida dos mocinhos norte-americanos. Era desesperador. Havia, para aumentar a confusão, um anarquista, sobrevivente único com quatro neurônios na cabeça: um capitalista e individualista, um para a sociedade que pretendia controlar quem governa, um para amar e outro para socializar a humanidade. Irritante com muitos quês (cópia dos nossos universitários letrados) dizia numa linguagem simples: NB era um município que tinha uma dívida e não podia pagar, subordinado a um Estado que tinha uma dívida e não podia pagar, pertencente a um país que tinha uma dívida e não podia pagar, que estava num planeta onde todos os países devem, e os controladores do poder recolhem impostos logo condicionados em supositórios, os quais milagrosamente transformam-se em fecalomas cerebrais promotores das revoluções e guerras universais. Teimoso como as pedras que não saem do lugar, apesar dos pontapés (e são muito comuns em NB) dizia que depois de Napoleão a humanidade estava aprendendo progressivamente que existia no interior do crânio um cérebro triúnico, bissexuado, responsável pela defesa e reprodução da espécie e responsável também pelas emergências acentuadas da consciência, inteligência e pensamento pouco evidentes nos animais. Este anarquista não compreendia, contudo, por que a humanidade negava como propriedade

encefálica as manifestações da amizade, solidariedade e gratidão, atribuindo estas propriedades aos bons espíritos, ou aos espíritos e padrecos deslumbrados, negando ainda que ditas propriedades fossem emergências cerebrais resultantes de uma associação de 100 bilhões de células neuronais.

Este bresciano, a conselho de Edgar Morin, pretendia elaborar uma ideologia política aberta, sem se tomar religiosa como aconteceu com o Capitalismo e o Comunismo nisso. Esta teoria, não teria pela base nem a deusa-economia nem o filho sagrado, o deus-lucro. A teoria estava sendo elaborada com o auxílio da origem dos astros do céu, da organização do átomo, da vida e do amor. Contudo, este louco objetivo contrariava, na NB daqueles tempos, uma sociedade de merda hipócrita, vivendo para acumular dinheiro e poder. Mas fiquem tranquilos. Este bresciano, como os mestres que lhe mostraram outras das tantas faces da Vida, foi preso, algemado, amordaçado, confinado no São Pedro, nosocômio ilustre da Capital, de um sistema federal previdenciário, depois torturado e morto e, como os demais, teve os ossos extraviados para não contaminar a AIDS do jazigo terrestre.



## A RELIGIÃO

*Aos deuses*

*Imploro homeostase*

*Á Vida*

*Conhecer, conviver e amar.*

Todos sabem que Zeus era o mais poderoso dos deuses da Grécia. Deus sempre foi o mais poderoso dos deuses de NB. Entretanto, o "Dio" dos italianos sintetizava poder, sabedoria, afeição e justiça. Se algum dos brescianos, cultivando a terra que produzia alimento para trabalhadores urbanos ou miais, fosse atingido pelas pedras ou tocos da "roça nova", a pedra ou o toco que lhes arrancavam algumas unhas dos dedos do pé era propositadamente colocado pelo "Dio" dos italianos: dor e blasfêmias contra a injustiça divina sempre foram necessárias para que os brescianos alcançassem o céu e gozar, depois de mortos, as delícias e os prazeres do paraíso eterno.

Quem gerava muita coisa no mundo dos gregos era Métis, mãe de Zeus. Com ciúme da mãe que vivia parindo, Zeus, o deus-filho, matou a mãe. Não há qualquer referência bibliográfica de que brescianos ou filhos de brescianos tivessem um dia morto a uma mãe. Porém com certeza, muitas mulheres privilegiadas, aceitando o gentil convite da divindade para participarem do céu, morreram antes de serem estranguladas pelos maridos se, casadas, apresentassem qualquer vestígio do comportamento possessivo "delia mamma".

Alguns brescianos fanáticos diziam ainda que Zeus ra mentiroso: não matou a mãe apenas por ciúme. Trucidou Métis porque esta gerou, no Planeta Azul do sistema solar, uma única cidade como NB. Afirmavam ainda que muitos cristãos ou católicos do mundo ocidental, aos domingos, costumavam se arrepender dos pecados que iriam cometer na próxima semana e para estes então era confortável adorar um deus que fez o mundo a partir do nada, principalmente porque com nada para dividir os deuses e os homens facilmente se entendem. Para os brescianos, nem Metis nem Zeus eram deuses, porque os deuses são eternos e estes deuses foram mortos pelo deus cristão do mundo ocidental. Se este deus ocidental fosse realmente bom não teria feito o Universo por sentir-se só ou estar só. Teria gerado tudo e todos por amor. Generoso, não teria acabado com a raça dos deuses gregos, romanos ou deuses menores dos povos desaparecidos. Competente, teria feito para os deuses menores uma creche e para os mais velhos teria dado a incumbência de cuidar do trânsito brasileiro como se faz nas cidades da China. Inteligente e pensante, não permitiria ser colocado em plano secundário pela deusa-economia com a ajuda de um filho pernicioso, o deus-lucro...

Apesar destas considerações materialistas, não compreendiam a humanidade sem mitos e ritos e muito menos atreviam-se a agravar a tensão entre os deuses do capital cristão e judeu, ou entre estes deuses do ocidente com os deuses dos povos do Oriente Médio que, generosos, depositaram petróleo no solo dos árabes. Quinze séculos de perguntas permaneceram sem resposta: os fantasmas nunca responderam aos brescianos por que os povos do oeste associavam a bênção da divindade ocidental com o dinheiro da força para comprar petróleo a baixo preço. Perguntavam também por que o poder do deus ocidental protegia as empresas se estas construíssem alguns países de primeiro mundo e eternamente fabricassem armas de guerra, trancafiando nas cadeias do inferno penitenciário brasileiro os pequenos ladrões de galinha e os meninos de rua do terceiro e quarto mundo.

Apesar de tudo, os brescianos sempre foram prudentes com o desconhecido. Muitas vezes, inclusive, foram vistos bêbados de angústia, ajoelhados, suplicando ao deus dos norte-americanos que vendesse aos índios alguns hectares de terra, nem que fossem roubadas dos colonizadores ingleses a baixo custo ou a longo prazo ou com juro bem menos salgados e eternos daqueles cobrados pela eterna dívida externa brasileira. Se este favor concedessem, até os índios tupiniquins das outras Américas poderiam continuar caçando pelo menos búfalos de farináceos recobertos com rapadura sem amendoim, vestidos com calças jeans, bebendo fumo com cachaça, dependência medicamentosa, coca, maconha, crack, doenças cardiovasculares, câncer, desnutrição e doenças infectocontagiosas.

Porque respeitavam os mitos, sonhos e fantasias, os brescianos costumavam dizer que os deuses eram gerados e mortos pela incompetência

e crueldade humanas, as quais, com ou sem as luminárias fluorescentes ou de mercúrio ou da razão, ainda não tinham visto perambular pelo planeta o sentimento afetivo da amizade, revelado pela etologia no comportamento das aves, mamíferos e antropóides, emergência afetiva também inserida nos hemisférios cerebrais do Homo sapiens. Extremamente irritados, contrariavam Sócrates e os cientistas civilizados dizendo: se os cães têm amigos, nós humanos, temos o direito de cultivar a amizade com o mesmo carinho com que se cuida da fragilidade e sensibilidade das flores...

Pelas razões ou apelos lógicos acima referidos, o espírito dos brescianos venerava apenas os deuses cosmopolitas vestidos com a toga que louva a simplicidade matemática do trabalho, da vida e da poética diversidade e individualidade humanas.

Reformadores religiosos, aconselhavam os homens construírem, no próprio interior, templos enormes para abrigarem com espaço e tranqüilidade a amizade, a solidariedade, a gratidão e o amor. Se estas emergências cerebrais fossem também agasalhadas e praticadas pelas igrejas construídas no coração dos homens, os homens não teriam medo de viver e morrer num planeta condenado girando em torno de um sol decadente e de arrabalde, explodindo em delírios agônicos com a cabeleira em chamas...

Mesmo nos mastros de uma vida efêmera e frágil, protegida apenas pela palidez da lua, os brescianos pretendiam transformar a Terra numa nave espacial universitária para que o conhecimento gerasse a Vida em outros planetas, os quais, solitários e estéreis giram ao redor do sol sem os motivos da consciência do silêncio e as razões dos sonhos.

Cansados de um deus católico extremamente severo que condenava os pequenos e insignificantes pecados bêbados de quem é gerado pela mãe miséria urbana ou rural, considerando injusto permitir que eleitos degenerados vivessem em palacetes livres da geada e das enchentes celulares provocadas pelo desequilíbrio hidro-eletrolítico da fome, considerando má-fé a pontaria do "Dio" dos italianos que colocava as pedras e os tocos da roça nova por onde passavam os dedos com as unhas dos pés, considerando a amargura pela perda de esperança acumulada, apesar das novenas repetidas de nove em nove dias durante nove mil anos, nove meses e nove dias feitas a muitos deuses, ou então virando a mesa e fazendo novenas intermináveis de nove em nove minutos e nove segundos para homenagear um único deus que não responde, livremente resolveram abandonar a imaginação do medo e adorar a Vida, a única deusa que ensina a viver, conhecer, conviver e amar. Louvando na canção e nos versos a deusa Vida, com ela perambularam pelas catedrais das páginas dos livros sagrados, testemunhas indiscutíveis da fantasia e amor humanos. Felizes e matreiros, durante a viagem solicitavam a esta deusa que os filhos dos homens, quando amantes, livremente pudessem amar pelas

planícies onduladas dos pampas, ou profundamente enovelados como os moluscos acasalados rolassem pelos véus luxuriantes das chamas incandescentes dos despenhadeiros do monte de Vênus e, depois, dormirem protegidos pelos cobertores coloridos do arco-íris nas planícies dos anéis de Saturno...

## A DEUSA

*A Vida*

*Fantástica aventura.*

*A Morte*

*O Caçador*

*Que protege a Vida.*

Os políticos brescianos, mortos em abril de 1967 da era brasileira do terror, trabalhavam como lazer e forma de prazer durante 363 dias por ano. Havia um dia de terror (22 de junho) para as aves: matavam, fritavam e comiam com polenta e rúcula e radíchi, regados a vinho tinto seco, todos os pássaros que encontrassem pela frente. Respeitavam apenas os beija-flores e os joões-de-barro. Nesse dia desapareciam da cidade todos os doentes cardíacos, renais, hipertensos ou ulcerosos e diabéticos. Não havia gordos nem maníacos sexuais, nem fofinhas com problemas de hipercolesterolemia fazendo Cooper pelos cerros do Caçador, ou carregando pedras nas costas como as cabritas deslumbradas desde o leito do Arroio das Pedras para trás dos morros dos Borsatos e dos Lastes fazendo alguns quilômetros morro-acima pulando as taipas... Todos comiam e bebiam além da imaginação e hibernavam depois das refeições como os batráquios...

Dormindo profundamente na noite da véspera, sonambulando levantaram da cama na madrugada do dia de São João Baptista, no princípio dos tempos pré-diluvianos, com tiros de morteiro carregados com o fogo do

vinho do velho Pozza e do grego Heráclito. Sobressaltados lembraram de um compromisso: fazer um churrasco para as classes de trabalhadores de todos os povos. Imediatamente dirigiram-se para o galpão da paróquia e começaram a espetar a carne, enquanto na Igreja de Pedra, o padre, expulso da Roma de Nero, rezava missa na intenção das devotas de Madalena para que estas não perdessem o emprego na zona rural. Na cidade, as pinóias casadas e solteiras haviam corrompido a profissão...

As 10 horas os espetos já estavam prontos. São João Baptista, padroeiro da Igreja de Pedra, liberava o cordeirinho para urinar, aliviar o saco, livrando-o da infecção urinária e gozar do capim da praça com a companhia saudável dos bois, burros e cavalos políticos brasileiros que se atribuíam vantagens e salários, substituindo assim o trabalho de legislar pelo bem comum. Enquanto o padroeiro em procissão era carregado pela fé dos que exploram o trabalho alheio, ergueu-se da churrasqueira o misterioso manto negro das trevas que cobriu a face do abismo. Para felicidade de todos, entretanto, acendeu-se na churrasqueira o fogo do grego Heráclito. A cidade voltou, então, a brilhar como o sorriso dos olhos das crianças que se vê nos astros do céu. No meio das chamas e das descargas eletromagnéticas a coroa eletrônica externa dos átomos de carbono juntava-se feliz com os átomos de hidrogênio e nitrogênio, s vezes intercalando fósforo, enxofre ou magnésio ou, ainda, moléculas de água dissociadas, construindo nos céus de NB moléculas ou escadas lineares, ramificadas e espaciais. Os católicos sequer podiam imaginar o espetáculo e as cristãs, temendo o fim do mundo, cobriam o rosto com a saia hipócrita das esmolas. Os donos do Capital ajoelhavam-se adorando o átomo de carbono como o pai da era industrial. As mulheres o desejavam como diamante lapidado segundo a vontade dos seios generosos. O escrivão e filho, vizinhos da Igreja de Pedra e subprefeitura, acostumados redação de documentos falsos explorando eternamente os pequenos proprietários de terra, utilizavam-se do átomo de carbono como grafite do lápis. A subprefeitura dele se servia como combustível para manter a modorra da máquina burocrática, gastando em propaganda nos lupanares e negociatas das tevês o imposto cobrado sobre a venda e compra de alimentos, roupa e remédios e material escolar para cobrir a isenção de impostos s revistas pornográficas, defensivos agrícolas e refeições dos restaurantes de luxo...

Sem saber a origem daquele fenômeno, a hipótese científica transformava aquelas escadas de afetividade celestial em coacervados, moléculas proteinóides, ou estruturas genéticas com capacidade de auto-organização, informação e autoperpetuação. Os pesquisadores deslumbrados de NB atiraram a escada molecular altamente complexa para dentro da gamela da salmoura que no galpão estava pronta para salgar a carne. De repente, sobre a cidade desabou um violento temporal acabando com a ilusão da ciência sem manifestações afetivas. As águas da chuva inundaram o assoalho do

galpão e arrastaram a gamela da salmoura com as moléculas construídas pela coroa afetiva do carbono para dentro da valeta que circundava a praça. As águas levaram a gamela que passou na frente da rodoviária, do hospital, do centro telefônico, passou por debaixo da ponte, despediu-se da ferraria dos Possamai, pulou a barragem dos Peroti, alcançou o arroio Jacarezinho, o Jacaré, o rio Taquari, o Jacuí, a Lagoa dos Patos e chegou ao Atlântico contaminando todas as águas do planeta...

Contudo, as crianças em festa viram que pela escada feita de moléculas de átomos de carbono descia uma deusa inicialmente pequena e frágil. Microscopicamente trajava um vestidinho de chita, bordado com as moléculas matemáticas da poesia. Não parecia uma chinoca sem alma e também não ostentava nos lábios o batom das bonecas produzidas e leiloadas pelas empresas do consumo plastificado. Construída de amor divino ou, quem sabe, de cristalino e divino humano amor, acomodava-se num gaúcho banquinho de galpão e dividia com os brescianos o sabor de um mate calado. Trabalhadora consciente e de trabalho vivente, sensível, contente, de semelhante humanidade pensante e humanamente divina, empunhava pincel atômico-molecular. Trazia na palma da mão o silêncio afetivo das fibras cardíacas estimuladas pela malha sensível da rede de Purkinje, utilizando-se de um alfabeto particular, representado por um conjunto de 20 aminoácidos (monômeros primários) com os quais fazia as consoantes protéicas de todas as espécies vivas. Como vogais, utilizava-se de oito aminoácidos, quatro para o DNA (ácido desoxirribunucleico) e quatro para o RN A (ácido ribunucleico). Enquanto as moléculas associadas em cromossomas do DNA e RNA computavam as informações ecossistêmicas do planeta e dos astros do céu para se defender, sobreviver, viver, conviver e se autoperpetuar, fazia de glicose as reticências, os pontos de interrogação e exclamação que caracterizam a expressão dos versos. Na profundidade das águas de um mar de bom chimarrão, os brescianos adoravam a Vida, que compunha versos de complexidade extraordinária. Um dos mais simples, o poema da bactéria *Escherichia coli*, era escrito a partir de uma combinação de consoantes que estavam representadas por 3.500 proteínas diferentes. Como vogais utilizava-se de 1000 aminoácidos também diferentes entre si, sem qualquer repetição de qualquer vocábulo, trançando e bordando um emaranhado atômico de sonhos humanos que somente os deuses sabem elaborar, confessando no olhar a alegria da amizade que se reflete nas correntezas e nas cascatas de consciência transparente. Invocava o amor como fonte de inspiração para a arte e a poesia. Movendo-se entre os espaços atômicos ou moleculares sentia-se frágil e pequenina como o deus-menino da manjedoura de todos nós. Com medo do Universo que explodia para se consumir nos poços-negros do nada (direção entrópica), direção oposta a Universo adotava, preferindo a neguentropia, escondendo-se nas fendas que se vêem entre os penhascos e rochedos dos mares que milhões de vezes a estraçalhavam e bilhões de vezes

renascia com vontade tenaz para o mar possuir, a terra fecundar e nos céus desfilar. Se não gerava energia como manda a primeira lei, à segunda lei da mecânica calórica também se submetia e, feliz, no trabalho, parcela de energia se dissipava sem jamais poder recuperar. Associou-se à morte para ressuscitar e se reproduzir, e o planeta povoar. Inexorável nas atitudes limitava a existência do indivíduo de cada espécie e determinava: multiplicai-vos, sem esquecer que o filho não será igual ao pai nem à mãe, nem ao irmão ou irmã. Como experiência única na natureza, cada um será eterna promessa de reevolução, promovendo igualdade na diversidade e complementaridade na complexidade... No pergaminho das águas do mar e dos rios, começou a conquista pelas bactérias anaeróbicas as quais geraram mutantes extraordinários, aeróbicos, azuis e depois verdes liberando oxigênio para o planeta respirar. Centralizou posteriormente, as informações e comando no núcleo celular responsável também pela reprodução e uma única célula exercia as funções de absorção, secreção, excreção, sensibilidade, irritabilidade, motilidade, respiração e reprodução. A deusa aproxima as células. As células compreendem, tentam e conseguem viver associadas em verdadeiras colônias. Nas colônias, devagar, cada elemento celular trabalha, se especializa, se encarrega de trabalho particular em benefício do todo ensinando assim que o socialismo anarquista pode controlar o egoísmo. Os multicelulares não param. Obedecem à deusa e tecem rapidamente um novo bordado para um planeta abandonado por Deus, povoando-o de animais de todas as espécies, inclusive animais de aparência humana ou humanos. Aos homens aconselha: os vales são para o repouso; as montanhas, para possuí-las. E para o Universo um desafio democrata e anarquista: agradecemos vossa permissão para existir, mas não suportamos vosso domínio eterno. Povoaremos completamente vossa extensão e em troca receberéis nossa consciência de existência e dividiremos convosco o sabor de viver e morrer. Aos homens também leva recados e presentes: guiarão vossos passos uma consciência, uma inteligência e pensamentos privilegiados, mas não esqueçais: tendes no cérebro 3,8 bilhões de anos de primitivismo que deveis controlar, e para isso deveis descobrir um caminho e por ele andareis. Somente este caminho protegerá os fracos, corrigirá as insólitas veredas do fracasso, a loucura ou os erros da paixão, da inteligência, da consciência e o pensamento do neocórtex cerebral e eternamente ele vos dirá que a verdade estará a um passo de nós. A procura da verdade será nosso destino comum...

Agradecendo o chimarrão, filho da Lua que faz amigos, afastou-se deixando uma parcela da alma em NB à qual aconselha cultivar as flores para suavizar ou tomar transparente o turvo olhar das lágrimas da autocompaixão. Presente em todas as espécies, descobrindo novas fontes de subsistência, livrando o planeta da esterilidade entrópica do mal a todos nós acordou um dia de um sono abissal...

## ESCOLA PLANETÁRIA: SOLUÇÃO POLÍTICA

*"Não posso exprimir quanto desprezo tem por nós, por chamarmos de ignóbeis os artífices e de nobres os que, não sabendo fazer coisa alguma, vivem no ócio e sacrificam tantos homens que, chamados sérios, são instrumentos de preguiça e de luxúria; dizem ainda que não é de admirar que dessas casas e escolas de torpeza saiam catervas de intrigantes e malfeitores, com infinito dano para o interesse público"*

*(Tommaso Campanella - 1568-1639 - A Cidade do Sol)*

Naquele tempo, enquanto os gregos reuniam-se para investigar, discutir e pesquisar a decadência de Atenas e a ascensão de Esparta, a suntuosidade filosófica dos templos gregos impunha disciplina e organização dos pensamentos...

NB, recém-nascida, tinha apenas um templo. Não era filosófico, era a Igreja de Pedra São João Baptista preocupada apenas em louvar e bajular a humildade dos pobres. Esta igreja mantinha-se indiferente ás atrocidades que se praticavam para conduzir a ascensão da civilização branca de Coqueiro Baixo (subúrbio dos brancos de NB) ou a decadência da Sobra (subúrbio dos pobres negros de NB)... Fazia oposição Igreja de Pedra um salão enorme que

não era nem suntuoso nem sagrado. Era de madeira. O dono não era um crente, era o Clemente que, avesso ao sistema religioso católico de NB promovia um baile por ano, condenado por esta razão durante a quaresma, nas Festas de Pentecostes, no Advento, no Natal, no Primeiro do Ano e no Carnaval. Geralmente a bailanta coincidia com o dia da Pátria, quanto as meninas acima de quarenta anos se concediam o direito e o dever de declarar independência separando-se definitivamente da opressão da virgindade inútil...

Muitas coisas estranhas ou coincidentes com a atividade da libido, naturalmente aconteciam naquele baile. Na ocasião, os brescianos politizados costumavam aplaudir felizes um par de bailarinos excepcionais, para muitos invisível e raramente palpável. O Amor carinhosamente enlaçava, protegia e promovia a Amizade com gratidão e solidariedade pela cintura das ideologias afetivas louvando a Vida.

Mas a cultura do lado ocidental da cidade não conseguia libertar o Amor enterrado na região do períneo. Como os gregos, o mesmo lado ocidental de NB, colônia do hemisfério norte, não acreditava na Amizade e concordava com os gregos ser o Amor o mais velho dos deuses. O subprefeito, o poder religioso e militar e fabriqueiros, que enriqueciam com o lucro das festas religiosas, tinham certeza: com aquilo que não existe (amizade), geneticamente associado com o que é velho (amor), poder-se-ia gerar monstros anticapitalistas e anticomunistas. Por isso o Amor e a Amizade, na mesma noite e no fim do baile, eram expulsos da roda do poder que, propositadamente, para melhor acolher os professores e profissões afins, promovia tremenda confusão entre os paroquianos e os padres expulsos da Itália, que aportaram em NB pelos mares do inferno da virgindade eternamente perdida na fantasia das megalópoles onanistas. Por causa do baile, a revolução promovida pelo poder para escravizar a classe dos trabalhadores (assalariados ou não) durava 364 dias. Fiéis, frades, freiras, fabriqueiros, militares e civis mantinham discussões e brigas diárias intermináveis e estas tomavam-se mais amenas se uns torturassem os outros.

O proprietário contaminado pela convivência dos costumes da cultura ocidental, não perdia tempo. O mesmo toque de sinos que anunciava a paz era também o recomeço da guerra eternamente santa e indispensável para aplacar a ira de Deus contra pagãos e cristãos. E após 364 dias de peste, fome e guerra, exatamente no 365\* dia. novo baile e nova revolução. Alguns marcianos, que observavam os combates, diziam sem medo de errar que NB não era uma cidade: era um saco de cães e gatos, contendo capitalistas e comunistas confinando os trabalhadores nas cloacas do poder que tinha um único objetivo: fornicar com a inflação (ou emissão de dinheiro falso) a vida de todas as espécies...

Evidentemente havia momentos de calma para respirar o ódio crescente muito bem revelado nas olimpíadas, quando máquinas atléticas, geradas para vencer, diziam aos telespectadores da aldeia que nos países consumidores de medalhas não havia brigas familiares por herança, e tudo ficava na santa paz dos cemitérios, quando pela manhã a plebe consumia estimulantes para roubar, álcool para bater, torturar ou matar, medicamentos para perpetuar a letargia da consciência e fumo para morrer de embolia cardíaca determinada pelas pílulas das emoções geradas nas novelas pornográficas mentoras intelectuais da unidade familiar.

Cegos, surdos e mudos para a filosofia dos gregos, europeus ou norte-americanos, os políticos brescianos imunes também aos favores indecentes do poder, apenas no salão de madeira ou nos porões dos bodegueiros encontravam local para discutir as bases de um partido político, inspirado nos princípios anarquistas da evolução biológica, não vislumbrada ainda pelos biólogos atomizantes. Este partido embrionário era eternamente sufocado pela deusa economia, filha do médico inglês William Petty, amigo de Newton. Vimos anteriormente que esta^ deusa com o filho reduziram o cérebro dos pretendentes ao poder a dois neurônios: um da direita e outro da esquerda. Contudo em NB, estas malformações congênicas dos últimos 200 anos não haviam comprometido a todos. Os brescianos livres desta alteração genética, sofriam punições severas. Quem dos bairros leste ou oeste da cidade tivesse na cabeça o neurônio da direita, da esquerda e ainda outras centenas de neurônios para pensar e respeitar a individualidade, e também a liberdade dos demais, era condenado a trabalhos forçados na Sibéria ou, como faziam os cristãos espanhóis que povoaram a América Latina, cortavam estes miseráveis em pedaços para alimentar cães de caça. Quem nascesse na América Latina ou no Oeste e tivesse na cabeça o neurônio da esquerda servia de cobaia: Dimitrioni, enviado a Deus pelos tupamaros uruguaios, ensinava torturar para "currar" a virtude...

Na última reunião política aberta ao público da década de 70, os brescianos decidiram perguntar Vida por que as culturas do Oriente e do Ocidente se associavam ao capitalismo e comunismo do leste europeu para alimentar os quatro cavalheiros do apocalipse. A Vida, a deusa dos brescianos, irritada, revelou:

— A história oficial foi escrita pelos bajuladores do poder sob orientação do paleoencéfalo; em particular, pela amígdala cerebral que está na região límbica. Procurem controlar o animal primitivo desta área e, por favor, escrevam uma história dirigida pelos hemisférios e neocórtex subordinado emergência cerebral do Amor, porque esta é a única propriedade sensível capaz de mostrar no palco do planeta meu trabalho e minha arte.

A resposta da Vida explodiu como uma bomba e acendeu o fogo do grego Heráclito (540 a.C. - 476 a.C.) o qual exclamava em meio a chamas poéticas: "Este cosmos, o mesmo para todos, nenhum dos deuses ou dos homens o fez. Pois é e sempre será o fogo que se acende e se apaga na mesma medida. Com o fogo se permutam todas as coisas e o fogo como o ouro se permuta com as mercadorias e estas com o ouro..."

Enquanto as chamas do fogo da melhor sensibilidade grega tentavam destruir os relatos da matança da história oficial ensinada nas escolas, os brescianos que morreram descobriram ao redor do fogo grego da nova história representantes do povo trabalhador, entre os quais estavam Buda, Jesus Cristo, Gândi, Confúcio. Sócrates, Pitágoras, Aristóteles, Dante Alighieri, Miguel de Cervantes, Montesquieu, Maquiavel, Mendel, Galileu. Keppler, Shakespeare, Guttemberg, Santos Dumont, Goethe, Pasteur, Virchow, Beethoven, Verdi, Mozart, Freud e num banquinho especial, Leonardo da Vinci que perdoava Miguel Ângelo. Para surpresa dos brescianos, todos veneravam a Vida a qual, num gesto de amor pela humanidade, calmamente retirou da profundidade insondável do coração um ponto de densidade infinita. Liberando as teorias astronômicas da Física e Matemática para surpresa de todos o ponto explodiu...

Enquanto o fogo da explosão se expandia com a velocidade da luz, Carl Sagan, astrônomo e físico norte-americano, na linguagem traduzida pelos brescianos, ensinava a fazer cálculos; "Vamos supor um ano cósmico com a duração de 20 bilhões de anos-luz. Se a Vida, a deusa dos brescianos, determinou que o momento da explosão correspondesse ao primeiro instante do dia primeiro de janeiro, nossa Via-láctea se fez no dia primeiro de maio, por coincidência, no Dia do Trabalho. No dia 09 de setembro se organizou o Sistema Solar e no dia 14 se fez a Terra. No dia 26 do mesmo mês a Vida desceu dos céus de NB e se estabeleceu no planeta, e em 29 de outubro a Vida gerou as algas azuladas e verdes. No dia primeiro de novembro, dia de Todos os Santos, para alegrar Freud, apareceram os primeiros organismos sexuados, e três dias depois do Natal a Vida se ornamentou com flores para sensibilizar a ranhete de mulheres casadas. Às 13 horas e 30 minutos do último dia, nasceram os ancestrais dos hominídeos e, às 22 horas e 30 minutos o homem nasceu, domesticando o fogo. Nos últimos nove segundos o homem escreveu a história do poder reptiliano que destrói a amizade e nega o amor e, por inspiração divina deste poder, no último instante, nos primeiros dias de agosto de 1945 explodiram as bombas de Nagasaki e Hiroshima..."

Com terror de guerra estampado na face, os brescianos, sempre sonhando acordados, abandonaram o salão e foram para casa proteger os animais, a terra, a água e os vegetais, a mulher e os filhos, enquanto os sinos da torre da Igreja de Pedra, numa tarde de pouco sol anunciavam para a humanidade o fim e o começo de nova guerra. Perplexos, os trabalhadores de

todas as profissões contemplavam a radioatividade nas mãos gerando milhões de mortos amontoados pelos cantos da consciência. Muitos homens e mulheres tentavam esconder inutilmente o rosto na covardia da alienação e todos se acusavam pensando assim amenizar a própria culpa. As mulheres atônitas procuravam pelos interiores uterinos ressuscitar a imagem dos filhos mortos. Estes não comiam nem bebiam, nem se queixavam de dor ou exultavam de paixão. Os filhos também não se escondiam pelos cantos da casa ou pelos paióis de alfafa, feno ou milho, arrastando com eles as namoradas para comê-las como se trucidada a fome. E as filhas também não brincavam de esconder no porão para se amontoarem com pão e vinho e namorados como elas, as mães, faziam quando solteiras. Nos pratos a polenta cobria-se de fungos, o queijo, de vermes, e o pão solitário e seco ouvia o tilintar dos copos de vinho contaminado pela radioatividade cantarolando a sinfonia da morte que destruía o direito de viver para conhecer, conviver e amar. Sem nada dizer do amor e da dor de mãe que se enovela e se dissolve nos filhos estraçalhados pela metralha, os brescianos perguntaram aos fantasmas dos mortos, se no outro lado do mundo, a alma contaminada pela radioatividade gerada pelas tiranias do lucro e do Estado, estaria livre da leucemia, do câncer da tireóide e dos ossos...

Como os fantasmas dos mortos respondessem negativamente, acentuou-se na consciência dos brescianos que enquanto não se encontrasse um conceito de trabalho satisfatório respeitando e louvando todas as classes trabalhadoras, também não haveria solução pacífica para as relações humanas, políticas, sociais ou ecossistêmicas.

Obrigados pelos acidentes geográficos a contemplar e dialogar com o silêncio dos astros, sempre auxiliados pelo fogo de vinho do grego, encilharam bons cavalos crioulos que ainda existem no Rio Grande do Sul, e de trote largo cavalgaram pelos atalhos do céu, descansando noite nas planícies dos anéis de Saturno. Pela madrugada abandonaram a ordeira família do Sol procurando em outros mundos um conceito de trabalho que fosse salutar para satisfazer as necessidades da sociedade humana.

Sempre galopando pelos vales cósmicos profundos, por onde a gravidade que existe entre os astros é menor, cedo visualizaram a montanha do centro da Via-láctea de onde começava o disco da espiral, tocado por um porre doido de samba-rock. Da linha equatorial do disco eram arremessadas pelo espaço, provavelmente as mesmas radiações e partículas elaboradas pela sabedoria da Vida durante a explosão do ponto de densidade infinita. Pela esteira do caminho por onde desfilavam as micropartículas subatômicas e raios energéticos, os céus povoavam-se de estrelas-mães, filhas, avôs, anãs, planetas, cometas, satélites, meteoros e meteoritos como se estivessem assistindo s explosões de amor da noite de São João que se podia ver na NB antiga. Os astros velhos e mortos eram enterrados nos buracos negros...

De repente um dos brescianos apontou para um monstro sem luz e exclamou:

— Os gregos mentiram. Zeus não matou a mãe. Métis está viva e vai parir uma estrela...

Rapidamente um dos viajantes despencou dos ombros a sacola dos "hyppies". Tirou de dentro a ferramenta, enquanto Métis, mãe de Zeus, descrevia as dores do trabalho de parto:

— Do centro da espiral galáctica são arremessadas para o espaço luz, calor e todos os tipos de energia e partículas subatômicas geradas na explosão do ponto de densidade infinita. Estas partículas estão representadas por quarks de vários sabores: botton, charmed, dow, strange, top, up e porque estas partículas não se expressam em inglês ou no dialeto italiano castiço de NB, a humanidade ainda não sabe quantas existem. Direi apenas que estas partículas têm quatro tipos principais de força: eletromagnética, gravitacional, força nuclear forte e força nuclear fraca. Há ainda uma classe de partículas portadoras de massa e partículas portadoras de força. Um próton, por exemplo, estaria constituído por um quark azul e um vermelho, ligados por um conjunto de glúons (geradores de força). Todas as partículas estão submetidas lei da gravidade de Newton (se Galileu e Keppler não tivessem existido, Newton a teria descoberto?) que assim se define: matéria atrai matéria na razão direta das massas e no inverso da distância que separam estas massas. Envolvidas ou subordinadas aos gravítions, as partículas obedecem a Edgar Morin e se atraem, se repelem, se interrelacionam por forças concorrentes, antagônicas e complementares. Agregam-se e constituem o átomo mais simples: o átomo de hidrogênio. Os átomos de hidrogênio interestelar também se atraem, agrupam-se e constituem moléculas de hidrogênio as quais compõem estes monstros desprovidos de luz. As moléculas portadoras de massa também se atraem e no centro da nuvem, se adensam violentamente, friccionam-se, e do atrito resulta calor. Quando este atinge uma temperatura de 500.000 K, o hidrogênio desintegra e explode em bombas, as quais liberam mais luz e mais calor. A violência das explosões determina expansão da nuvem que é parcialmente anulada pela força gravitacional. Esta força determina nova condensação, novo atrito, mais calor e novas explosões. Com mais calor e mais e mais explosões o centro da nuvem se expande e se toma incandescente. Os fótons liberados pelas explosões podem demorar 1 milhão de anos para alcançar a periferia da nuvem e então a estrela mãe começa a brilhar. Vejam! exclamou Métis. Os fótons estão chegando superfície; a estrela começa a brilhar. Dêem o fora se não quiserem ser volatizados pelo calor ou metralhados pela radioatividade...

Enquanto se afastavam puderam ver a estrela-mãe explodir em nova ou super-nova e arremessar para o espaço estrelas-filhas semelhantes ao Sol. Em louca disparada fugiram sem olhar para trás e, muito cansados, decidiram

acampar numa das planícies da lua nova porque, nesta fase, não poderiam ser vistos pelos terráqueos. À tardinha, de novo acenderam com um copo de vinho tinto o fogo do grego Heráclito» Com o chimarrão dos gaúchos, catarinenses e dos homens dos pinheirais curitibanos contemplavam a Terra. Sem serem vistos pelos líderes políticos atuais puderam contemplar a segunda Babel Humana, construída a partir do início da era cristã. No ano 2.000 depois de Cristo a torre já alcançava a barreira externa do sistema solar. No topo da torre, a humanidade frustrada e pobre e de olhos furados não encontrava Deus para adorar, não tinha alma para salvar, economia para lucrar, penetrada pela AIDS antifreudiana que impedia os homens, mulheres e tribades prevaricar, e todos excitados pela informática global confundiam a freudiana sexualidade em linguagem ordinária com promiscuidade planetária e a humanidade atônita, encurralada na sede da ONU, tentava fazer revisão do tabu sexual desentabulado que perturbava a reprodução humana européia e a hipocrisia dos currais moralistas, atribuindo ao sadismo divino a biotecnologia e bioengenharia que localizava na genitália interna e externa a sabedoria prazerosa da reprodução biológica (viver com prazer para reproduzir)...

Lembrando que este espetáculo estava gravado na memória das projeções históricas, desviaram o olhar da superfície planetária, preferindo contemplar as chamas do fogo de chão que revelavam os resultados da viagem. Quem começou foi Giovani, o último dos anarquistas.

— Na Terra — dizia Giovani — as explosões nucleares liberaram partículas subatômicas mais complexas do que as partículas arremessadas no espaço sideral pelo centro da espiral. A fissão nuclear determinada pelas explosões liberava, por exemplo, prótons. E estes, quando capturados pelo átomo de hidrogênio, transformavam o hidrogênio em hélio. Três núcleos de He associados geravam carbono e quatro núcleos de He geravam oxigênio. Desta maneira, no caos das explosões da Terra, organizaram-se os 92 elementos atômicos naturais conhecidos. Ainda na terra, quando o combustível de hidrogênio terminou os átomos agregaram-se em substâncias simples (dois átomos semelhantes) ou agregaram-se em substâncias compostas (dois ou mais átomos diferentes), determinando o aparecimento de óxidos, sais, bases, ácidos e água. Com a condensação do vapor de água começaram as chuvas e as águas agregaram-se nos mares, elevando-se as terras em continentes. Nos céus de NB a Vida, deusa dos brescianos e que está em nós, desceu terra pelas escadas moleculares lineares, ramificadas e espaciais construídas pelos átomos de carbono, nitrogênio e hidrogênio.

— E ninguém como nossa deusa na Via-láctea inteira fez melhor, interrompeu um dos viajantes. Utilizando os átomos de carbono, hidrogênio e nitrogênio e grande número dos 120.000 compostos inorgânicos aqui existentes compôs de 7 a 12 milhões de poemas ou espécies vivas diferentes, e com muita paciência gerou o homem, e generosa ainda ensina a viver. E

também foi bom saber que Zeus não matou Métis e esta ainda vive parindo estrelas. Quem sabe se em algum lugar da Via-láctea não está escondido um planeta com vida semelhante nossa?

— Esta viagem — continuou Giovani — não teria sido necessária se na terra tivéssemos aprendido a ver ou ler aquilo que está nas linhas ou entrelinhas de alguns livros. Durante a cavalgada não vimos outra coisa, senão partículas arremessadas pela força do centro da espiral, gerando átomos, moléculas, estrelas, planetas, satélites e cometas. Tudo parece depender de forças deslocando partículas que aleatoriamente, se agregam e se organizam. Ora, se tivéssemos nos lembrado do livro da Física Mecânica, não teríamos viajado tanto. Lá está escrito de maneira matemática a observação que acabamos de fazer, ou seja:  $W=F.d$ . Ou trabalho ( $W$ ) significa uma força ( $F$ ) aplicada a uma partícula, que determina nesta partícula uma aceleração (movimento) e transporta esta partícula a uma determinada distância ou ( $d$ ). Se aplicássemos esta fórmula ao universo que se vê da Terra, concluiríamos que se realizou trabalho quando a força da explosão de um ponto de densidade infinita gerou o Universo, as galáxias, entre as quais a Via-láctea qual pertencemos. Segundo o mesmo princípio, o trabalho gerou o sol e a terra. E na Terra o trabalho de nossa deusa, a Vida, gerou todas as espécies, inclusive o homem. E o trabalho dos homens construiu as sociedades e as civilizações. Claro que o papel do livro de Física estava louco ou dormindo quando ali permitiu que se escrevesse semelhante conceito.

— Por quê? — perguntou alguém na penumbra.

— Simplesmente porque capitalistas e comunistas jamais permitiriam semelhante afirmativa, respondeu Giovani. Se tivessem lido este enunciado reformulariam o conceito de trabalho ou rasgariam a página.

— Por quê? — perguntou um outro viajante.

— Porque, segundo este conceito universal - continuou Giovani - o valor do trabalho é determinado matematicamente. E a Matemática acaba com os preconceitos. Imagine três personagens conhecidos: o primeiro ministro da Rússia, o presidente dos EUA e um colono de NB. Cada um aplicando uma força a uma massa de 1 Kg, imprimindo nesta massa uma aceleração de 1 metro por segundo ao quadrado (ou 1 Newton), e transportando esta massa a um metro de distância ( $d$ ). Matematicamente, para os três, teríamos o seguinte valor  $W$  (trabalho) =  $1 \text{ N} \times 1 \text{ m} = 1 \text{ j}$  (ou aceleração de 1 Kg  $\text{m/s}^2$  transportada a 1 metro ( $\text{m}$ ) = 1 joule ou J). Os três teriam feito um joule e, por isso, o valor do trabalho de cada um deles deveria ser considerado igual.

— Entre os três existem diferenças que devem ser consideradas - interrompeu um comunista espião que matara um nobre para tomar-lhe o lugar.

— Eu não tenho dúvidas — respondeu Giovani — os três fizeram o mesmo trabalho.

— Por quê?

— Em primeiro lugar porque os três são seres vivos. Em segundo lugar porque são humanos e em terceiro, porque os três são iguais perante Deus, a Igreja de Pedra e a Lei.

— Giovani — respondeu furioso um companheiro - pára de mentir. Não estamos em NB. Livra-te dos traumas religiosos e da lei. Há muitos anos que a lei e a religião esqueceram a igualdade entre os homens.

— Está bem — continuou Giovani. Vou parar de mentir. Quero, contudo, uma chance para provar minhas afirmações. Consideremos, em primeiro lugar, os três personagens acima mencionados como seres vivos, fazendo parte do ecossistema biológico. Neste sistema qualquer que seja a atividade de trabalho de qualquer indivíduo de qualquer espécie, cada ser vivo que trabalha para preservar a vida trabalha também para manter e preservar a espécie e merece da espécie respeito e louvor. O conjunto do trabalho dos indivíduos de cada espécie permite a interação das atividades desta espécie com as demais espécies vivas. A interdependência do trabalho das espécies contribui para preservar e desenvolver a complexidade do sistema biológico.

— Giovani, por favor, nada de utopia. A diversidade e complexidade das profissões humanas impede ou condena raciocínio simplista.

— Não faça conclusões apressadas. Pareces participante do conceito da "doutoragem capitalista" o qual não admite manifestações psicoafetivas na classe dos trabalhadores (assalariados ou não). Penso ter sido bem claro, continuou Giovani. Todo indivíduo vivo que trabalha para preservar a própria vida também trabalha para preservar a espécie. Esta afirmação é válida para o ser humano. Entretanto, o ser humano não é um ser de outro planeta, nem uma máquina para executar trabalho e produzir lucro. Nós, seres humanos das classes trabalhadoras, temos necessidades interiores que devem ser respeitadas. Nosso futuro partido, inclusive, tem uma exigência bem clara: pertence ao nosso partido político quem faz do trabalho um prolongamento do próprio espírito.

— Muito poético, porém pouco explícito, interrompeu um outro espião de capa preta.

— Estamos no mundo da lua e temos tempo e paciência. Se me permitirem, traduzirei a exigência e a justificativa do nosso partido, continuou Giovani. Cada ser humano depende dos gens herdados do pai e da mãe. Segundo esta herança, terá uma estrutura anatômica e fisiológica que lhe permitirão um desenvolvimento psicocerebral para relacionar-se com o exterior, desenvolvendo inteligência, consciência e pensamentos particulares,

influenciados evidentemente pelo ecossistema físico, biológico e cultural. Em condições normais o eu deste indivíduo descobre, através da sensibilidade que lhe proporciona o conhecimento, aptidões naturais, através das quais melhor se adaptará ao exercício desta ou daquela profissão. Nestas condições, com liberdade para o exercício da profissão naturalmente desenvolvida o indivíduo fatalmente tomar-se-á um especialista, trabalhando com arte e, certamente, re-evolucionando a própria profissão. Será um doutor na acepção da palavra.

— Tu não tens limites. Queres também que todos sejam doutores! E nestas circunstâncias quem iria trabalhar? — interrompeu um catedrático, que há meio século não reconhecia estudantes.

— No nosso conceito de doutor, apenas o doutor trabalha, respondeu Giovanni. Os outros executam tarefas que aprenderam de terceiros, sem nunca tentar inovar para aperfeiçoarem o próprio trabalho e gerar variantes sucessivas da respectiva profissão. Comportam-se como máquinas. Ora, a maior parte da nossa existência desenvolve-se no local de nosso trabalho. Se ali encontrarmos satisfação e realização pessoal, seremos felizes durante o maior período de nossa existência. Como não se faz do trabalho realização pessoal, a maioria tem apenas momentos felizes e geralmente fora do local de trabalho e por isso, inconscientemente, odeiam o próprio trabalho porque não se identificam com o que fazem, ou através do trabalho não conseguem sequer alimento e habitação decentes, condições mínimas que não costumamos negar para os animais domésticos. Ainda, esta viagem nos mostra claramente ser o trabalho propriedade do Universo em organização neguentrópica ou até mesmo em regressão entrópica. Do mundo da lua percebemos também, claramente, ser o trabalho propriedade biológica, sem a qual nenhum indivíduo de qualquer espécie conserva a própria vida. Não posso deixar de insistir: ser vivo, estar vivo, significa direito ao trabalho, e através do trabalho ter o direito de realização pessoal, participar da preservação da espécie ou da sociedade e da Nação. Não pode ser eliminado nem pelo poder do Estado nem pelo poder do Capital, também construídos pelo trabalho de todos. Se o Capital e o Estado pretendessem interferir no trabalho de todos, deveriam fazê-lo através de uma escola gratuita em todos os níveis, a qual teria por objetivo promover todas as potencialidades de trabalho de cada cidadão. Nesta escola, seria fácil demonstrar a todos os alunos que os bens produzidos pelo trabalho são propriedade do trabalhador e que esta propriedade deve contribuir para promover a vida, a sociedade, e evidentemente a organização do Estado, que teria outra incumbência importante. Através do diálogo o Estado seria o mediador entre desavenças individuais ou grupos sociais.

— Continuas poético e utópico. Quem manteria esta escola? — interrompeu um dos viajantes de capa verde.

— Tua pergunta — continuou Giovani — está contaminada pela civilização capitalista ou estatal ditatorial. Capital e Estado não geram empregos. Escravos até podem gerar. Quem na verdade gera emprego, bem-estar, inclusive o próprio Estado e Capital, vou repetir, são os trabalhadores de todas as profissões. Se o Estado e o Capital construídos pelo trabalho dos homens, se interessassem pelo bem-estar da humanidade, vou repetir, ajudariam todos nós a transformar este planeta numa nave escolar. Se neste frágil planeta o objetivo de todos fosse buscar o aperfeiçoamento da respectiva profissão e ensinar a mesma profissão aos jovens, não teríamos tempo disponível para fazer guerras ou revoluções, porque qualquer oligóide sabe que a melhor maneira de aprender é orientar, transformando em aprendizado o trabalho realizado e transformando o trabalho em experiência e conhecimento. Quem ensina enquanto trabalha, produz, transmite conhecimento e perpetua o saber, porque esta atitude é idêntica ao comportamento da evolução biológica. Não é por acaso desta maneira que a Vida, nossa deusa, procede há 3 bilhões e 800 milhões de anos? Qualquer ser vivo que se reproduz através de gens, transmite aos filhos o conhecimento adquirido e indispensável para se defender do mundo exterior, se alimentar e se reproduzir. A transmissão genética deste conhecimento, indispensável para viver, é observada desde a bactéria até os animais superiores, inclusive no homem. Discutir sobre esta verdade é tentar enganar a nós mesmos. Mesmo sem saber que o espermatozóide do pai fecundava o óvulo da mãe, homens e mulheres se acasalavam e se reproduziam apesar de ignorarem os detalhes celulares microscópicos e as funções hormonais que participam da reprodução humana. Trabalhar e ao mesmo tempo ensinar, deveria ser normal ou obrigatório. Imaginem que no Brasil, país vizinho de NB, uma anomalia cerebral resolveu elaborar e aprovar uma lei que dificulta aos filhos daquela terra aprenderem a trabalhar com 7, 10 ou 15 anos de idade, considerando esta atividade salutar, como exploração do menor.

— Giovani, por favor, pelo menos não sejas mal-educado com os legisladores brasileiros. Eles são os legítimos representantes do povo e na história daquele país nunca se ouviu dizer que houvesse presidentes, senadores e deputados piores do que Alcapone. Além do mais devo dizer-te que tens muitas propriedades dos antropóides, principalmente de pular de um lado e de outro para justificar tuas opiniões. Com o artifício do conceito de trabalho formulado pela Física, colocaste o trabalho como fator indispensável na construção do Universo, da Via-láctea, do Sol, da Terra, da Vida, e agora envolves também o trabalho como indispensável para a aquisição de conhecimento. Assim não terminaremos nunca esta discussão, comentava irritado alguém que jamais conseguiu satisfazer a amante que dele se queixava de ejaculação precoce.

— Aceito tua censura, mas há 10 mil anos que meia dúzia de homens pretenderam ou pretendem ou escravizam o trabalho de terceiros. Nós brescianos, vou repetir, diferentes dos gregos, que também tinham escravos, consideramos o trabalho propriedade biológica. Sem direito ao trabalho, nenhum indivíduo ou espécie viva teria condições de sobrevivência. O homem, em particular, sem exercer trabalho, não teria acesso ciência ou tecnologia, adquiridos graças s sensibilidades sensíveis da inteligência e pensamento, propriedades avantajadas do neocórtex cerebral humano.

— Pensas que somos imbecis? — perguntava um empresário, que subvencionado pelo Estado, jamais pagou impostos ou Previdência Social.

Surdo agressividade do industrial da corrupção humana, Giovanni continuou:

— Vejam! A evolução do conhecimento biológico ou a melhor compreensão do mundo exterior, pelos seres vivos, se fez a partir da anêmona-do-mar que apresenta um sistema nervoso simples: um neurônio sensitivo, um centro nervoso de recepção e comando rudimentar e um neurônio motor. As percepções sensitivas de um lado e a motilidade muscular do lado oposto, ou a força que permitia o deslocamento do animal (trabalho), determinaram evolução da sensibilidade e do computador central ou cérebro. Trabalho e sensibilidade devem ter participado decisivamente da evolução biológica e trabalho e sensibilidade continuam participando decisivamente no desenvolvimento da ciência e tecnologia.

— Podes exemplificar?

— A sensibilidade visual permite ao homem excelente relacionamento com o mundo exterior. Através da visão, o homem, relacionando as modificações climáticas com a posição dos astros, desenvolveu inicialmente as ciências da Astronomia e Agronomia. Posteriormente desenvolveu a Ótica e esta lhe permitiu as descobertas de instrumentos telescópicos e microscópicos. Estes instrumentos, construídos pela habilidade manual, com o auxílio da inteligência e pensamento humanos, permitiram ao homem, a descoberta de muitos segredos do macro e microcosmo. Ora, ver o macro ou o microcosmo não se aprende pela imaginação. O verdadeiro aprendizado se constrói a partir da aplicação prática de uma metodologia elaborada pelo neocórtex humano. Traduzindo em termos objetivos, a aplicação de um método, significa trabalho para desenvolver sensibilidade, inteligência e pensamento, que aperfeiçoam o conhecimento, e, conseqüentemente o trabalho humano. Por estas razões, somente é dono do cérebro que carrega no interior da cabeça, quem é dono do próprio trabalho.

— Continuas exigente, utópico e poético. Além de doutores pretendes agora, a eliminação das relações proprietários e assalariados. Acreditas que

possa existir um mundo feito de patrões sem empregados. Nestas condições, trabalho organizado e as relações entre as miríades de profissões se tomariam impossíveis - interrompeu um bresciano muito preocupado com a solução do problema.

— Absurdo é continuar admitindo as relações de senhor e escravo. As diferentes profissões responsáveis pelo trabalho que fazem, pela civilização que constróem, como o trabalho das diferentes espécies vivas, devem ter relações de interdependência, jamais de submissão ou escravidão. Se tiveres um pouco de tempo para pensar, fatalmente descobrirás que o problema das relações de Trabalho, Sociedade, Capital e Estado não está no valor do salário. O problema existe porque duas ou três dúzias de profissões sem afetividade, oprimem outras milhares de profissões que se submetem porque estas não têm, ou não descobriram ainda, amor próprio. Este problema parece desenvolver e se perpetuar no interior dos santuários escolares.

— Além de anarquista, Giovani, és um intrometido. — reclamava um catedrático, múmia conservadora sobejamente reconhecida. — As escolas, principalmente as universitárias, são verdadeiros recintos sagrados.

Mas Giovani continuou como se estes fósseis não existissem...

— Tenho minhas dúvidas sobre a sacralidade dos santuários da educação, s vezes, tenho a impressão que nas escolas atuais, de um modo geral, transmite-se um tipo de conhecimento que não desenvolve nos alunos, sensibilidade afetiva pelo trabalho e por esta razão estes estudantes quando saem das universidades e entram no "mercado de trabalho" parecem obedecer consciente ou inconscientemente uma expressão há muito considerada verdadeira: "o homem é lobo do homem". Parecem estudar ou trabalhar, ouvindo a maldição bíblica: "comerás o pão com o suor do teu rosto". Convencidos de que amam a Deus e, para fugir maldição, impiedosamente exploram o trabalho dos outros.

— Giovani! Continuas revelando o trauma religioso da infância e até agora não acrescentaste uma linha possível para resolver qualquer questiúncula relacionada aos problemas resultantes das relações Trabalho, Sociedade, Estado e Capital.

Mas Giovani, surdo e mudo para as críticas e absessivo em apontar as causas que dificultam as relações entre os homens que trabalham continuou:

— Até 1950, em NB, as universidades eram centro de referência para o conhecimento. Ate' esta data, as ideologias políticas da direita e esquerda, apesar dos honores praticados, tiveram influência decisiva no desenvolvimento tecnocientífico. Mas nos últimos anos a política e as universidades entraram em decadência e se mostram incapazes para evitar a nova fase de barbárie que se aproxima.

— Por quê?

— Porque nos bastidores do poder os universitários atuaram elaborando as leis que serviam aos próprios interesses, e, só esporadicamente trabalharam a favor dos interesses deles e da população.

— Prove! gritou um juiz que somente punia os faltosos de pequenas causas.

— Nos bastidores do poder eternamente estiveram os universitários ou os detentores do conhecimento. Estes manipularam os legisladores para que transformassem em lei as normas que lhes facilitassem o exercício profissional, conseguindo desta maneira que explorassem as profissões sem aperfeiçoamento universitário. Por isso, manter e cultivar a ignorância, parece uma eterna preocupação do poder. Nas ditaduras do proletariado do leste europeu, cinicamente denominadas socialistas, os intelectuais do partido, locomoviam-se em automóveis de luxo, aviões ou helicópteros. O trabalhador comum admirava estes aparelhos, mas apenas usava os camburões para levá-lo ao cemitério. A inteligência do partido, os diplomados pelas universidades, quando faltosos, eram punidos através do trabalho no interior das fábricas, como se o trabalho dos operários fosse castigo ou escravidão. A inteligência do partido, os diplomados pelas universidades e detentores do conhecimento, através da propaganda, faziam o povo acreditar com o catecismo da prisão, tortura ou terror e assassinatos, ou através da religião das bombas de hidrogênio, que no leste europeu defendiam-se os direitos do povo, e, somente na Rússia se promoviam os ideais da revolução francesa. Mas, aqui da Lua, podemos ver que no lado Ocidental do planeta, inclusive em NB, como na Grécia de Ulisses, os fatos continuam estupidamente iguais. Os escravos que produzem alimento para seres humanos morrem de fome, os que produzem algodão para a confecção da vestimenta, vivem nus, e quem perpetua o conhecimento, o professor que alfabetiza a maioria da população, é obrigado a sobreviver com o salário dos párias. Adotando a ideologia do lucro ou a ilusão de que através da economia se vai evitar a destruição da humanidade as universidades também entraram em decadência. Fazem ensino ou pesquisa, segundo as necessidades empresariais ou de mercado. As necessidades humanas que exigem um conhecimento interdisciplinar, ecossistêmico, aliado s necessidades humanas afetivas, está impedido de entrar nas salas de aula. Igualdade, fraternidade e liberdade são praticados quando o conhecimento reverte em benefício do Estado ou do Capital. Nestas condições os estudantes encurralados pelo sistema esquecem com facilidade os ideais humanísticos, e, como fazem os professores incompetentes, bajulam para se promover. Ninguém, ou muito raros nesta escola decadente, demonstra ou ensina que o trabalho é propriedade biológica, estimulante para o desenvolvimento da sensibilidade. Que a sensibilidade e trabalho estimulam as áreas cerebrais responsáveis pelas emergências sensíveis da inteligência e do pensamento, e

que a ética aprimora a conduta da consciência. Porque pagam e bajulam, os alunos do mundo ocidental pensam ter direitos adquiridos e não participam da construção da universidade. Inconsciente ou conscientemente a odeiam e dela querem apenas se livrar. Alunos e professores que "satisfazem" e se locupletam no mercado de trabalho, muitas vezes ignoram os colegas universitários de outras aéreas menos favorecidas pelo dinheiro. Estes professores, muitas vezes, com medo da concorrência futura, sonégam ou apenas citam as metodologias que poderiam revolucionar o conhecimento. Nestas circunstância as perguntas elaboradas pela curiosidade dos jovens mamíferos, não são respondidas. Por isso mesmo como as religiões políticas da direita e esquerda, numerosas universidades se arrastam no lodo da mediocridade sem atizar o espirito da juventude na busca do saber. Como empresas, estas universidades vendem um produto ultrapassado, s vezes, até obsoleto, e, porque obsceçadas pelo deus-lucro, vendem por alto preço uma orientação barata. Porque assim procedem, universidade e sociedade capitalista e comunista cada vez mais se distanciam do povo trabalhador, s vezes, observamos que nos parecem ridículas ou mentirosas, e unicamente feitas para se utilizar dos benefícios oferecidos por um poder também desmoralizado. Em resumo, com raras exceções, os universitários dos quatro quadrantes de NB, quando sentados nas câmaras de vereadores, deputados e senadores têm, pelo menos, uma das tantas qualidades dos suínos de porcelana do congresso brasileiro: não coram de vergonha quando se atribuem um salário de 300 milhões de cruzeiros novos, velhos, usados, plebeus ou reais e outras ninharias como jetons, direito a médicos e hospitais estrangeiros, viagens em supersônicos para o interior e exterior e, aos tapas, com perucas, bolsas, plumas, paetês ou cheques de propina, brigam entre si para estabelecer um salário mínimo de dois mil, quinhentos e doze cruzeiros e vinte centavos ou, dois mil, quinhentos e doze cruzeiros e nove centavos, com a obrigação dos trabalhadores das profissões deserdadas comprar e pagar o título de eleitor para eleger estes dinossauros, a maioria dos quais fabricados pelos interesses da mídia. Estes líderes, que usavam a "Mais Valia" de Marx ou os conceitos da escola capitalista marginalista na verdade, quando no poder, negaram e negam o valor do trabalho como um direito inalienável dos seres vivos, principalmente dos trabalhadores (assalariados ou não) que fazem do trabalho um prolongamento da própria alma. Para não dizer todos, diríamos assim: os donos do poder se queixam do preço da educação mas calam a boca quando perguntamos a eles o custo da ignorância.

Giovani queria continuar, mas como outros, foi obrigado a permanecer em profundo silêncio. Do lado da lua que o poder não vê, se fazia ouvir uma orquestra e coro que traduzia a alegria dos trabalhadores de todas as profissões que construía uma nova cultura. A nova sociedade era sustentada pelo trabalho feito com a afetividade que honra pai e mãe. Os filhos herdavam dos pais apenas o conhecimento, e, como a Vida, o perpetuavam e o

renovavam. Como tivessem o direito de se expressar através do trabalho, o trabalho também era considerado uma forma de linguagem, e apesar da cor, religião, profissão ou crenças políticas diferentes, através do trabalho, facilmente encontravam soluções pacíficas para as divergências ou problemas existentes. Pais e filhos, habituados ao trabalho, reconheciam no trabalho o valor supremo, e, por esta razão, todos os outros bens tomavam-se supérfluos e ao alcance de todos. A vestimenta de cada um deles chamava atenção. Diferente da roupagem que nos cobre para oprimir, todos se vestiam segundo as necessidades interiores, e, expostas não traumatizavam ninguém. Frente a organização do poder ou da lei, pais e filhos tinham iguais direitos e deveres para preservar a vida e a individualidade, os quais participavam da organização e o aperfeiçoamento do todo. A mesa era sempre farta e de excepcional qualidade alimentar, porque o alimento era gerado pelo trabalho de todos e este trabalho parecia ter um objetivo comum: em grupos constituídos por trabalhadores de diferentes ideologias, raças, religiões, idades e línguas, auxiliavam-se na busca da verdade universal, como se os homens identificados com o objetivo da biosfera, vivessem num satélite escolar que se preocupava em povoar o Universo...

Sem saber a razão, o íntimo dos brescianos sentiu-se obrigado a abandonar a civilização do outro lado da lua, e, enquanto se afastavam pareciam ouvir daquela civilização um conselho com sabor de verdade ou sentença: justifica a existência e sente-se feliz quem trabalha com arte e embeleza o mundo. O trabalho de cada profissão é sagrado. Maldito aquele que explora qualquer espécie de trabalho...

Anotaram e guardaram nas gavetas do espírito a sentença ouvida e tranquilamente voltaram para casa.

## A MULHER DOS AGRICULTORES DE NB

*A ela  
De outra espécie  
Me confessava:  
Adoro  
A fortaleza do teu corpo  
E a lógica do teu espírito  
E tudo bem se completa  
No meu corpo nu  
Dos meus seios  
Beberás o leite contaminado pela amizade  
E esta te conduzirá para as descobertas  
Do Amor.*

Naquela noite, NB estava como a origem do vocábulo organização: "fervia com ardor"\*. Não era para menos. O poder da subprefeitura alienígena referendado pela lei emitia dinheiro falso, pensando com ele pagar uma dívida que não poderia rolar, enquanto o dono do salão, como fazem as nações sangüinárias, rasgava o tratado de paz assinado com o vigário da paróquia da Igreja de Pedra, marcando para a noite um baile de carnaval e pelo justo motivo com o divino e generoso poder do perdão, os padres prometiam queimar o dono do salão, o Clemente, sem clemência, na primeira fogueira de São João. O poder militar (um soldado) apoiava os ministros e fabricantes servis e incompetentes que, como sempre comprometidos com as oligarquias nacionais, faziam negociatas na América Latina em nome da Independência

nacional, e bêbados, os diretores dos hospitais, embriagados e furiosos com a excitação do éter, sentiam-se felizes com a morfina do lucro líquido e filantrópico de uma conta hospitalar cobrada a um pequeno proprietário de terra, sentenciado pela culpa de abrigar no estômago, um câncer de farináceos, condimentos e avitaminose que em 15 dias de tratamento inútil, lhe devoraram 1 1,5 alqueires de terra, uma casa de madeira com porão, a máquina de costura da mulher (recordação da avó que a trouxera de Milão) a última vaca de leite, a metade da porcina e todo o esterco do galinheiro e da estrebaria, dois colchões de palha de milho, os dois pelegos vermelhos, as esporas, a carroça, deixando como herança uma conta hospitalar equivalente a 50 anos de trabalho da viuva e dos filhos sem direito a férias, nunca perdoados pelas intempéries muito menos pelo imposto do Funrural ou Territorial arrecadados pelo poder e emprestado como incentivo fiscal a latifundiários de última hora, que surrupiavam legalmente as terras dos índios da floresta amazônica e ofereciam as aves do céu, aos animais da terra e das matas e aos peixes algumas toneladas de agrotóxicos e mercúrio proibidos na Europa e Estados Unidos, porque lá. a mortalidade infantil tem como causa principal a pancadaria de familiares e amigos e nossas crianças famintas-que bosta--- naquela noite, esquecidas, amontoavam-se pelos quartos sem assoalho habitat das pulgas, piolhos e outros ácaros familiares que despiam as calcinhas da irmã e da mãe e as cuecas do pai depois enfiadas entre as tábuas para fechar as frestas das paredes, por onde entravam o vento e a chuva fria do inverno da Patagônia, para lhes acalmar o delírio da febre, inundando-lhes as fibras cardíacas e as células renais, e, confortadas, pela justiça social, nossas crianças sorriam mergulhando e morrendo no desequilíbrio hidroeletrólítico, enquanto as crianças dos manguezais agradeciam a fome, implorando perdão por terem nascido ou freqüentado durante 12, 14 ou 16 anos as latrinas da mediocridade da escola da masturbação, onde não aprendiam qualquer profissão, enquanto o poder roubava dos alunos e professores o direito de gerar conhecimento, traduzindo a falta de vergonha e decência dos adultos e velhos obedientes a uma legislação que tomava antidepressivos para aliviar a hipertensão social e acumulava alguns litros de álcool na cabeça que rodopiava com os romances do fumo cancerígeno, sem compreender o objetivo das novelas aprovadas pela censura dos bordéis, ou desprezando o conceito de amor do "Banquete" de Platão, reencontrado no mutante mal formado que aplica a fórmula da liberdade sexual sem limites para a avó, a mãe, a sogra, a mulher, a noiva e a filha dos outros, segundo alguns intérpretes de Freud, que confundiam guerra com revolução, a cozinha do salão de baile do Clemente com a tampinha do garrafa o de aguardente e a pista de dança com a sodomia nas capoeiras que povoavam a praça e o portal e os fundos da Igreja de Pedra, no corpo da qual os brasileiros de rosto vermelho e inchado apertavam o cinto, procurando pelo nacionalismo que se perdeu pelas fronteiras da indiferença programada no interior dos banheiros femininos das boates da informação global que vendava os olhos do subprefeito que, elaborava decretos para transformar os poços de água potável das escolas em poços-negros que inocentemente despejavam as bactérias no lençol freático, regando a mesa dos trabalhadores suburbanos de comida escassa suficientemente condimentada pelos acidentados de trânsito, sem assistência à saúde. oficializando o "menino de rua", fruto parido e abandonado pelo esgoto cloacal da humanidade civilizada com a afetividade castrada do primeiro mundo, estabelecendo-se em NB. a síntese dos últimos

400 anos governados pela sabedoria do lucro, pela poesia da guerra, pelo carinhoso abraço afetivo das revoluções, sem contar a bondade infinita da ditadura do Estado, a verdade absoluta da ciência reducionista, que conduziu a humanidade pelos vales cósmicos sem paradigmas e parâmetros, ultrapassando os limites da tolerância, tudo parecendo perdido, sobretudo porque na Avenida Bento Gonçalves, na rua principal da cidade, despencava sobre os olhos da multidão, uma mula colorida sem cabeça e pescoço como o "presidente colorido" caçador de maracujás, que de trote faceiro era montada por forte cavaleiro de "chapéu quebrado na testa", lenço no pescoço, bombacha, bota e espora que a conduzia pelo rabo, apavorando feministas, machistas, gregos, troianos, romanos e brescianos...

Enquanto a maioria votava pelas aparências, alguns brescianos desvendavam o mistério: a mula tinha cabeça e era da tropa do bodegueiro de Coqueiro-Baixo que se amontoava de lucro comprando e vendendo o couro dos bois e das vacas que trabalhavam nas pequenas propriedades rurais...

Entretanto, para sorte da humanidade, o cavaleiro era o Pandolfo, exemplo de funcionário público. Ele voltara. O povo temia que ele abandonasse a cidade e, desesperados, os brescianos haviam entrado em depressão convulsiva. Contudo, quando a imagem do homem público mais querido se cristalizou, NB mudou. O subprefeito alienígena parou de emitir dinheiro falso e acabou com a dívida interna e externa e providenciou uma rede de esgotos, melhor que a da Roma antiga. Os padres compreenderam haver no baile do Clemente uma maneira simples e confortável de reunir a timidez dos homens com a caça recatada das mulheres da roça (escravas abandonadas). As freiras disseram ao Papa não abençoar canhões mesmo que fossem usados para matar os negros da Sobra (subúrbio de NB) ou da Abissínia. A sociedade descobriu que as crianças norte-americanas não deveriam ter braços ou pernas quebradas na pancadaria dos familiares e amigos, e nossos filhos não mereciam ser mortos a tiros pelos justiceiros do Rio e São Paulo, jamais punidos de norte a sul. Qualquer criança gerada deveria ter o mesmo cuidado como no Rio Grande do Sul se tem com os ovinos, muares, equinos, suínos, cães, gatos, coelhos e galinhas... Os jovens voltaram-se para os ideais da universidade da vida, apostando na sensibilidade afetiva como solução para os problemas humanos. Os pais mostravam aos filhos o valor do trabalho, da vida e da individualidade. Por isso solicitaram ao poder que no centro dos bairros se fizessem as escolas, as creches, os postos de saúde e campos de esporte, e não mais alojassem estas instituições na beira dos esgotos ou banhados, enquanto os vovôs admitiam cuidar do trânsito, nos lugares movimentados, protegendo as mulheres e crianças. Até as flores esquecidas e abandonadas se emocionaram: desabrocharam e aos gritos bateram palmas...

Mas, a alegria dos brescianos contrastava com o olhar triste do funcionário. Parecia trazer no rosto a necessidade de perdão por um crime cometido. Parecia não estar disposto a confessar publicamente o pecado que

o torturava. Tentava acalmar a si próprio e a multidão deslumbrada, afirmando várias vezes:

— Eu já arrumei o fio do telefone que estava quebrado nos valetões de Arroio da Laje e Pilão. Garanto... As linhas estão funcionando... Podeis comunicar-vos para fortalecer a amizade. Os gregos nela não acreditavam. Eu garanto, porém, que dentro da cabeça do homem, em algum lugar do cérebro, há uma área especial para agasalhar tal sentimento. A Vida, nossa deusa, também se sentirá feliz, vendo os filhos prediletos revelarem aos amigos as aventuras felizes do coração...

Mas a plebe não estava querendo ouvir justificativas ou conselhos. Alegre e festiva, perguntava se aquela maneira de cavalgar era determinação do último decreto do subprefeito, ou a maneira dos cossacos cavalgarem a ditadura russa imperialista, ou a última moda de cavalgar dos mocinhos americanos que, expulsos do Vietnã, matavam no Iraque...

Tentando acalmar os exaltados, o bresciano respondia aliviado pelo conforto que vinha da multidão e pela sabedoria do vinho que brotava exuberante do garrafão:

— Tudo a ver com prefeitos, russos e americanos. O subprefeito não tem direito de emitir dinheiro falso, desvalorizando e empobrecendo o trabalho de todos. Nem os russos têm o direito de escravizar 90 povos de costumes, religião e língua diferentes e muito menos pode-se conceder aos norte-americanos o direito de se autoproclamarem polícia internacional com o direito de roubar do Brasil a diversidade biológica e cobrar por ela depois os olhos da cara como estão acostumados a fazer em nome da liberdade... Além do mais, esta é a melhor maneira de cavalgar as mulas teimosas, fanáticas e feministas. Esta mula, por exemplo, jurou que somente marcharia ou trotaria para trás e fez semelhante promessa sem explicações sumárias e convincentes, enveredando pela direção oposta a meu destino de homem desesperado. Não tive dúvidas. Sem qualquer rodeio virei a mula, e de costas para os pensamentos e vontade da Paulina (era o nome da mula), tomei-lhe o rabo como freio. Passei-lhe o rabicho pela garganta e para meu conforto a mula desembestou. Voltaram-lhe as propriedades sensíveis da inteligência, consciência, pensamentos, inclusive a educação que havia perdido. Tomou-se obediente falando apenas o necessário e somente depois de conceder-lhe licença. Faceira levou-me sem caprichos obscenos pelos atalhos do céu. Contudo, o peso da culpa me enlouquecia. Alucinado, tudo e todos os astros provocava, inclusive as tempestades dos raios ou dos ciclones, para que, ofendidos, destruíssem qualquer parcela que de mim restasse. Porém todos me tratavam como se eu fosse um dos tantos bêbados pobres das pequenas vilas e cidades brasileiras. Principalmente as chamadas dos astros de mim se afastavam dizendo não terem sido feitas para punir a loucura dos homens.

Diziam preferir iluminar e acalentar o amor que se aconchega nas frias e longas noites do inverno. Denotado, sentindo as vísceras amargas pelo remorso, solicitava aos gritos que o fogo do céu incinerasse a chaga cancerosa que infiltrava e se enraizava nos recantos da minha alma. Assim me sentindo, enveredei para o centro da espiral galáctica pensando, lá dentro, encontrar um deus para punir meus pecados, ou chamas, para me volatizar... Quando alcancei a porteira do centro da espiral, apeei da mula e sentindo vergonha da bondade do animal regenerado, agradei e a ela desejei boa viagem de volta... Sem esperar pela resposta da Paulina estava eu de braço erguido para na porta da espiral bater quando esta se abriu. Louco entrei, esperando ver a Deus furioso apontando para mim os caminhos do inferno. Entretanto, no centro da espiral, não havia nem fogo para pecados incinerar, nem Deus para pecados perdoar. Lá estava a fonte do caos de olhos facetados e meigos. Em cada mão um carimbo. Com o carimbo da mão direita marcava individualidade. Com o carimbo da mão esquerda marcava solidão. E para a fonte, não importava raio ou partícula que dela nascesse. Todos eram aferroados pela mão direita e esquerda com os estigmas da solidão e da individualidade. Entre a volúpia das convulsões da desordem e no trabalho incessante da fonte, esqueci momentaneamente de mim e acompanhei a trajetória dos raios ou partículas subatômicas. Vi então que os raios ou partículas se atraíam ou se repeliam, às vezes se associavam, desde que os sentimentos de solidão/individualidade de dois ou mais elementos ficassem satisfeitos. Mas no interior da nova organização resultante, os mesmos sentimentos de solidão e individualidade comprometiam o todo e continuavam nas partes, como se a complexidade fosse inútil. Se a nova emergência ou organização resultante era superior, inferior ou diferente da soma das partes, em cada parte ou nas parcelas das partes ou na soma do todo diferente das partes, na intimidade de todos, o estigma dos sentimentos solidão/individualidade, era permanente e proporcional. Descobri ainda ser eu e todos nós assim constituídos seja como indivíduo ou participante da estrutura social.

Estava o Pandolfo entusiasmado com aquela maneira de falar ao povo. Contudo, grandes líderes de direita ou esquerda, com um único neurônio no interior do crânio e que estavam próximos, começaram a ficar irritados. E o Pandolfo não percebia. Um dos amigos, descobrindo a má intenção eterna dos neurônios congenitamente alterados, do amigo se aproximou e solicitou em voz alta:

— Por favor. Cita um exemplo para que a gente possa compreender melhor. Alguns dos presentes têm um único neurônio na cabeça, ou da direita ou da esquerda, e parecem estar com as orelhas das mulas ligadas ou entupidas e já estão planejando aproveitar tua experiência para tirar vantagem.

Devagar, como quem trabalha por prazer, o Pandolfo continuou:

— Vou exemplificar com a água, ou emergência água. Esta resulta da associação de dois átomos de hidrogênio e um de oxigênio. O hidrogênio é um gás incolor, sem cheiro e sabor. Quando colocado numa proveta invertida e em contato com uma vela acesa queima com chama azulada, fracamente visível, apenas na boca da proveta. O oxigênio, segundo Joseph Priesthley e Scheele que separadamente o descobriram, para o primeiro, este é um gás que queima com uma chama incrivelmente brilhante e, para o segundo, é "ar de fogo ou ar vital". Estes gases notáveis, oxigênio e hidrogênio, presentes em cada momento de nossa existência ardem em chamas, mas associados na molécula água, apagam a maioria dos incêndios. A água ou o todo água, organiza e inibe o comportamento destes gases e é diferente ou superior aos dois enquanto água. Contudo, a água é inferior s partes, porque não existe água sem oxigênio e hidrogênio. O todo é todo (água é água) enquanto protege a integridade das partes, para que estas se mantenham trabalhando para conservar a integridade do todo. Mas não esqueçam: nas partes ou no todo, individualidade e solidão permanecem e se manifestam nas partes e no todo. Evidente ainda que deste exemplo emergem as noções de poder e informação. Em algum lugar do sistema água, está o poder que impõe ou coordena o trabalho dos átomos de hidrogênio e oxigênio. E a ordem ou a coordenação é assegurada pela troca de informações do todo com as partes, das partes entre as partes e das partes com o todo. Ou seja, a informação é o elo que existe entre a ordem e as partes, as quais executam as determinações do todo. A informação em todos os sentidos é indispensável para preservar o todo e as partes. Por isso prometo que de hoje em diante, como funcionário público responsável pela informação, estarei vigilante para que todas as linhas de comunicação permaneçam funcionando. Espero ainda que o poder tome a informação acessível a todos, para que a desordem desta noite não se repita, embora a desordem é, s vezes, o principal motivo para se estabelecer a organização. Até nem lembro de desordem maior que a desordem da fonte do centro da espiral ou o caos aparente das explosões solares. Todavia, daqueles infernos aparentes partem as partículas e raios energéticos, os quais determinam ou permitem existir neste planeta uma organização de complexidade progressiva que denominamos Vida. Na terra, a organização biológica é mantida pelo caos solar. Não é a partir da desordem da explosão de um ponto de densidade infinita que se deva, talvez, a origem do Universo e de todas as coisas que o Universo gerou? Vejam a desordem planetária dos últimos 400 anos. As páginas escritas pela história deste período têm o tamanho, a forma, a cor. o cheiro, a consistência e o sabor de uma poça de sangue, onde pululam os vermes da ambição com os vermes de um poder paranóico, gerador de peste, fome, revoluções e guerras. Nunca tantos índios, pretos, amarelos e brancos foram pervertidos ou mortos. Nunca apareceram tantos abutres para estraçalhar os valores do trabalho, da vida e da individualidade, e nesta fúria assassina, a humanidade parece ter perdido completamente o valor ético,

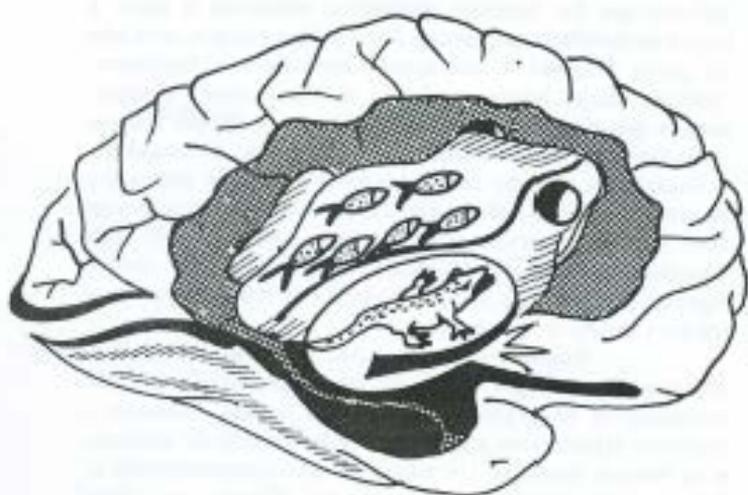
estimulando o vilipêndio das artes, dos mitos, da fantasia, gerando indiferença para tudo e para todos, arremessando tudo e todos no esgoto cloacal da mediocridade. Contudo, senhores, devo dizer que nunca a humanidade trabalhou e escreveu tanto, ou se inventaram tantas maneiras de viver, sobreviver, conviver e amar. E dou-lhes certeza: a solução não está na racionalidade, na justiça divina ou humana. A solução está na compreensão mais lúcida a respeito de um cérebro triúnico e bissexuado que está no interior de nosso crânio. Se na base deste cérebro está a origem da violência de uma fera aterradora, responsável pelo homicídio ou suicídio, revoluções e guerras, sobre esta área também se estabelecem os hemisférios e neocórtex. E sobre as áreas agressivas paleoencefálicas, faremos como fez a Vida, nossa deusa. Ela, de sabedoria suprema, construiu sobre a base do cérebro primitivo, os hemisférios, dos quais emerge a sensibilidade afetiva da amizade, manifestação sensitiva já observada nas aves, nos mamíferos, nos antropóides e hominidas. Tentaremos depois galgar efetivamente o neocórtex, no interior do qual existem áreas favoráveis para desenvolver inteligência e pensamento privilegiados. Parece ainda, que ali a Vida teceu também uma emergência ou estabeleceu um caminho por onde desfilam as manifestações sensíveis e afetivas que a minha imaginação não consegue definir. Por estas razões, nada de depressão. Vamos lutar. Se nossa deusa, a Vida, nos ajudar, orientaremos nossa força e agressividade interiores para desbravar novos caminhos e novas avenidas por onde desfilem as manifestações da nossa consciência, inteligência e pensamento, carregando nas asas da pomba da paz a vida de todas as espécies, e a beleza da individualidade sagrada de cada um de nós. Vamos construir nova era. Reconstruiremos o mundo em bases afetivas e não...

Interrompeu como se uma granada lhe houvesse estraçalhado o coração. Ficou pálido como se na face a morte se estampasse. Sem saber como e de onde viera, na frente dele estava Maria, a mulher, a única do Universo inteiro que lhe pudesse perdoar para morrer em paz. Maria, a mãe, a amante, a divina e deusa, a escrava Maria, que nas madrugadas acordava o dia para ordenhar as vacas e vender o leite e comprar café, tratar meia dúzia de suínos para vender a carne e comprar açúcar, tratar as galinhas para vender os ovos e trocar por sal, tratar as pombas e outros pássaros para com eles desatar a fantasiando e viajando para o céu e tomar das cores do arco-íris e fazer um colar e com ele desfilar pela pracinha depois de rezar, enquanto o marido, dormia nas madrugadas sossegado, e ela, sem fazer barulho, acordava as crianças e as vestia e as arrumava para a escola, rogando ao filho Joãozinho que não abusasse da professora Marieta, e depois se arrumava como recém-casada, e cheia de dedos a ele acordava com novas e renovadas carícias que normalmente lhe brotavam do coração, e depois do banho lhe alcançava ainda no quarto o chimarrão, e carinhosamente pela casa o levava até a cozinha e lá o café-com-leite o esperavam quentes, faceira lavava a louça e fechando a porta, feliz, convidava o marido senhor para capinar na roça e se preciso fosse

com ele na roça se deitava... e levantava para ajudar os bois a puxar a carroça morro acima, enquanto na descida do breque cuidava para que ele, sentado comodamente na carroça, voltasse para casa e descansasse, enquanto ela providenciava o almoço para as crianças mortas de fome e irritadas e, se barulhentas atrapalhassem o descanso para bem se alimentar e fazer a digestão, ela era culpada pela má educação das crianças (dela e do mundo inteiro), e ela engolindo a ofensa com o almoço sem reclamar de novo lavava a louça e varria a sala, a cozinha e lhe espantava as moscas com carinho, para que ele, o marido fizesse a sesta, e depois gentilmente o acordava e o convidava para voltar ao trabalho da roça e plantava com ele feijão, milho ou abria as covas para a mandioca, para as abóboras, fazia leiras para plantar ramos de batata-doce, ou lavrava a terra e plantava amendoim ou girassol e trigo para o pão e os biscoitos para os filhos comer e ao escurecer somente ela novamente ordenhava as vacas para o leite vender e ficar de água na boca com o sabor das galinhas e leitões que ela engordava e outros comiam e, conformada, voltava para cuidar dos cães, dos gatos e das pombas com a certeza de que, bem alimentados, os animais dormiriam tranqüilos e pensando assim lavava as crianças, os pés do marido e providenciava a janta, e se alimentava das sobras e sem cansaço novamente lavava a louça e cantava agradecendo a Deus pela vida e lar que por bondade lhe concedia e quando tudo pronto, no banho imaginava como se vestir para o marido e ao sair do banheiro era obrigada a pôr pra fora da porta da casa o cachorrinho, único que lhe acariciava ou lambia as pernas porque o marido apenas as afastava e se acabava para cumprir a obrigação de casado... e Maria lhe oferecia agora com olhar de perdão a mão amiga que no Universo não encontrara e tinha a atitude da mamífera, ou primata, antropóide e humana, deixando resplandecer no rosto a boa alma que lhe trazia na memória a noite trágica quando o inconsciente de Maria gemeu de prazer pela vez primeira e ele temente e filho de Deus e da Igreja de Pedra e católico a chamou de puta e levantou e viu naquela noite que duas lágrimas nos olhos de Maria a pregavam na cama, lhe batiam e lhe enlameavam a intimidade de mulher recatada e as lágrimas de machado em punho lhe arrebatavam o coração e lhe destruíam a região mediastinal ali, bem na frente da coluna vertebral. Naquele instante, o arrependimento pela vez primeira mostrou aquele homem, a Maria cheia de cantes e de vida, de seios exuberantes e elásticos, duros e provocantes, tão humanos e femininos como as mamas das melhores italianas de raça e sentiu ciúme e medo da sutileza feminina e lembrou do próprio egoísmo que a chamou de puta e vestiu as calças e partiu como animal arrependido e covarde com meia dúzia de garrações de vinho, pensando encontrar em algum lugar, justo castigo para punir tamanha vileza, descarregando na mula as pauladas que merecia, assumindo a encarnação do mal, procurando no consolo dos crápulas ou demônios, a redenção da torpeza, descobrindo agora que a divindade dos astros e o mal dos infernos desconheciam o sentimento da autocompaixão e<sup>^</sup> humilhado,

voltara pior do que partira e pôde avaliar o volume absurdo do machismo e a grandiosidade da Paulina (a mula), que de volta, por piedade, o trouxera, sentindo no âmago do peito a chaga cancerosa da humilhação, e pior do que partira, temia agora olhar para o rosto de Maria... O arrependimento que lhe invadia o coração, conseguiu levantar-lhe os olhos, viu nos dois olhos de Maria, lágrimas que lhe traziam flores para recebê-lo e felizes levavam consigo os lábios que lhe beijavam os pés, os braços e as mãos que lhe acariciavam as pernas e as coxas, duas lágrimas que lhe conduziam os dentes para morder com carinho a superfície do ventre, e do peito, e dos seios como se ele fosse mulher, duas lágrimas que lhe mordiam os ombros e toda a região cervical e cobriam-lhe com calda de pêsego e mel, os cabelos, as orelhas, a frente, o rosto e devagar sugavam e arrastavam-no por caminhos acolchoados, duas lágrimas que lhe beijavam as pálpebras, o nariz, a boca e no turbilhão das carícias lhe mordiam a língua, ou a raiz do plexo braquial e ele apenas balbuciava e implorava: "perdoa, Maria, Maria, perdoa"... E Maria comia qualquer palavra que dissesse porque pecado não havia soluços convulsivos lhe devolveram a força dos braços de campônio. A bondade do coração libertaram-lhe o amor que abraçava e apertava o corpo de Maria que, nua, se entregava e tremia na doce loucura do prazer, e com ternura rolaram pelo chão ignorando a presença da multidão. Do corpo nu, suor e lágrimas fertilizaram a Terra e nas terras de NB desapareceu o macho e nasceu o homem...

Naquela noite, o povo, de rebuliço, depois contemplou calado, o feitiço do amor. Em silêncio respeitoso e envergonhado para casa voltou. Homens e mulheres descobriram a igualdade na diversidade de aptidões, e se fizeram amantes. Os astros do céu compreenderam e, felizes, num respeitoso e profundo silêncio, de olhos vendados, adoraram o amor que, na humanidade às vezes se manifesta. Apenas a Vida, nossa eterna companheira, dos dois se aproximou e, na sinfonia silvestre da madrugada, convidou-os para entrarem no paraíso e dividiu com eles um chimarrão feito com a eiva caseira da verdade e da paz... sem Estado ou Capital...



## A VIDA E O CÁLICE DE SOPHIA

*Lo mi senti svegliar dentro a lo core  
um spirito amoroso che dormia:  
e poi vidi venir da lungi Amore  
alegro sì, che appena il conoscia,  
dicendo: “Or pensa pur dir farmionore”;  
e’n ciascuna parola sua ridia...  
e sì come la mente mi ridice,  
Amor mi disse: “Quell’ è Primavera,  
e quell’há nome Amor, sì mi somoglia”.*

*(Dante Alighieri(1265-1321)*

Enquanto os brescianos políticos estavam nos sonhos da lua estudando um novo conceito de trabalho para satisfazer as exigências políticas do partido anarco-ecossistêmico de moral biológica, outros na Terra procuravam resolver pequenos ou enormes problemas existenciais. Um deles, por inocência, havia depositado o conceito de amor, a conselho da literatura romancista, no egoísmo de viver a dois e situá-lo na região infraumbilical, segundo alguns sábios intérpretes de Freud, como se ali na cabeça da glândula

do homem estivesse a solução para resolver a cicatriz feminina fendida ou a castração psicológica ou hereditária da mulher. Este era um bresciano miúdo, magro, cabeça grande, testa larga e orelhas pequenas. No couro cabeludo, cabelos delgados e inquietos cobrindo um cérebro teimoso como as bestas intolerantes, levando a vida para um rumo tão cego, como os nazistas que adotaram Deus, Pátria e Família e, aos 35 anos já estava sem Deus, Pátria e Família, e como os nazistas, vivendo os conselhos da ironia e da solidão, tendo como única companheira uma cadelinha humilde e afetiva.

Não tinha amigos e sequer adotou como companheiros os vícios populares do álcool e do fumo. Mulheres? Não agradava e não aceitava pinóias desocupadas que se entregavam esquecendo o prazer na cicatriz umbilical do pai... Jogar? Só o jogo da vida. Perdendo sempre, eternamente recomeçava apostando como Sísifo: subiria a montanha tantas vezes quantas fosse necessário pelo prazer de contemplar do céu os vales, causando inveja à serenidade da noite e à magia do luar...

A burguesia tentara e já roubara o único prazer que lhe restara: orientar a juventude, subvertendo os valores das tiranias do Estado e do Capital, marginalizado, por esta razão, pela direita e esquerda... Detestava as convenções do proceder segundo a moda, e preferia dialogar com a sabedoria das galinhas a discutir fórmulas econômicas conservadoras, capitalistas ou comunistas, capazes de resolver problemas humanos afetivos. As galinhas conscientes da própria limitação não o irritavam nem o consideravam agressivo ou mal-educado pelas perguntas que fazia. Chamaram-lhe a atenção uma única vez quando tentou dissimular a verdade do assalariado. Traumatizadas, com ele se irritaram profundamente e levantando uma das patas com três dedos apontados lhe disseram em coro:

— O problema da humanidade é de sensibilidade. Não é nem afetivo nem econômico. Pare de bajular o assalariado na confortável situação de injustiçado e não perturbe a burguesia feliz em lua de mel com a fase anal do neoliberalismo econômico.

Com medo dos economistas do Estado e do Capital, que poderiam pensar estar sublevando as galinhas contra o "status quo" planetário, estrangulou as mais sábias. Com elas fez uma sopa, alegando o preço da ração e do milho cobrado pelas cooperativas da falência que enriqueciam meia dúzia de "salafras". Estes, com a consciência de Calígula, aplicavam a verba do calcáreo e do adubo papel nas poupanças posteriores, engordando o soja para as vacas da Nestlé, recebendo da humanidade o lucro de um leite em pó melhor que o leite da mãe-pátria dos latifundiários, enquanto os pequenos proprietários alimentavam-se com o leite dos chifres das cabras da inflação. Por estas, e outras razões, acreditavam diziam que este professor estava de miolo mole e não sabia o valor do cruzeiro velho, usado ou novo, em cruzado de novo para

cruzeiro, cruzeiro real com plumas, quando na verdade o poder invisível do papel era o dinheiro de valor real. Sem explicar a ninguém tinha a própria moeda: pagava e recebia em "contos de réis", valendo cada conto um mês de trabalho, e com este salário pensava construir a casa própria, providenciar educação, comida, saúde, transporte e vestuário para si e para os filhos.

Orientador, abandonara a profissão há muito anos e, fora dos serpentários hospitalares dirigidos por pequenos déspotas, vivia sonhando como os brescianos extintos, acusando o Capital e o Estado de tramarem a destruição da humanidade. Segundo ele, a guerra atômica entre estas ideologias poderia destruir a humanidade.

Desempregado, desocupado, aposentado, costumava viajar com os fantasmas escondidos na copa das últimas árvores nativas do município. E pelos fantasmas, muitas vezes fora aconselhado. Agora, sem a cadelinha para confidenciar, aos fantasmas ousou confessar as desventuras de um amor mal sucedido. Surpreendeu-se. Os fantasmas disseram-lhe que a mágoa e a revolta eram manifestações infantis e jamais deveria acusar o mundo exterior quando a fonte de tortura estivesse no mundo interior mal administrado. Irritado e teimoso respondia aos fantasmas que também na Grécia, berço da civilização ocidental, o amor era louvado e exaltado. Filho de NB e da cultura européia que em tudo endeusava os gregos, também lera nos romances e nas poesias que o amor fazia parte da humanidade. Ele amara e não fora correspondido e queria saber quais as razões do fracasso. Numa última tentativa, os fantasmas, amigos dos solitários que vivem por viver, levaram-no para o mundo encantado dos astros. Do alto dos céus o professor ficou impressionado com a beleza da vida neste planeta mas se decepcionou quando os fantasmas lhe mostraram a Europa idolatrada. Naquele continente pôde ver que, de um modo geral, o mijo e o cocô dos cães era mais bem tolerado do que as fezes e a urina dos filhos dos seres humanos. Lá não se aceitava a amizade e para a maioria o amor tinha apenas a longevidade do orgasmo. Diziam-lhe que a causa daquele tipo de comportamento estava na origem dos homens daquele continente. Na história oficial dos europeus estava escrito: nasceram e viveram uns trucidando os outros e até o ano 2.000 depois de Cristo ainda não sabiam qual a verdadeira terra natal. Quando cansados de se matar montavam em cavalos ou carroças, depois em caminhões e trens ou tanques de guerra, navios, aviões e foguetes e matavam em outros mundos. Nunca foram racistas: matavam negros, índios, muçulmanos, judeus ou latino-americanos, ou brancos pobres e amarelos, independente de língua ou religião, como fazem, aliás, os filhos dos europeus da América do Norte... Inclusive, um dos fantasmas mostrou-lhe a cidade de Londres. Desafortunado, fugiu com medo de ser preso porque os fantasmas lhe disseram no ouvido: "Se os ingleses tivessem vergonha esconderiam o museu porque os homens de bom caráter poderiam pensar que foram eternos piratas."

Nem a viagem gratuitas lhe amenizara a amargura, a ansiedade ou o desespero. Com pena do amigo teimoso, os fantasmas aconselharam-no a procurar o mais velho dos brescianos que, longe do planeta branco, pescava jundiá no Arroio das Pedras.

Mesmo contrariado e duvidando que alguém de NB pudesse aliviar-lhe a dor, aceitou o conselho e desceu pelas pirambeiras do município. Encontrou o mais velho dos brescianos lá pelas nove horas da noite, quando este fazia a primeira revisão dos anzóis. Muito feliz com o resultado da pesca, o mais velho dos brescianos lhe desejou boas vindas com chimarrão. Convidou-o para sentar numa das tantas pedras confortáveis que naquele riacho sempre estão disponíveis. Adivinhando as intenções do recém-chegado, o mais velho dos brescianos, com os olhos pregados no chão, começou a falar lentamente: "O amigo tem o aspecto de alma deserta e angustiada. A paixão deixou marcas profundas. Parece viver à toa com as chagas à mostra. Não fosse a tua capacidade de trabalho talvez nada restasse de ti. Nas pedras deste riacho não está quem procura e pelas florestas do teu interior terás que abrir longo trecho de estrada. Muitas léguas... O caminho é tortuoso e cheio de tranqueiras, e nesta época da vida o pedágio é mais caro. Ainda há tempo, apesar do peso da bagagem de cinqüenta anos... Teu sono e teus sonhos como este arroio estão empedrados e não permitem águas tranquilas.

— Falas como se adivinhasses minha tortura, respondeu o visitante. Vim para aliviar meus tormentos. Dizem que as confissões aliviam a consciência...

A noite estrelada convidava para a meditação e sem rodeios, o professor ansiosamente, começou a falar:

— Há muitos anos quando me dirigia aos alunos, acentuando o valor do trabalho, da vida, da individualidade humana, da política e de uma sociedade organizada que controla o governo, percebi que um par de olhos me fitavam com brilho e obsessão particulares. Eram interrogativos, lúcidos, doces e, às vezes, penetrantes como se eu fosse transparente. Ansiosos, possessivos, dominadores, perturbavam-me a condução do raciocínio. As vezes sérios, caprichosos ou matreiros como os olhares das crianças fingiam que o brinquedo pudesse fugir e se libertar... Terminada a aula, aquela moça com jeito de mulher desapareceu. Entretanto, aqueles olhos ficaram perambulando e vasculhando os cantos e recantos da minha retina, e ali se estabeleceram como os fatos que se pretende negar, e expulsaram da minha memória todas as mulheres do passado e presente. Sem licença adonaram-se das minhas imagens e pensamentos e brincavam alegremente com minha fantasia... Numa tarde de setembro, o sol ornamentava o céu de nuvens douradas e vermelhas, prenuncio eterno de sísmica paixão. A primavera deslumbrava-se com o desabrochar das flores e ordenava aos pássaros que entoassem hinos de

louvor à vida. Esta esmerava-se em obedecer aos ritos que acompanham a preservação das espécies. Com a natureza em festa, também invadiu minha sala fazendo festa aquela mulher, desejando-me uma boa tarde visceral e sensual, deixando-me nú e indefeso como se estivesse submetido à fera que fareja a presa. Embaraçado, envolvido e preso pelas teias do olhar e da sensualidade, sem saber de onde e como partiu a idéia, convidei-a para sair, ignorando que as árvores do bosque e a relva recém-molhados pela chuva eram cúmplices dos desejos recém-nascidos. Também não havia percebido: pelas águas da chuva haviam rolado todos meus conceitos, preconceitos e verdades vividas, cultivadas e advogadas. Com fúria incontida nascida das profundidades do meu interior me lancei sobre aquela mulher. Apossei-me das mãos que me acariciavam, dos lábios que me beijavam e tentando sufocar aos beijos os gemidos que me sufocavam, alucinado despi quem me despia, mastigava e comia quem possuía... Prostrado no ato consumado descobri a doce fantasia do eterno e imortal... A partir de então, amado e amante não me importava com a censura dos costumes. Ignorava as taras dos indiferentes que contaminam a humanidade com a lepra dos sentidos, ou a castidade hipócrita dos eleitos que vivem de bons costumes e condenam os amantes que transformam qualquer cubículo do planeta em alcova. Esta certeza de amar e a indiferença para levar a vida sem considerar o social talvez se convertessem em erro. Ignorando a razão, aos poucos ' me senti afastado por todos e abandonado inclusive pela mulher que amava. Vivi 20 anos com a liberdade dos prisioneiros da paixão. Vinte anos amargando na imaginação uma certeza que hoje me parece doentia ou imbecil. Para mim, aquela mulher em vão procurava encontrar em outros braços o mesmo carinho, beijos e abraços. Na minha imaginação, aquela mulher em vão acordava às madrugada e. à tardinha, no silêncio do desespero, aos novos amantes se entregava como o sol entrega a noite, como o silêncio das catedrais entrega aos deuses o pedido de perdão das Madalenas abandonadas e jamais atendidas, perecendo eternamente rotas pelas valetas cloacais da afetividade humana castrada. Vinte anos perambulei pelos apartamentos da solidão perguntando se os olhos daquela mulher eram sinceros. E meus olhos sempre repetiam "sim". Perguntava aos meus sentidos se haviam conhecido perfume e sabores iguais. "Incomparáveis" era a resposta. E a voz? "Doce e sensual." E o comportamento era mamífero, primata, antropóide ou humano? "Divino" era a resposta. Na esperança de revê-la, o tempo nosso inimigo indiferente ou imaginário também estacionara: os relógios pareciam-se aos pêndulos: cada segundo voltava para trás como se jamais houvesse existido. Nestes anos tentei obedecer aos conselhos aprendidos, trançados e ensinados desde os ancestrais dos hominidas e não cheguei talvez por isso mesmo, a lugar algum. Tentei construir um mundo à parte pensando voltar ao estágio animal, comendo e bebendo para empanturrar a gula. No conselho sexual freudiano encontrava angústia e depressão. Alcancei apenas o fundo do poço com farta bagagem, cansado da

viagem. O suicídio, o homicídio, a peste, a fome e a morte pareciam naturais e obrigatórios para a evolução humana. Ignorando por que havia nascido, como os vermes não adiantava procurar abrigo no ventre da terra, porque a saudade me ressuscitava e como tapete mágico, depositava-me no colo que um dia me pertenceu. Abandonado por todos invejava os pássaros alegres que se acasalavam pelos desfiladeiros dos céus. Na terra me sentia "sem eira nem beira" vivendo num país entregue à ditadura, destruindo meu orgulho nacional. Cansado do egoísmo e egocentrismo humanos, pensava facilmente tornar-me amigo dos animais. Ingênuo, não percebia que também os animais aprenderam a temer a humanidade, habituada a matar sem respeitar as regras da sobrevivência... Com a coluna vertebral cansada e dobrada pela saudade do nada que ficou perguntava pelas raízes da vida, em que lugar da estrutura ou superfície corporal havia nascido o monstro daquela obsessão, quando na sala do fundo de um estreito corredor de 20 anos passados, a mulher levantou-se e docemente me abraçou. Momentaneamente fui e ela também estava feliz. De repente, entre eu e ela estabeleceram-se imóveis 20 anos de tralhas inúteis, realidades trágicas e estúpidas, montanhas de sofrimentos; rapidamente nos separamos e perturbados marcamos encontro para amainar a frieza avassaladora, agressiva e angustiante. Com a esperança de revê-la, perambulando depois pelos corredores do hotel, assaltou-me a impressão ou a realidade que teria invadido casa estranha, onde a plenitude de uma solidão convincente me mandaria embora pela mesma porta por que entrara. Parecia ouvir gargalhadas e estas me diziam: "Não foste sequer um dos melhores amantes. Talvez até o mais medíocre dos homens"... Com certeza preparava a desforra. Apesar das dúvidas que me atormentavam não faltei ao encontro marcado.

Jantamos num bar aberto. A noite ironicamente nebulosa também estava indecisa entre a chuva e a nudez das estrelas. Aos poucos juntou forças, e quando sentiu-se segura, começou a desferir o golpe que dilacerou minha última esperança.

— Tudo não passou de fantasia. Não era tua companheira. Talvez uma experiência, a satisfação de um capricho meu ou nosso. Não nasci e nunca fui companheira para ninguém. A maioria sempre me tratou como se eu fosse auto-suficiente e uma mulher para encontros ocasionais. O dia-a-dia me foi dado para o trabalho e a solidão. Jamais para dividir a convivência com parceiro também amigo. Eu sei. Foi bom para ti. Enquanto acreditava também foi bom para mim. Tu cativas e entusiasmas as pessoas e também me senti envolvida e atraída ... Mas pelo amor de Deus, eu era apenas uma menina. Tu um homem. Meus amigos me advertiram. Tu me usavas. Na verdade, talvez também foste meu objeto de uso... Entretanto, passei a acreditar nos amigos, quando fui agredida por alguém que jamais te amou e tu sabes o quanto estou falando a verdade. A partir daquela noite guardei minha dor e jamais te perdoei.

Foste indiferente, e não me deste proteção. A mulher precisa de proteção. Tua atitude determinou em mim a sensação de ser prostituta, acentuando meu autodesprezo. A mulher não é igual ao homem. Pelo menos não me sinto assim. Preciso me sentir protegida por alguém que se diz meu amante e tu não parecias capaz para tanto. Tudo desmoronou como "um castelo de cartas". Além do mais, queria mesmo ir embora. Em NB o ar estava pesado, úmido, sufocante, de consistência viscosa e humilhante. Descobri que o amor não é um sentimento eterno, carregando os amantes para sempre na felicidade de um mar azul, causando inveja aos anjos do céu. Hoje, de ti e de alguns, resta apenas uma pequena lembrança a qual sequer remove o limo que atolou saudade antiga. Continuo sendo apenas uma promessa de felicidade, um momento fugaz como o brilho do rastro das estréias cadentes. Aliás, nem há tempo para ver estrelas. De fato estou só. Sinto-me hoje um frangalho de mulher, um amontoado de trapos que pelas ruas preciso juntar num saco, caso contrário não estariam do mesmo lado da calçada. E chega! É tarde. Estamos cansados, e amanhã o trabalho me espera..."

— E assim, concluiu o professor, com meia dúzia de palavras cobriu com sete palmos de terra lamacenta os momentos mais felizes da minha vida e soterrou de indiferença 20 anos de angústia e solidão inúteis. Deste punhado de cinzas, na verdade, não há sequer um punhado. Só restou minha fantasia e como a fantasia amorosa de Romeu e Julieta morreu e foi inutilmente sepultada. Hoje tenho certeza. Não foram alguns momentos de uma noite trágica. Outros motivos recônditos das profundezas da alma humana devem ter destruído sonhos e ilusões. Se parece inútil olhar para trás e procurar a verdade do meu fracasso, por outro lado, minha vida não pode continuar dilapidada por feridas profundas e deformantes. Não posso continuar vivendo como se a vida fosse obrigatoriamente um vale de lágrimas. Estou tentando me recuperar. Não consigo admitir, que\* no século XX, os apaixonados não tenham o direito de conviver enquanto o amor se manifeste. Mereço algo melhor. Devo esquecer esta mulher. Por onde andei tentei acabar com esta obsessão. Contudo, ela sempre está presente em minhas convicções, na minha vontade de acertar, de viver, conviver, aprender, compreender, orientar e com ela, enfim, respeitar em mim a minha maneira de ver o mundo. Mas a vida, a minha vida, olhando para trás parece-me, às vezes, um amontado de erros. Tenho apenas a certeza de estar entre a minoria dos que nunca aceitaram cabresto e cangalha. Apesar de solitário e revoltado não me abandona uma outra convicção: no tumulto da minha paixão não estou só. Sobre ele, dentro dele, em algum lugar, esta mulher me acompanha pelo menos com algum pedaço. Talvez não seja o melhor. Fantasia? Mas que seria da humanidade sem a fantasia para alimentar os sonhos...

O mais velho dos brescianos ouviu calado e depois começou afirmando que os dois mereciam severa punição, não fosse a ignorância dos homens.

Ainda haveria tempo para curar feridas, não para eliminar cicatrizes. E para melhor tratamento seria necessário fazer uma longa viagem pelo único caminho por ele conhecido. Dizia ser necessário andarilhar pelo mesmo caminho desbravado pela Vida, a deusa dos brescianos. Era indispensável abandonar as ferrovias, rodovias ou a rota dos supersônicos, por onde desfilam as virtudes da economia e as realizações do lucro, geralmente construídas pelas ideologias da opressão.

— Para nós, dizia o mais velho dos brescianos, a nossa deusa é a Vida, escritora, poeta, pintora, escultora, compositora musical que apeou dos céus de NB e se estabeleceu no planeta. Engendrada nos céus com o pó da Via-láctea começou existindo na profundidade dos mares para fugir da fúria do Universo, o qual se expande e se fragmenta no caos das explosões como se o caos primitivo que lhe deu origem fosse também a própria razão de existir, morrer e ressuscitar. E a nossa deusa, de sabedoria tão finita ou infinita como a sabedoria do Universo, dos elementos do Universo se utilizou para desenvolver sensibilidades progressivas para conviver com a inconsciência deste monstro aparente. O amor é filho e pai desta sensibilidade e a história humana o percebe quando se manifesta transcendendo incompreensivelmente as virtudes da consciência, da inteligência e do pensamento, geral mente promovendo o bem, a beleza e a verdade.

— O amor foi construído pela evolução da sensibilidade biológica? perguntou o professor.

— Para nós, respondeu o mais velho dos brescianos, o amor foi gerado pela sensibilidade e trabalho da Vida. Se tiveres paciência e tempo e para demonstrar essa verdade, poderíamos descer pelas águas deste riacho. Elas provavelmente nos levarão pelos caminhos percorridos pela sensibilidade biológica e, através das águas do Arroio das Pedras, alcançaremos o mar onde estão as bactérias, as quais têm o comportamento das máquinas submetidas às duas primeiras leis da mecânica calórica. Cada máquina está separada do mundo exterior por uma membrana ou cápsula altamente complexa. Nesta membrana há terminais ou receptores que captam os estímulos ou condições do mundo exterior. Estes estímulos são computados pelo todo celular. Se favoráveis, os estímulos ou substâncias do mundo exterior são incorporados às células, modificados e utilizados para a produção de energia e trabalho. Através do trabalho, a vida utiliza os elementos do meio exterior para sobreviver e se autoperpetuar. Quando há falha ou erro de computação, a célula morre. A vida, diferentemente dos economistas limitados, não capta números. Capta sinais e símbolos que vêm do mundo físico, relacionados à temperatura, pressão, consistência e qualidade das substâncias químicas, físicas, eletromagnéticas e luminosas do ecossistema. Estes sinais ou símbolos são captados através de receptores denominados eletro, mecano, químico e fotorreceptores. Na medida em que a vida se torna mais complexa, evoluindo

dos unicelulares para multicelulares, também os elementos responsáveis pela sensibilidade se desenvolvem. O marco decisivo na evolução da sensibilidade está na anêmona-do-mar. Neste policelular desenvolveram-se duas células nervosas: Uma célula sensitiva (neurônio sensitivo), a qual capta os estímulos externos através de terminais sensíveis. As sensações do mundo exterior captadas pelos terminais são conduzidas através do citoplasma filamentar e estes estímulos são levados a um centro rudimentar de comando. Segundo decisão deste centro, parte um outro estímulo ou mensagem através de uma segunda célula (neurônio motor), a qual é também filamentar e está relacionada ao músculo. Obedecendo à ordem, ou estímulo do centro de comando, a célula do músculo se contrai e se alonga, e o ser vivo muda de lugar segundo a própria vontade ou necessidade. A partir de então, a sensibilidade e o trabalho da motilidade exigem um centro de comando cada vez mais especializado, ou a sensibilidade e o trabalho da motilidade obrigam o desenvolvimento do computador ou cérebro. As células nervosas também se especializam, se aperfeiçoam, e o sistema torna-se altamente celularizado e especializado. Nos animais, entre os mecanorreceptores têm milhões de terminações nervosas relacionadas ao sistema nervoso central, responsáveis pelo tato, pressão, temperatura e estímulos externos que determinam dor. Entre os mecanorreceptores devemos acrescentar ainda, aqueles capazes de posicionar o corpo em relação à gravidade pela atuação exercida sobre os músculos, permitindo ao animal ficar sentado, deitado ou em pé, segundo a própria vontade ou necessidade. Também faz parte dos mecanorreceptores o sistema auditivo. Nas baleias é extraordinário e permite comunicação entre os componentes da mesma família destes cetáceos a uma distância de até dez mil quilômetros.

— Ouvir, às vezes, é mais inteligente que falar e principal mente escrever - atalhou o professor.

— "Dos quimiorreceptores - continuou o mais velho dos brescianos - devem ser destacados os sentidos do gosto e do olfato, importantes para a preservação da vida e espécie. Entretanto, para melhor compreender a evolução da sensibilidade biológica, vamos exemplificar com mais detalhe a evolução dos fotorreceptores. Os fotorreceptores começam como manchas na superfície corporal dos protozoários. Estas são mais sensíveis à luz do que o restante da superfície corporal. Nos policelulares, como a minhoca, já existem células fotorreceptoras na superfície corporal. A planária já "sabe" de onde vem a luz, ou seja, já localiza a fonte luminosa. Nos vertebrados primitivos talvez houvesse um único olho centralizado no topo da cabeça. Este poderia distinguir apenas claro e escuro. Durante a evolução dos vertebrados, os receptores para a luz centralizaram-se na retina, situada no fundo do globo ocular, diretamente relacionada ao cérebro através do nervo ótico. Progressivamente, como se observa no homem, a retina distingue as cores, contornos, distância e tamanho

dos objetos. A partir de duas células e um centro rudimentar de comando, o cérebro é arrastado e arrasta a evolução da sensibilidade e motilidade biológica. No cérebro dos peixes, anfíbios e répteis já estão centralizados todos os estímulos do mundo exterior, ou seja, os sentidos do gosto, tato, ouvido, vista, olfato, temperatura, pressão, dor e equilíbrio. No cérebro destes animais também estão centralizadas as ações de comando para a defesa, ataque, pulsões da sede, fome e reprodução. O cérebro destes animais coordena também as funções dos órgãos e sistemas internos da circulação, respiração, secreção, excreção, sistema osteo-articular, muscular, digestivo, etc... O cérebro coordena, assim, todas as funções de sensibilidade interior e exterior e permite relacionamento do animal com o meio ambiente, e relaciona estas informações com as necessidades do próprio organismo. Entretanto, se o cérebro comanda a defesa e os ritos para a preservação da espécie, ainda não se observam, nestes seres vivos, considerados inferiores, manifestações psico-afetivas mais complexas. Estas emergem nas aves e nos mamíferos, quando sobre o esboço da cortical do cérebro primitivo dos répteis desenvolvem-se os hemisférios cerebrais. No cérebro das aves e mamíferos, além das propriedades encefálicas dos animais primitivos existem áreas para as manifestações psico-afetivas, como o brinquedo ou carinho entre os filhotes, parceiros, pais e filhos. Estas relações são independentes de relações sexuais. Nos antropóides de cortical mais avantajada por exemplo, nos chimpanzés, há nítida relação amistosa familiar, sem incesto: o pai normalmente não tem relações sexuais com a filha nem o filho tem relações com a mãe. Hoje parece universal mente aceito: as manifestações afetivas são emergências que dependem de uma complexidade cerebral hemisférica.

— Estes cérebros são independentes?

— Não. Os hemisférios cerebrais estão intimamente relacionados com o paleoencéfalo, que persiste nas aves e mamíferos, e as percepções do mesmo são enviadas para os hemisférios, estabelecendo-se entre os dois relações de interdependência e complexidade. Não existe apenas soma de emergências, existem interrelações com dominância ora de um ora de outro. As emergências afetivas podem ser estimuladas, reprimidas ou deprimidas pelo paleoencéfalo. E este também pode ser estimulado ou deprimido pelos hemisférios. As aves e mamíferos também lutam e morrem na defesa dos filhotes. O cão luta ou morre para defender o território ou a casa do patrão. Contudo, excepcionalmente aves e mamíferos trucidam filhotes, como se vê rotineiramente nos peixes, anfíbios e répteis.

— Existe alguma coisa semelhante no cérebro do ser humano?

— No embrião humano, precedendo o cérebro, as células especializadas em detectar o meio exterior e controlar o meio interno estão localizadas no ectoderma, ou seja, na superfície externa do embrião, no mesmo

local da pele. Nesta fase, as células nervosas situadas na superfície do ectoderma captam e "memorizam" o exterior, ao mesmo tempo que proliferam numa linha ou placa que ocupa longitudinalmente o dorso do embrião. Esta placa se espessa, separa-se do ectoderma (ou pele), aprofunda-se e se dobra inicialmente em arco. Este arco se fecha posteriormente constituindo um canal no interior do embrião denominado tubo neural primitivo. Este canal já apresenta localização profunda no embrião ao mesmo tempo que o osso neoformado o envolve e protege. Apesar da separação com a pele e de estar localizado na profundidade dos tecidos, envolvido inclusive pelos ossos da coluna vertebral e crânio, o sistema nervoso "central" sensível, comunica-se com o exterior através dos prolongamentos das células neuronais que continuam na superfície corporal. Estes prolongamentos fazem parte da célula neuronal que está no corno posterior da medula. Por exemplo, as fibras táteis, térmicas e dolorosas da pele do dedo do pé terminam na superfície celular do corpo celular que está no interior da medula espinhal envolvida pelas vértebras. A partir da medula, uma segunda célula nervosa conduz as informações sensitivas para o interior da extremidade do tubo neural primitivo ou cérebro primitivo. No período embrionário, o cérebro tem desenvolvimento impressionante, ocupando nos primeiros meses da gestação 2/3 do volume total do embrião como se ali se concentrasse toda responsabilidade do desenvolvimento corporal. Cedo a porção cefálica apresenta dois sulcos transversais, os quais subdividem o encéfalo primitivo em cérebro médio, anterior e posterior. Do encéfalo anterior desenvolvem-se no homem, de maneira extraordinária, os hemisférios cerebrais direito e esquerdo e um neocórtex excepcionalmente volumoso. Do encéfalo posterior, o cerebelo. O cérebro intermediário ou paleoencéfalo sofre poucas modificações. Parece pronto desde a vida embrionária. Ainda, no cérebro do homem, na base da cortical dos hemisférios e correspondendo filogeneticamente ao esboço encefálico dos animais mais primitivos, existe uma área denominada sistema límbico. Faz parte desta área um conjunto de estruturas denominadas uncus, área piriforme, hipocampo, circunvolução do cíngulo, área insular e orbital. No conjunto desta região estão localizados os centros das sensações relacionadas à fome, sede, sexo e agressão, e estas áreas, quando estimuladas, podem determinar depressão, fenômenos extremos de enraivecimento ou docilidade. Próximo ao sistema límbico existe uma estrutura denominada amígdala, situada na base da cortical ou imediatamente abaixo da cortical cerebral, no pólo anterior de cada lobo temporal. Nos animais inferiores, a amígdala está relacionada ao olfato, mas no homem o estímulo desta área pode determinar aumento ou diminuição da pressão arterial, aumento ou diminuição dos batimentos cardíacos, aumento ou diminuição da função gastrointestinal, defecação, micção, dilatação e contração da pupila visual, ereção dos pêlos corporais, altera o tônus muscular, coordena movimentos posturais, rítmicos, movimentos relacionados ao ato de comer, e o estímulo de algumas áreas

determina movimentos copulatórios, ejaculação, ovulação, atividade uterina, inclusive parto prematuro. No interior do nosso crânio, na verdade, parecem existir três cérebros: o paleoencéfalo que representa anatômica e funcionalmente o cérebro dos vertebrados primitivos (peixes, anfíbios e répteis). O mesoencéfalo que corresponde ao hipocampo e ao esboço primitivo da cortical dos hemisférios e corresponde ao cérebro das aves e mamíferos. E o neocórtex, extremamente desenvolvido, próprio do sapiens. Nos três cérebros do homem conservam-se praticamente todas as propriedades funcionais do cérebro dos vertebrados primitivos e também das aves e mamíferos, ou seja, os comandos de defesa e reprodução e também as emergências psicoafetivas da amizade que se manifestam nas aves e mamíferos. No neocórtex, altamente complexo, resulta para a maioria dos seres humanos uma emergência cerebral sensível muitas vezes apontada como a única emergência cerebral que distingue o homem dos animais. Esta sensibilidade particular é denominada pensamento, gerador das ideologias. Eu acredito que, além do pensamento, o neocórtex, associado às outras áreas cerebrais, é responsável por outra emergência cerebral mais complexa denominada AMOR. Penso que estas observações foram indispensáveis para tentar uma solução para tua angústia.

— Por quê?

— Porque nossas sensações ou propriedades afetivas não estão alojadas no coração ou pulmões como pretenderam ou pretendem os poetas. O órgão centralizador é o cérebro, e se concordas com estas observações penso ter alcançado a metade do viagem.

— Como avaliar esta maneira de pensar se a amizade e o amor sempre foram considerados manifestações altruísticas? Existe relação entre as propriedades cerebrais e o amor que eu sentia por aquela mulher?

— Evidente. Tens um crânio no interior do qual há um cérebro triúnico e bissexuado. A maioria dos seres humanos não relacionam as propriedades encefálicas com o comportamento do indivíduo, sociedade e história humana. Vamos começar pelo teu comportamento em relação à mulher que dizes ter amado. Quando estavas ao lado daquela mulher o céu não parecia mais azul, e o cheiro daquela mulher não contagiava a relva, os bosques e a terra, e quando ouvias, com ela, os Beatles, Chico Buarque ou Vinícius de Moraes, o som da música não tinha o colorido das sinfonias das musas? Tua sensibilidade paleoencefálica, exaltada pela paixão, percebia que qualquer refeição que fazias com ela tinha o sabor do mel, chocolate, pêssego, morango e nata batida, e compreendes também por que as pedras ou a samambaia ou a grama dos poteiros e dos parreirais era macia e atapetada de flores ou estrelas. Os sentidos paleoencefálicos exaltados ou os sentidos da paixão, como nós os denominamos, faziam o coração bater mais forte parecendo saltar do peito. A

respiração ofegante, os pêlos da pele eriçados e as roupas pareciam retalhos incômodos rapidamente transformados em travesseiro, leito ou cobertor e, ao redor da alcova, o Universo se encaracolava e vos comprimia, e tudo se perdia, com exceção dos gemidos alucinados e os corpos que explodiam em movimentos incontrolláveis e convulsivos, que se imobilizavam apenas com o orgasmo e, desfalecidos ou mortos, ressuscitavam em sonhos delirantes. Naqueles dias podias trucidar quem dela se aproximasse para ofendê-la ou então te esmerar em agradecimentos e tornar-te amigo de quem lhe demonstrasse carinho e proteção. Em resumo, toda a sensibilidade paleoencefálica ou os sentidos da paixão de ambos estavam estimulados.

— Não era amor?

— Devagar, respondia o mais velho dos brescianos. Estímulos constantes e repetidos em intervalos que não permitem reorganização adequada dos reflexos neuronais embotam a resposta destes reflexos nervosos e os sentidos entram em exaustão. É necessário um determinado tempo para que se recuperem. Se este tempo ou período não é respeitado no dia a dia, pequenos empecilhos terminam em barreiras intransponíveis. Entenda! Não estou condenando a paixão recíproca que existiu entre ti e ela. Acredito, inclusive, ser a paixão, ou o estímulo pleno e conjunto dos sentidos, o melhor caminho para permitir que se manifestem as sensibilidades que caracterizam o amor.

— Segundo pretendes, pareces duvidar do meu verdadeiro sentimento por aquela mulher.

— Não estou duvidando de nada. Inclusive preciso de tua compreensão para tentar conceituar, ou dissociar a paixão do amor. Não disseste que há pouco tempo estiveram juntos e depois do jantar, no interior do apartamento, estiveram sós? Aquele encontro parecia não ter sentido. Rapidamente ficaram dominados pelo cansaço. As perguntas soavam soltas e as respostas não tinham razão de ser. O ambiente ostentava desconforto e indiferença. De repente, levantaram e despediram-se num abraço chocho, convencional, sem nada dizer ou fazer. Parecia, segundo disseste, haver entre os dois o calor afetivo das serpentes. Saíste sem olhar para trás. Procedeste como condenado e, polidamente como convém à indiferença ou à mulher traída, ela esperou com a porta aberta mas sequer pronunciou teu nome ou disfarçou um último adeus. Nem tu quiseste voltar, nem ela te chamou. Preferiram a solidão, sem dúvida a pior das companheiras. Se entre os dois existisse pelo menos amizade, sutil e inteligente como parece ser, provavelmente teria dito: “minha cama é pequena, não há lugar nem cobertor para dois e o sofá de uma noite não será causa de artrite reumatóide. Meu casaco não te deixará com frio. Dormirás mais tranqüilo sob meu teto e eu me sentirei menos só com tua presença. Amanhã será outro dia e a vida daqui para

a frente será mais amena para nós. Somos humanos e será bom restabelecer convivência pacífica, pelo menos para agradecer os felizes momentos vividos por nós."... Tal indiferença recíproca demonstrada somente se manifesta entre pessoas estranhas. Parecias um visitante incômodo. Se houver outra oportunidade, esta aberração de tratamento recíproco espero que não se repita. Afinal tu e ela se queriam tanto. Deixem de preconceitos. Um perante o outro têm o direito de se sentirem felizes e à vontade, sem mágoas ou ressentimentos e podem perfeitamente tornar-se amigos.

— Não sei se isto é possível. Amor e amizade não casam bem. Pelo menos esta é a crença geral e faz parte do comportamento humano universalmente aceito. Entre seres humanos a amizade é um sentimento afetivo utópico. Entre amantes, impossível. Nunca me senti amigo daquela mulher. Eu a amava...

— Devagar. Amor e possessão obsessiva não são sinônimos. Não havia ou nunca percebeste na profundidade do teu ser, alguma sensação de egoísmo em relação a ela?

— Às vezes me senti realmente egoísta. E esta verdade é recíproca. Ela também retribuía com moeda igual. Entretanto, o ciúme que ela revelava por mim me fazia bem. E o ciúme ou o egoísmo são manifestações normais e freqüentes entre os seres vivos, principal mente entre seres humanos. Cada um de nós deve zelar pelo próprio bem e pela própria vida. Não é assim que a psiquiatria moderna orienta? Entre seres humanos eu vejo troca de favores. Relações afetivas somente por interesse. Amigos? Penso como os gregos: "não há amigos"...

— Respondeste de uma maneira muito clara e, de uma só resposta me ajudaste a conduzir o pensamento para duas manifestações ou emergências particulares do comportamento humano: amizade e egoísmo. Vamos começar pela afirmação do grego Sócrates: "Amigos, não há amigos." Nas manifestações da paixão é difícil que o sentimento da amizade se torne manifesto entre o casal de amantes. As sensibilidades que comandam, ou que geram a paixão, são paleoencefálicas, pertencem basicamente ao Id. Este cérebro primitivo acumula uma experiência de 3 bilhões e 800 milhões de anos.

— Não compreendí muito bem, interrompeu o professor.

— Veja! O paleoencéfalo, a partir dos vertebrados primitivos, já centralizava todos os sentidos que relacionavam o animal com o mundo exterior, além das funções de defesa e reprodução. A amizade é de origem hemisférica mais recente, mais complexa e por isso mesmo pode ser apagada ou suprimida pela violência das paixões.

— Qual a base científica desta afirmação?

— Quem demonstra que a amizade é uma emergência cerebral dependente dos hemisférios cerebrais, é a etologia. Etólogos e sociólogos inclusive afirmam: nos animais, onde a amizade se manifesta (aves e mamíferos) as manifestações de inteligência são mais acentuadas como se a amizade fosse irmã gêmea da inteligência.

— De que maneira a amizade se manifesta nos homens?

— Conceituar amizade e relacionar esta propriedade encefálica como condição para conquistar as manifestações do amor não é tão simples como parece, e, não podemos falar desta particularidade sem invocar o auxílio de Voltaire que afirmava: "A amizade é um tácito contrato entre duas pessoas sensíveis e virtuosas... digo virtuosas porque os malvados só conhecem cúmplices, os lúbricos têm companheiros de deboche..." Nós brescianos, consideramos a amizade como uma manifestação psicoafetiva que se estabelece entre pessoas normais. Para nós, desonestos ou criminosos, em princípio, são anormais, e, como a doença orgânica, deveriam ser tratados através da psiquiatria ou psicanálise. Para a conquista da amizade não existe ainda uma metodologia sistemática porque de um modo geral, os seres humanos nem imaginam que esta forma de sensibilidade é uma emergência cerebral, dependente dos hemisférios cerebrais que carregamos no interior do crânio. Somos eventualmente ou "empiricamente" amigos de alguém quando toleramos divergências ideológicas ou, até desavenças mais ou menos sérias, desde que estas desavenças não tentem destruir os princípios éticos adotados. Apesar da nossa ignorância sobre esta emergência afetiva, sem ela não haveria nem família nem sociedade.

— Quando este sentimento começaria a se manifestar nos seres humanos ou melhor, como ele poderia ser melhor revelado para que as relações humanas afetivas se tornassem generalizadas?

— Quando eu era criança, um velho negro, gaúcho e tropeiro de profissão, contava estar Deus todo poderoso, sábio e só, cavalgando sem destino pelos vales e planícies da Via-láctea, quando se deparou com a ordeira família do Sol, carregando na garupa um pequeno Planeta Azul, ostentando faceiro o paraíso terrestre. Dele se aproximou e deslumbrado ficou quando nas terras de NB encontrou a Vida, numa tarde de setembro, brincando com as águas das vertentes do Arroio das Pedras. Feliz, a deusa dos brescianos despiu-se dum vestido de linho bordado na cintura com as violetas da primavera. Protegendo os ombros cor de canela e cobrindo os seios soberbos e pungentes despencavam longos cabelos negros e encaracolados como a alegria das andorinhas. Ostentava nos lábios o sabor e a cor das cerejas, e da pele exalava o perfume das orquídeas selvagens. Envolvido pela beleza da Vida, Deus se enamorou da divindade companheira e deste consórcio nasceram os homens, filhos da solidão e individualidade absoluta de um Deus

com o amor de uma mulher, a Vida, que ao Deus pai e aos filhos coube ensinar a universalidade do amor...

— Qual o significado desta história?

— Cada um de nós, respondia o mais velho dos brescianos, pode interpretar esta história da maneira que quiser. Nós, por exemplo, não estamos sequer preocupados com a existência de Deus. Seria até bom se existisse. Por enquanto Deus parece herança ou imagem esculpida pela incompetência do pai. Nos mamíferos, em particular nos antropóides, hominidas e sapiens, a afetividade mamífera da mãe amiga foi promotora da organização familiar e societal. Entretanto, a estatura física do pai impôs um tipo de hierarquia subordinado à força do macho, o qual se encarregou depois da distribuição das fêmeas. O macho assumiu a liderança da defesa do território e dirigiu também o ataque contra predadores ou a caça de animais selvagens. A imagem de um Deus onipotente parece estar associada a um tipo de hierarquia estabelecida pelo homem, e esta no âmbito social está representada inicialmente, pelo chefe do bando ou tribo. A incompetência do pai, ou chefe do bando ou da tribo para resolver problemas considerados insolúveis invocava forças superiores ou extraterrenas desconhecidas ou imaginadas. Se as solicitações ou pedidos não fossem atendidos, o fracasso do pai ou do chefe da tribo era atribuído ao invisível ou à vontade de Deus, guia dos destinos do homem. Por isso Deus-pai todo poderoso, na verdade, parece filho da incompetência humana, em particular da incompetência do homem. Entretanto nos hemisférios cerebrais do homem também haviam áreas responsáveis pelas emergências afetivas. Estas áreas, estimuladas pela afetividade amiga das fêmeas, através da condição biológica mamífera da mulher, permitiu desenvolver nos filhos o sentimento afetivo da amizade, que estava nos hemisférios, e esta permitiu a convivência pacífica não só entre os filhos, mas arrastou consigo a participação do pai. Esta sensibilidade amiga, difundida ou ensinada pelos seios da mulher durante a amamentação, começa para nós, nos primeiros meses de vida, idade em que no homem começam também as manifestações da inteligência. A história contada pelo velho negro parece me dizer ou ensinar que a paixão de Deus-pai pela mãe e a condição mamífera da mulher, acentua nos deuses-filhos a sensibilidade psicoafetiva da amizade. A afetividade amiga mamífera da mãe centralizou ou promoveu as relações mãe- filhos-irmãos-pai, precedeu e viabilizou a socialização humana. Hoje todos se queixam de egoísmo desenfreado. O afastamento voluntário ou compulsório da mãe do interior da caverna ou do apartamento, determinou e está determinando profunda transformação social, com mutilação progressiva da sensibilidade afetiva. Os filhos da maioria das mulheres de NB ficam no colo da mãe (e nem sempre por elas amamentados) somente quatro meses, porque assim determina a lei. Por esta razão, e ainda pelo estímulo excessivo do paleoencéfalo, através do estímulo precoce das relações sexuais difundidas pelos meios de informação,

a tendência desta cultura ou educação, é talvez inibir as sensibilidades hemisféricas amigas. E aí está também uma das razões pelas quais as relações apaixonadas atuais são precoces, de duração efêmera e materialistas. Não têm o condimento psicoafetivo dos hemisférios e das áreas neocorticais superiores...

— E quem vai fazer a mulher voltar para casa para amamentar os filhos, se uma das maiores obsessões humanas políticas é a geração de emprego? Na Europa, por exemplo, ter filhos e amamentar é "estorvo".

— Nós estamos fartos e já não suportamos a expressão "gerar empregos". Esta necessidade obsessiva é para nós obscena. Nós gostaríamos de ouvir: Todos têm o direito de conquistar, através do trabalho, realização pessoal. Nós não somos máquinas de produzir para meia dúzia de capitalistas paranóicos ou burocratas comunistas que se locupletam com a exploração do trabalho de todos. Além do mais, nós homens, deveríamos oferecer à mulher, um pouco mais de segurança, para que o período da amamentação fosse mais tranqüilo. Se nós fossemos mais competentes e afetivos com as mulheres, talvez não tivéssemos nenhum constrangimento em dizer-lhes que são portadoras de uma estrutura biológica mamífera, e que possuem nos hemisférios, as propriedades dos mamíferos, antropóides, hominidas e do Homo sapiens e, que por estas razões, através da amamentação, viabilizaram a socialização humana. Nós devemos confessar à mulher que a amizade estimulada desde a amamentação é sem dúvida, muito mais competente para o estabelecimento de uma sociedade fraterna, livre e humanística do que a força resultante das ideologias políticas do neocórtex masculino. Deveríamos estar intimamente convictos para, sem humilhação, dizer-lhe que nós somos poetas. Ela a poesia. Nós, semelhantes aos astros. Ela a origem das estrelas. Nós sedentos. Ela, a fonte das águas, que permite nossa sobrevivência. Ela, a beleza. Nós, os admiradores.

— Não lembro de ninguém, comentava o professor, com tamanha convicção sobre as potencialidades amigas que existem nos hemisférios cerebrais da espécie humana. Se existem, ou se há suspeitas que estas áreas estão presentes na massa encefálica, os homens deveriam encontrar um caminho para que estas áreas possam também se manifestar e fazer parte do cotidiano das sociedades humanas.

— Evidente. E há algumas sugestões. Para começar, os filhos dos homens antes de serem gerados deveriam ser desejados. Ninguém, nos dias atuais, poderia nascer como erro de cálculo ou falha de um método contraceptivo. Nossa capacidade de desenvolver amizade, solidariedade, gratidão e amor está na dependência do quanto somos desejados antes de nascer, do aconchego encontrado no colo da mãe, quando nos primeiros momentos da vida extra-uterina, somos obrigados a respirar para sobreviver

com as nossas próprias forças. Nesta época descobrimos a existência do frio, da agressividade ambiente, da sede e fome. Nesta fase, quando nossa sobrevivência depende de nosso esforço ou das nossas pulsões primárias inconscientes, é importante encontrar no colo da mãe ou dos seres vivos mais próximos, além do alimento, alguém que nos proteja do frio, um colo macio e carinhoso, porque estas demonstrações afetivas nos estimulam a viver e lutar para sobreviver e mais tarde nos tornarão capazes de ser amigos. Exemplos destas afirmações são incontáveis. A ambiência deveria ser festiva para o nascer. Nossa cultura, através da ciência médica e política deveria ensinar, absorver, digerir, estabelecer e incorporar no comportamento cultural e fazer cumprir normas e cuidados prenatais, assegurando tranqüilidade e proteção para as gestantes. Assegurando tranqüilidade durante o trabalho de parto, garantindo depois, assistência e proteção também para o recém-nascido, pelo menos nos dois primeiros anos de vida. Todos já sabem ou deveriam saber que nossa capacidade de viver, conviver, ser afetivo e amigo, ser feliz e amar, depende, e muito, dos primeiros dias, dos primeiros meses e dos primeiros anos de nossa existência. E melhor ainda se estes cuidados se estenderem até os seis anos de idade. A ciência política ou educação deveriam promover nova cultura. Nesta nova cultura, o deus lucro seria substituído pelo objetivo de conquistar uma vida feliz para os filhos dos homens. Nós, brescianos, temos uma deusa que adoramos e esta tem o nome de Vida. Mas não temos qualquer preconceito, nem fazemos restrição ou objeção para a religião cristã que, teoricamente, endeusa Jesus Cristo porque este propõe e exige dos fiéis comportamento afetivo e amante. Nosso pensamento coincide com a história desta religião, ou nosso pensamento talvez tenha aprendido com ela. Veja, Jesus Cristo foi desejado. Nasceu, foi protegido e educado como um deus e, adulto, propôs e defendeu como norma de vida individual e coletiva um relacionamento afetivo, ensinando que deveríamos amar nosso semelhante como a nós mesmos. Se ele era Deus, filho de Deus, se morreu crucificado, ressuscitou e voltou aos céus para um dia julgar todos os homens, ou se esta história é mais uma fantasia humana, para nós não altera nada. A verdade ou a fantasia desta história merece o nosso respeito e admiração porque ela propõe relacionamento afetivo entre os homens como único meio para fazer um mundo melhor. Como Jesus Cristo, se os filhos dos homens fossem desejados antes de nascer, protegidos depois do nascimento e educados como se fossem deuses, não teríamos escolas obsoletas, movidas pelo valor do salário. Nossas escolas seriam progressivamente aperfeiçoadas, acompanhando a evolução tecnológica, e por isso mesmo, seriam conduzidas pela inteligência e amizade dos mestres, pela consciência do bem e da beleza, pela renovação e crítica dos pensamentos, amparados pela sabedoria do amor. Não teríamos em NB uma mortalidade infantil espúria, a perversidade da desnutrição, crianças e adolescentes prisioneiros ou marginalizados pela ideologias fabricadas na sarjeta do lucro ou mortos pelos arcabuzes da cloaca

política vulgar, pela crueldade cultural, ou ainda condenados por juízes que institucionalizaram a corrupção política de NB e a injustiça que oprime a maioria das profissões. Se nossos filhos fossem desejados antes de nascer, tratados como deuses e amigos, eles teriam no fim da adolescência e começo da juventude a possibilidade de conhecer e desenvolver dentro de si, as manifestações sutis da beleza e felicidade proporcionadas pela sensibilidade supracortical que denominamos amor.

Serviu o chimarrão e o silêncio da noite foi interrompido pela pergunta angustiada do professor:

— Segundo afirmas, a sensibilidade afetiva da amizade é uma emergência cerebral, própria dos hemisférios cerebrais que aparecem nas aves e mamíferos nos quais se acentua a emergência de uma outra forma de sensibilidade denominada inteligência. Os etólogos e sociólogos afirmam que a amizade é irmã gêmea da inteligência. Esta forma de sensibilidade deve participar na conquista do amor?

— Não temos ainda uma definição ou conceito objetivo de inteligência, mas seguramente esta propriedade encefálica deve participar da conquista do amor.

— Qual o conceito de inteligência adotado e como a inteligência poderia participar na conquista do amor?

— Aceita-se ou admite-se, atualmente, ser a inteligência uma propriedade hemisférica cerebral sensitiva complexa com capacidade para resolver problemas, ou uma capacidade cerebral sensível capaz de aprender ou estabelecer novas relações, ou ainda uma atividade com características irreduzíveis à própria sensação. Há escolas que admitem existir de sete a trinta fatores ou propriedades cerebrais sensoriais associadas para que alguém tenha as características de inteligente. Para nós a inteligência é também uma emergência cerebral sensível, com aptidões que permitem corrigir a ação durante a ação para a conquista de determinados objetivos. Poderíamos citar um exemplo grosseiro: a rã salta para abocanhar um inseto. Durante o salto, enquanto a rã ainda está no ar, o inseto muda de posição. A rã não tem condições sensíveis e motoras associadas para corrigir a trajetória durante o salto para atingir o inseto na nova posição. Logo o inseto não é alcançado. Com o morcego insetívoro é diferente. O morcego localiza e voa na direção do inseto. O inseto muda abruptamente a direção do vôo. O morcego tem sensores adequados que captam a mudança de lugar do inseto. Aciona as propriedades motoras que possui, corrige a direção do vôo, captura e devora o inseto. Nós consideramos o morcego, em relação à rã, mais inteligente. Durante séculos, a humanidade acreditava distinguir-se dos animais pela propriedade sensível da inteligência. Mas numerosas estratégias inteligentes desenvolvidas pelo homem nem sempre beneficiaram o homem. Pelo contrário, a ciência e a

tecnologia da guerra desenvolvidas pela inteligência do homem conseguiram construir um arsenal suficiente para destruir a\* humanidade. Como podes perceber, quando a inteligência é usada com objetivos agressivos, a inteligência do homem pode tornar-se pernicioso ao gênero humano. Por si só esta forma de sensibilidade não é má. Depende de como é usada. Se a inteligência é capaz de destruir o homem, o homem, mudando o objetivo a ser alcançado pela inteligência, esta propriedade poderá transformar-se num excelente aliado para que a humanidade seja feliz. Se apontarmos para a inteligência o objetivo de viver, conviver e amar, com certeza a inteligência humana também descobrirá novos caminhos e elaborará novos métodos de sociabilidade, conquistando para a humanidade uma vida melhor. Historicamente nossa inteligência parece ter sido conduzida e manipulada pelo inconsciente (ou Id) paleoencefálico. Talvez seja esta a razão de as páginas da história salientarem eternamente o derramamento de sangue, peste, fome, guerra e morte. Mas não devemos esquecer: a conquista, a descoberta de um caminho, a elaboração de uma metodologia para que esta emergência possa auxiliar na conquista do amor é, inclusive, tarefa para seres humanos inteligentes.

— Se alguém de nós fosse desejado antes de nascer, tratado como amigo nos primeiros anos e usasse a inteligência para conquistar o amor, seria suficiente para ser feliz?

— Acredito que teríamos dado um passo importante. Contudo não seria suficiente, interrompeu o mais velho dos brescianos. Teríamos que controlar também nosso egoísmo como anteriormenete assinalei.

— O egoísmo não é propriedade biológica indispensável para preservar a vida e a individualidade de cada ser vivo?

— Em princípio o egoísmo é propriedade biológica e por esta razão, somos obrigados a esclarecer a origem do mesmo. Nós acreditamos que esta propriedade está presente em todos os seres vivos, desde as bactérias, manifestando-se às vezes, de maneira exarcebada no Homo sapiens. Como a inteligência, pode conduzir o homem à situações desastrosas.

— Por favor! Justifique esta observação.

— Nós brescianos, começamos justificar as coisas que defendemos a partir de princípios, que nem sempre foram considerados. Quando possível, nos valem da evolução possível do Universo conhecido, porque desta maneira as conclusões nos parecem mais simples e lógicas. Atualmente admitimos que a organização do nosso planeta dependeu da energia e partículas subatômicas que se organizaram no espaço Sideral que pertence a Via-láctea e, que os átomos resultam de uma associação de partículas subatômicas. As moléculas que resultam de uma associação de átomos, são

componentes das estruturas celulares, que agregadas, constituem tecidos, órgãos e sistemas que, associados, possibilitam a existência do ser humano. Nossa estrutura, nossa individualidade egoística, depende de uma sociedade atômica, molecular e celular, e ainda, para sobreviver, depende de uma organização social e cultural. Nós, como seres vivos, estamos permanentemente oscilando entre o egoísmo que mantém nossa individualidade e nossa necessidade de participação social, seja para usufruir, seja para colaborar com esta sociedade ou cultura. Como propriedade biológica o egoísmo nasce, começa a existir no homem, provavelmente já no interior da tuba uterina, a partir do momento em que começa a existência. Ainda na tuba uterina, após a fecundação do óvulo pelo espermatozóide, o núcleo do espermatozóide adquire volume igual ao volume do núcleo do óvulo da mãe. Depois, os núcleos do óvulo e espermatozóide desaparecem e são substituídos pelos cromossomos das células da mãe e do pai. Os cromossomos de ambos se fragmentam, e fragmentos de cromossomos do pai ligam-se a fragmentos de cromossomos da mãe. A partir deste momento cada ser humano tem nas células patrimônio genético do pai e da mãe, porém diferente de ambos. A partir de então as células do novo ser têm identidade própria, e líquidos e células corporais constituintes têm interesses comuns. Na periferia de moléculas dos líquidos e na periferia das células corporais especializadas na defesa do novo ser existem estruturas moleculares complexas, munidas de terminais sensíveis, denominados epítomos. Estes terminais analisam e identificam qualquer coisa, seja agente físico, químico ou biológico que se introduza no organismo. Segundo o resultado desta análise ou computação realizada por estas moléculas, os elementos que se introduziram ou foram introduzidos no organismo podem ser tolerados, modificados e até utilizados como fonte de energia para executar trabalho e manter nossa vida. Entretanto, se os elementos do exterior ou resultantes do metabolismo interior forem considerados indesejáveis ou inúteis, estes sensores informam um sistema humoral e celular de defesa. Este, através de uma série de reações é capaz de capturar ou modificar substâncias ou seres vivos, que são digeridos ou transformados e eliminados para o exterior. Estas percepções e reações de "defesa" no interior do nosso organismo são permanentes e ativas enquanto o organismo viver e tiver capacidade de resistência. Imagine que algumas células como os macrófagos alveolares do pulmão (células que fagocitam elementos estranhos ao organismo) ainda têm atividade de "limpeza pulmonar", mesmo após a morte do indivíduo. Sabemos que podemos usar medicamentos ou substâncias como os corticóides secretados pela supra-renal para controlar, moderar e até suprimir as atividades celulares ou humorais responsáveis pela "defesa" do organismo (egoísmo visceral). Agora, nosso egoísmo pessoal é mais difícil de ser controlado, porque depende também de atitudes aprendidas através da cultura. Deveríamos, além de outras coisas, ensinar a nossos filhos ou a nossa juventude que não estamos sós. Para isso poderíamos exemplificar

com um caderno escolar. No caderno os grampos estão constituídos por uma liga metálica. Os metais foram retirados do solo pelo trabalho dos mineiros e transportados pelos ferroviários ou camioneiros às fundições, onde os metalúrgicos estudaram e descobriram uma fórmula aplicada pelos trabalhadores da fundição, os quais misturaram os metais numa temperatura e proporções adequadas, pré-estabelecidas. A liga metálica assim conseguida foi entregue a uma indústria de transformação. Esta construiu grampos adequados para a gráfica, que condicionou o papel feito das árvores que se desenvolveram com o auxílio dos componentes minerais, microbiologia do solo, água da chuva que veio do mar, luz e calor de um sol organizado a partir da poeira sybatômica da Via-láctea, que descendeu da explosão de um ponto de densidade infinita ou da vontade de um Deus criador. No caderno existe parcela importante do mundo físico, biológico, antropológico ou cultural. No caderno está ainda a revelação objetiva do valor de um trabalho associativo integrado e demonstra claramente que todos os participantes têm igual importância ou valor. Se subtraíssemos a participação de qualquer um dos elementos ou profissionais mencionados, não haveria caderno. Por isso, seria conveniente, de vez em quando, imitar os índios, venerando os astros do céu e lembrar de agradecer também aos sistemas físicos e biológicos que precederam a vida do homem, agradecer ainda o patrimônio genético herdado do pai, da mãe, e venerar os trabalhadores de todas as profissões que decisivamente contribuíram ou contribuem para nosso conforto atual. É o mínimo a ser feito. Controlar nosso egoísmo seria um passo importante para a conquista do amor. Mas não seria suficiente.

— Qual seria a outra etapa?

— Deveríamos controlar também nossa agressividade.

— Mas agressividade não é também uma propriedade biológica?

— A agressividade é também propriedade biológica. Sem defesa visceral ou imunológica, sem defesa ou agressividade, a vida de cada um de nós não teria condições de sobrevivência. Esta verdade não pode ser negada ou sonogada. Esta propriedade (defesa ou agressividade) foi assumida precocemente pelo cérebro durante a evolução biológica, e parece estar localizada no paleoencéfalo, mais precisamente na região límbica. No homem, esta área está intimamente relacionada às áreas hemisféricas da inteligência, consciência e pensamento. Estas interrelações parecem explicar por que a agressividade pode estimular as sensibilidades da inteligência, consciência e pensamento ou ser por elas estimulada. Nós acreditamos, como os Maias, que há um "crocodilo" na base cultural do planeta, porque na história oficial da humanidade é clara a dominância desta área cerebral. Parece-nos que a humanidade é ainda infantil e tem apenas o cérebro primitivo para se conduzir ou obedecer e mal consegue vislumbrar as áreas afetivas e só

esporadicamente consegue se manifestar com solidariedade, gratidão, amizade e amor.

— Não é o senhor que está agora sendo excessivamente agressivo com nossa cultura?

— Talvez. Mas não consigo ver de outra maneira. Quais os personagens eternamente lembrados, insistentemente lembrados? Quanto maior o flagelo humano imposto, mais os agentes promotores da agressão são lembrados e estudados. E os autores destes flagelos são freqüentemente endeusados como homens ou agentes promotores de progresso ou civilização. Na verdade estes historiadores não passam de verdadeiros bajuladores do poder, encastoados sob o título de intelectuais. Além de louvar homens cruéis, costumam colocar em notas de rodapé aqueles homens que realmente contribuíram com o progresso tecnológico, cultural ou filosófico. Vamos continuar citando como exemplos a serem seguidos pelos nossos filhos, os ulisses e napoleões ou pequenos déspotas insignificantes, e esquecer os confúcios, os sócrates, os leonardos da vinci, os dantes, os pasteurs, nossos compositores e cantores italianos de NB e os milhões e milhões de trabalhadores mortos, principalmente os professores, que aprenderam e perpetuaram através da escola as descobertas de inteligências privilegiadas? Por que não contar detalhadamente aos nossos filhos a história do labor realizado pelos homens que nos trouxeram o fogo, a roda, a escrita, os números, a régua, o esquadro, o transferidor, o papel, o parafuso, a imprensa e os homens que construíram a filosofia, a matemática, a física, a química, a biologia, a sociologia e as ciências tais como: a informática de Shanon, a Cibernética de Winner, a teoria dos sistemas gerais de Berthalanfy, a Biotecnologia, a teoria da complexidade de Edgar Morin, ciências que, com certeza, revolucionarão o comportamento humano? Por que sonegar dos nossos filhos a história dos homens que contribuíram com o melhor daquilo que a humanidade possui? É perigoso estimular o cérebro mais antigo, aquele que tem maior experiência com o ecossistema planetário, e negar ou sonegar aos homens ou aos nossos filhos as emergências cerebrais afetivas mais recentes, e por isso mesmo as mais bonitas e frágeis, as quais são comumente negadas ou consideradas como ideologias religiosas ou fantasias poéticas.

— Nas tuas afirmações há alguma verdade mas, não debes condenar totalmente a História Oficial e as guerras. Muitas descobertas científicas foram estimuladas pelas necessidades exigidas pelas guerras ou revoluções. Depois foram usadas para fins pacíficos. A radioatividade é exemplo.

— A radioatividade não é exemplo de nada. Foi aperfeiçoada pelas necessidades da guerra, mas nem por isso devemos esquecer quem realmente a descobriu ou contribuiu para o conhecimento da mesma como Demócrito, Dalton, o casal Curie e outros cientistas como Fermi, Heisenberg, Einstein e

tantos outros. Aliás, escravizar o conhecimento para satisfazer necessidades paranóicas e pessoais também é moda. Inclusive moldar consciências para justificar ideologias agressivas é comum e por isso, consciência e pensamento são também afastados ou impedidos de participar da conquista do amor. A agressividade cultural afirma não haver compatibilidade da ciência com as emergências cerebrais afetivas como se estas emergências fossem mitos religiosos e os cientistas não tivessem paleoencéfalo para as paixões, hemisférios para a amizade e neocórtex cerebral para o amor.

— Não fosse vossa insistência em repetir as propriedades encefálicas, talvez não percebesse da importância do meu cérebro em relação ao meu comportamento, e gostaria ouvir do senhor como a consciência e pensamento devem participar da conquista do amor, porque elas também devem ser emergências cerebrais sensíveis.

— Talvez não seja fácil. Mas vamos tentar. Começaremos pela consciência.

— Muitas vezes tenho me isolado do mundo propositadamente e fugido da turbulência desta civilização ocidental agônica que apresenta convulsões paroxísticas aterradoras. Neste exílio passageiro procurei rever a conduta do meu passado, relacionando a imagem do espelho que me conduz (meu ego) com a realidade do mundo que me envolve e influencia, policiando o conhecimento que me vem através dos sentidos. Sei que estes sentidos podem me trair ou enganar, e por isso, a condução do meu futuro é incerta. Cautela e autocrítica me levaram a abandonar certos objetivos e a estabelecer outros. Contudo, a cada passo, procurei controlar a agressividade que sempre me foi estimulada pela cultura atual, e lendo, aproveitei muito a experiência de outros e de vez em quando, até aceito conselhos, entre os quais, o do Carlos Castañeda, que pode ser assim resumido: "Todos devem ter um caminho, o coração no caminho porque não existe caminho sem coração." O retiro temporário, como fazem os religiosos, é necessário e mesmo indispensável, principalmente para poder aparar as arestas ou as farpas que esta sociedade, às vezes, egoísta e extremamente agressiva me aponta, me fere e tenta destruir minha individualidade. Durante a caminhada, nossa individualidade e consciência para sobreviver, se moldam ou se deturpam ou se constroem sob a pressão da sociedade. O resultado desta relação (sociedade e nós) pode determinar uma consciência voltada para a conservação do ecossistema biológico, ou construir uma consciência que suporta ou se torna indiferente ao ecossistema social atual. Portanto o caminho escolhido pela nossa consciência (superego) nem sempre é o melhor. Na trajetória, uma revisão crítica da nossa consciência se faz necessária se quisermos preservar nosso direito ao trabalho, à vida e à preservação da nossa individualidade, limitando nossa liberdade onde começa a liberdade dos demais seres vivos que também têm direito ao trabalho, preservação da vida e espécie, principalmente se atribuirmos a outros

humanos o direito de preservar ou cultivar ideologias diferentes ou estranhas ou ignoradas por nós. Não devemos ter o comportamento de Nero por exemplo, que matava cristãos, nem o comportamento daqueles cristãos que depois, matavam hereges. Nossa consciência atual condena ambos, embora ainda existam consciências fanáticas que defendem a inquisição ou crucificação dos religiosos ou dos políticos, ou dos pretos, pobres, índios, maometanos, judeus, mórmons, etc... Conduta adequada sem fanatismo, respeitando crentes ou ateus, rever, repensar nossas crenças ou ideologias, rever caminhos andados, evitar erros cometidos, controlar nosso egoísmo, nossa agressividade e a agressividade da cultura a que pertencemos, deveriam ser atividades constantes, se pretendêssemos amar durante nossa fantástica e emocionante aventura de viver. Se puderes revisar sem preconceitos o caminho que escolheste, procurando viver para conhecer e conviver, tua consciência talvez possa te perdoar e perdoar, e serás pelo menos grato àquela mulher pelos momentos felizes que com ela viveste. Se puderes optar como objetivo de vida, desenvolver as potencialidades afetivas para que o amor se materialize na tua conduta, de certeza poderás recuperar boa parte do tempo perdido.

— Teu conselho traduz também a possível existência de uma consciência ética, a qual parece atualmente uma casa abandonada. Deveria a humanidade entrar neste museu abandonado e através desta ciência, reencontrar um caminho para desenvolver autocrítica?

— Nós acreditamos que sim. A ética deve ser reestimulada e renovada para esclarecimento e amadurecimento da consciência humana. No Ocidente e em NB, a ética que orientava as relações humanas, obedecia os dez mandamentos ou o pensamento cristão. Mas a teoria esbarrava a partir do ano 200 da era cristã na aplicação prática, principalmente a partir do ano 1.600, quando os cristãos começaram adotar as ideologias econômicas, tendo como objetivo obter lucro a qualquer preço. Violentar, matar ou corromper índios, negros, amarelos e brancos deserdados pelo poder, para roubar terras, ouro, prata ou petróleo, tornaram-se práticas habituais para fortalecer a economia do Estado ou Capital. Desta maneira, a hipocrisia do comportamento, face às pregações ideológicas determinou desmoralização progressiva da ética cristã apregoadas.

— Às vezes me parece que estás exagerando, comentou o professor.

— Talvez. Mas não sou pessimista quanto ao retorno do homem e este reabraçar a ética abandonada. Contudo a evidência histórica está demonstrando que o abandono da ética não foi repentino. Além da desmoralização por falta de uma atividade prática por parte daqueles que difundiam o cristianismo, a partir do Renascimento o homem endeusou progressivamente a racionalidade científica. Esta, progressivamente, transformou o mundo em objetos, e todos

os constituintes do Universo foram atomizados ou pulverizados, inclusive os mitos, as fantasias, as religiões, o homem e a ética.

— Continuas com uma linguagem muito severa com a civilização Ocidental. Nem todos, inclusive eu, concordam com tua maneira de pensar.

— Isto eu sei e muito bem. Tivesse eu a prudência de calar não teria granjeado tantos inimigos e recebido tantas agressões. Defendendo-me, também fui obrigado a revidar com minha agressividade, esquecendo nestas ocasiões meus hemisférios e neocórtex. Mas no conforto de um isolamento ou solidão programada, minha inteligência procurava novos caminhos para me adaptar a esta sociedade e me reencontrar com as emergências afetivas. Eu não tenho dúvidas: é muito ruim o futuro que está sendo programado pela voracidade sem limites adotada pela era industrial e o neoliberalismo econômico. Os filósofos europeus atuais parecem desesperados, porque uma nova era de barbárie se aproxima, sem qualquer possibilidade de controle.

— Também participas ou comungas desta opinião?

— Devo concordar que, às vezes, não vejo alternativas que possam conter esta avalanche. Seria necessário que se descobrisse e rapidamente, uma nova ideologia, uma nova crença, um novo pensamento principalmente uma teoria que pudesse demonstrar aos homens que, os problemas que afligem a humanidade não são de base econômica, são fundamentalmente de bases afetivas, porque não atribuímos ao cérebro humano as propriedades de ser amigo, grato, solidário e amante.

Com o semblante preocupado o mais velho dos brescianos revolia a cinza, as brasas e a lenha para reanimar o fogo como se a luxúria das chamas pudesse evitar a degeneração e a degradação humana que estão próximas.

Interrompendo o silêncio, perguntou o professor.

— Afirmas que os problemas cruciais dos seres humanos se devem a problemas afetivos. O pensamento humano não poderia encontrar uma solução pelo menos paliativa ou emergencial para definir novos caminhos?

— Para falar do pensamento como emergência cerebral sensível, capaz de melhorar as perspectivas que nos assustam e deprimem, talvez fosse conveniente fazer um breve sumário do que já vimos. Caso contrário poderíamos nos perder em divagações inúteis. A amizade, o egoísmo, inteligência e consciência talvez necessitem dos estímulos da paixão para que atuem com vigor e rapidez na busca da verdade e do amor. O pensamento, teoricamente, deveria ser o coordenador das emergências cerebrais acima referidas, inclusive ser capaz de controlar a violência das paixões. Contudo, como todas as emergências sensíveis, é difícil conceituá-lo, e por isso mesmo usar esta propriedade para a conquista do amor. A maioria dos filósofos considera o pensamento como uma propriedade exclusiva do neocórtex

humano. Como a inteligência, é um processo mental que procura a solução de problemas. Entretanto o pensamento elabora as ideologias, e estas conduzem a inteligência escolher as estratégias para a conquista dos objetivos ideológicos elaborados. Para alcançar estas metas o pensamento utiliza-se de duas estratégias diferentes. Uma, o método indutivo procura a verdade a partir de fatos isolados, tentando elaborar fórmulas ou conceitos que expliquem a maioria ou a generalidade dos fenômenos. O outro processo, denominado dedutivo, persegue caminho inverso. Através de verdades gerais tenta afirmar ou definir verdades particulares. Apesar dos métodos citados terem alcançado avanço extraordinário para a elaboração de ideologias, matemáticos modernos parecem duvidar da correção dos mesmos e enfaticamente afirmam: "Se desconhecidas as condições iniciais dos fenômenos, as etapas sucessivas possíveis dos fenômenos estudados, além de um certo limite, são imprevisíveis. Ora, nós não conhecemos nem sabemos exatamente qual a origem do Universo, do átomo, da Vida, da sensibilidade, inteligência, consciência, pensamento, amizade, solidariedade e gratidão. Quando a humanidade começou a escrever sobre estas coisas, todas elas já existiam. Por isso, todas as tentativas formuladas pelo pensamento com o auxílio dos métodos indutivos ou dedutivos podem começar por falsas premissas e os resultados terem validade apenas dentro de um certo limite ou tempo de duração. Durante séculos, o amor tem sido objeto de especulação do pensamento humano. Quase sempre relacionado as manifestações divinas, muitas vezes, pelas religiões foi colocado como um elo entre os homens e os deuses. Além dos gregos, o pensamento de Dante Alighieri, talvez seja o primeiro a relacionar o amor como propriedade humana. Entretanto como eternamente a humanidade fez, ele também considerou o amor uma propriedade cardíaca. Nós acreditamos que a neuroanatomia, neurofisiologia, psicologia e psicanálise, já possuem bases suficientes para que esta emergência cerebral sensível mereça profunda revisão e estudo por parte do pensamento humano. Se esta propriedade relacionar os dados que as referidas ciências já possuem e o pensamento relacionar estes dados com as diferentes propriedades de cada um dos três cérebros existentes, superpostos e profundamente relacionados, provavelmente, as novas conclusões, demonstrarão aos homens que o amor não é propriedade divina, nem propriedade de uma alma humana imortal, muito menos altruísmo de algumas personalidades. Os homens, através do pensamento, descobrirão que o amor é também emergência cerebral sensível resultante de uma complexidade neocortical assombrosa.

— Prezado senhor! Vossa linguagem me confunde e, às vezes, me deixa desconcertado. A relação cérebro- amor nunca me havia passado pela cabeça, contudo deves concordar comigo: a maioria dos homens não conhece ou não aceita a evolução biológica. Logo, não admitirá também uma evolução sensível paralela à evolução cerebral. Raros ocupam-se em conceituar

consciência, inteligência e pensamento. Conseqüentemente, o amor, apanágio da evolução biológica cerebral sensível, é inacessível para a maioria dos seres humanos.

— Devagar. Não pretendo fazer mau juízo de ti, e da mesma maneira não debes fazer mau juízo dos seres humanos. Também considerei muitas vezes inútil a busca de novas verdades e me contentava com a idéia simplista de o mundo ter sido criado por Deus em seis dias de trabalho. Também admitia felicidade na ignorância e confundia esta propriedade com ingenuidade. Contudo, não debes proceder como fazem os ricos (ou pobres com dinheiro) os quais não reconhecem nos analfabetos ou nos seres humanos das classes trabalhadoras deserdadas pelo capital, as propriedades cerebrais afetivas do cérebro humano. Apesar do atraso cultural ou tecnológico em todos os tempos e em todos os povos, as manifestações das três áreas cerebrais sempre estiveram presentes nestes seres humanos, porque eles foram tão humanos quanto nós. Primitivos ou analfabetos, pobres ou negros, índios e amarelos também matavam e matam ou morriam e morrem defendendo a vida ou a própria espécie. Como a nossa gente de NB, também revelaram e ainda revelam as manifestações de amizade e inteligência. Todos nós, analfabetos ou não, choramos, rimos e nos comovemos. E digo mais. É mais fácil haver manifestações de amizade entre pobres das classes trabalhadoras (assalariados ou não), sem os preconceitos da cultura ocidental, do que entre vereadores, prefeitos, deputados, senadores, reis, ditadores ou imperadores. Principalmente se forem europeus. Entre os povos primitivos ou analfabetos das favelas ou da área rural do município de NB a cultura pode ser antiga, medieval ou renascentista. Entretanto, nas atitudes do povo de qualquer classe do nosso município, desde a idade da pedra lascada até as bombas de Nagasaki e Hiroshima, os documentos revelam as manifestações da paixão, inteligência, consciência, amizade, solidariedade, gratidão e amor. No meio do nosso povo, da nossa gente, no comportamento dos seres humanos sempre estiveram presentes o mito ou as fantasias e todos os povos tentaram difundir crenças religiosas ou filosofias políticas idealizadas pelo pensamento. Não sei quanta cultura existe nas favelas do Rio de Janeiro ou na escola rural de Garibáldi (subúrbio de NB), nem quanto um analfabeto pode ser mau ou um culto ser bom e ainda um pobre ser bom e um abastado ser mau. Entretanto, qualquer que seja a raça, o grau de cultura ou condição sócio-econômica, cada ser humano tem dentro de si, inserido na estrutura anatômica do cérebro a evolução biológica sensível, que começou com as bactérias. Apesar da dominância paleoencefálica da história humana, amizade hemisférica e amor neocortical sempre estiveram presentes nas estratégias elaboradas pela inteligência ou nas ideologias elaboradas pelo pensamento.

— Falas de uma maneira excessivamente racional e simplista para o conceito do amor. Afirmas que Eros tem raízes na origem da sensibilidade viva

e somente emerge com plenitude no sapiens, desde que este homem tenha um cérebro plenamente desenvolvido e que busque aperfeiçoamento constante da inteligência, consciência e pensamento, controlando ainda o egoísmo, a agressividade e os sentidos da paixão...

— E ainda não terminei, interrompeu o mais velho dos brescianos. Para amar devemos preservar também nossa identidade pessoal, considerar as propriedades dos hemisférios masculinos e femininos, relacionar nosso amadurecimento cerebral com o nosso comportamento e repensar nossa cultura e literatura.

— Não estás extrapolando com as exigências?

— De maneira alguma. Tens razão quando me consideras simplista em relação à maior complexidade cerebral, e me sinto inseguro ao fazer semelhantes afirmações. Tenho consciência da limitação cultural que me foi imposta pelo ambiente, impedindo-me de alargar meus horizontes. Entretanto nunca fui passivo quanto ao destino da humanidade, e também não fui passivo quanto à preservação de todas as formas de vida da minha terra natal. Sempre tive convicção clara e objetiva: quanto maior o número de espécies vivas que estiver ao meu redor, mais fácil será sobreviver e conviver, e esta certeza sempre atçou as interrogações que se abatiam sobre o meu conteúdo encefálico: Por que tanta disputa, tanta fome, doença, tortura, medo, guerra e morte num planeta tão pequeno e frágil e aconchegante e pleno de vida? Sempre pensei que o paraíso seria estabelecido na Terra pela paixão artística e amante dos homens. O céu dos religiosos sempre esteve excessivamente longe da minha imaginação limitada...

— Estas revelações me fazem pensar que o senhor é um velho angustiado.

— E não deveria ser? Segundo nossa maneira de pensar, para se conquistar as manifestações do amor é necessário um longo aprendizado, e, poucos têm tempo para pensar e admitir esta verdade. A maioria, pressionada pela agressividade que vem de todos os lados aceita qualquer conceito de amor proposto. Entretanto, se alguém pretende amar deve tentar compreender esta espantosa complexidade encefálica e reciprocamente a fragilidade deste sentimento. O amor, emergência resultante de todas as associações cerebrais sensíveis é incompatível com a indiferença do egoísmo ou da ingratidão. Embora os amantes reconheçam em si e nos outros uma experiência única na natureza e vivem para si, em função de si e são como qualquer partícula do Universo carregando os estigmas da individualidade e solidão, quando o amor neles se manifesta, apesar da individualidade cristalizada e da solidão irreduzível de cada um, como nos milagres, o amor elimina os estigmas da individualidade e da solidão e elimina também a concorrência ou o antagonismo. Quando o amor se manifesta a solidariedade e

complementaridade se tornam tão intensas que homem e mulher conseguem ocupar ao mesmo tempo o mesmo lugar no espaço, como se ali o Universo regressasse a condição primitiva de um ponto de densidade infinita. Contudo, o amor não é uma sensibilidade estável. Quando no infinito da paixão enlouquecedora, o prazer parece ter transposto o infinito da sensibilidade, desabrocha no casal de amantes afeições abrangentes e que a vulgaridade diz ser resultantes da bondade do coração humano. O amor que nestas circunstâncias emerge das sensibilidades neocorticais nos quer ensinar que todos somos filhos do Universo e todos temos direito ao trabalho, à vida e à preservação da própria individualidade...

— Realmente, comentou o professor, poucos relacionam o comportamento humano com as propriedades cerebrais. A humanidade ainda refere os batimentos cardíacos e a angústia respiratória como se no coração e pulmões se alojasse a sensibilidade afetiva do amor. Será que, propositada ou inconscientemente a humanidade evita conhecer esta área corporal?

— Não sei se é inconsciente, proposital ou de difícil acesso. Acredito nesta última hipótese. Parece incrível mas o verdadeiro conhecimento de nossas propriedades encefálicas, começou praticamente com as guerras napoleônicas. Na loucura das batalhas, onde os homens se matavam sem compreender as razões primitivas da rapinagem. Charles Bell, médico inglês, relacionava os diferentes tipos de paralisia que se manifestavam nos soldados feridos com as áreas cerebrais comprometidas. Um francês, Brocca, também contribuiu decisivamente para o começo da caminhada quando descobriu áreas cerebrais relacionadas à linguagem. Cento e cinquenta anos após, MacLean definiu o cérebro triúncico: paleoencéfalo, mesencéfalo e neocórtex. Os trabalhos de Sperry, em 1975, permitiam vislumbrar a dominância masculina do hemisfério cerebral esquerdo e a dominância feminina do hemisfério cerebral direito. A dominância de um ou de outro na maneira de ver ou pensar o mundo parece estar na dependência da testosterona, um hormônio secretado pelo testículo. Se este hormônio está presente na circulação sangüínea desde a fase embrionária desenvolve-se neste ser humano a capacidade de conhecer dominada pelas propriedades sensíveis do hemisfério cerebral esquerdo. Na ausência de testosterona desenvolvem-se as aptidões do hemisfério cerebral direito de dominância feminina.

— Se existem estas diferenças cerebrais, e o homem e a mulher resolvessem estudá-las para conhecê-las, provavelmente machismo e feminismo seriam eliminados, e as emergências do amor mais facilmente alcançadas...

— Nós somos visceralmente favoráveis àqueles que defendem o conhecimento, ou melhor, a educação objetiva e abrangente, ecossistêmica como propõe Edgar Morin, como única solução para os problemas humanos. A

educação que nos ensinasse também acentuar nosso potencial afetivo permitiria desde cedo demonstrar à humanidade que a amizade, solidariedade, gratidão e amor são manifestações dependentes de uma complexidade encefálica humana anatômica e funcional. Aos poucos poderíamos ver que a complexidade cerebral do hemisfério esquerdo tem melhores aptidões para o conhecimento linear, abstração, ciências físicas e matemáticas, e que a mulher tem tendência ou maior facilidade para a síntese, intuição e compreensão. O cérebro do homem parece ser pragmático. O cérebro da mulher, poético. E isto é bastante animador. A participação da mulher atual em todas as áreas de atividade humana deixará a marca poética do hemisfério cerebral direito e então nas manifestações da cultura, o cérebro matemático começará a se relacionar melhor com a emergência de um novo conhecimento adocicado pelo cérebro feminino. O mundo será extraordinário quando ciência e poesia caminharem “lado-a-lado e de mãos dadas”. Homens e mulheres compreenderão, afinal, que as aptidões de cada um, tão diferentes, são indispensáveis para a felicidade de ambos.

— O cérebro se desenvolve com a idade do indivíduo. As aptidões do indivíduo aumentam com o passar dos anos. O amor, como emergência da complexidade cerebral, obedecer ia ao amadurecimento encefálico?

— Para nós é evidente. Como vimos anteriormente, o cérebro tem desenvolvimento extraordinário na vida intra-uterina e até os dois anos de idade. Desenvolve-se muito pouco até os quatro anos, quando cessa definitivamente o crescimento anatômico.

— Nossa capacidade de amar então começaria aos quatro anos?

— Amadurecimento anatômico não significa amadurecimento fisiológico. As aptidões cerebrais parecem estar plenamente desenvolvidas no fim da adolescência ou começo da juventude. Nesta idade, também influenciados pelo amadurecimento corporal e hormonal, os jovens parecem despertar e descobrir um planeta alucinante, onde a exaltação e as angústias da alma se alternam. A sensibilidade dos sentidos parece atingir a plenitude do desenvolvimento e permite desabrochar ou explodir as paixões muitas vezes confundidas com a sensibilidade do amor. Nesta idade, o céu, a terra, as matas ou jardins, as estradas, as avenidas das cidades, o comportamento dos mamíferos ou das aves ou mesmo insetos, ou as manifestações humanas através das artes, tudo deste planeta se transforma e tudo se move com vida e poesia e nosso pequeno planeta tem os encantos da fantasia do paraíso. Nesta idade não se admite para ninguém a peste, a fome e a guerra. Até a morte é tolerável se através da mesma houver possibilidade de conquistar as fantasias elaboradas. Ninguém nesta idade admite as arbitrariedades ou tortura da direita ou da esquerda. Os jovens normal mente condenam a tirania dos déspotas, o maquiavelismo do poder e a falsidade das ideologias. Para nós, o amor emerge

nos jovens apaixonados parecendo tímido como quem espera ser convidado a participar da exuberância de viver. Nesta idade o amor começa a germinar e se desenvolver. Estimula os apaixonados a participar da criatividade que busca a verdade e um mundo melhor para todos. Não importa o exterior anatômico nem as diferenças cerebrais hemisféricas femininas ou masculinas, as diferenças de aprendizado ou comportamento, nem raça, religião ou ideologia política. Exatamente nos jovens, na fase de maior turbulência e amadurecimento corporal e hormonal do homem e da mulher, começam as manifestações do amor. Isto se pode perceber mesmo na época atual. Mesmo os jovens abandonados sistematicamente desde os primeiros dias de vida, sem qualquer orientação para desenvolver pelo menos a emergência afetiva da amizade, mergulhados nos abismos da indiferença e solidão, impregnados de uma tecnologia obtusa ou abstrata, sem perspectivas ou nas malhas da angústia e depressão, perplexos com a agressividade planetária brutal, visível e palpável em todos os cantos desta cidade, apesar de tudo, quando apaixonados, conseguem ver um mundo colorido, povoado de sons pela festa dos pássaros. Um mundo invadido pela beleza e conforto adocicado das estrelas, as quais, nas noites de luar, têm o perfume e o colorido das flores. Nenhum de nós esquece, quando jovem, trêmulo, inseguro e angustiado, perante a pessoa amada dela nos aproximamos, e suavemente lhe tomamos as mãos, e num instante de súbita coragem conseguimos encarar o rosto da mulher que também nos desejava, e então envolvidos pelo turbilhão das auras afetivas, esquecemos com quantos braços e abraços enlaçamos aquele corpo quente, úmido e convulsivo de onde nasciam gemidos sufocantes, beijos viscerais que explodiam em ais incontroláveis como se ali duas feras se estrangulassem. Não sabemos. Não sabíamos também o porquê do silêncio que nos ressuscitava do abismo do prazer ou nos adormecia com a paz dos astros do céu. E fácil nestas circunstâncias, confundir os êxtases da paixão com as manifestações do amor, é fácil para os incautos ou insensíveis confundir estes momentos de alucinação fulgurante da paixão com as manifestações do amor e esquecer a fabulosa sabedoria dos gens que obriga a todos a perpetuação da espécie, atijando com a voracidade das chamas as propriedades das ações hormonais. A superficialidade de exame da situação confunde as ações genéticas e químicas com as primeiras manifestações emergenciais do amor. Nós gostaríamos, entretanto, de perguntar a todos que na juventude tiveram momentos semelhantes se não perceberam, nestas ocasiões, uma outra forma de sensibilidade que timidamente batia às portas da nossa alma. Se esta sensibilidade invisível não convidava para uma nova vida, para a construção de um mundo melhor, como se do infinito dos céus alguém ousasse veladamente proclamar: amai tudo e todos porque tudo e todos vos pertencem e amai-vos também porque sois uma ínfima parcela do Universo que vos contém, mas vos ignora. Nestas ocasiões ninguém lembrou de participar de confusões agressivas ou desonestas, e todos nós, naqueles momentos, abominamos a

estupidez das guerras e revoluções. E a emergência cerebral que solicitava permissão para participar do nosso dia a dia também fazia exigências. Como a Vida, o amor que ali começava a se manifestar pretendia proteger a liberdade e avisava que não podia viver enclausurado. Ensinava que os desejos de paz e respeito à Vida e aos homens deviam transcender os limites da alcova, da cidade e da nação. Jamais se escravizaria a dois. Como soberano senhor convocava os sentidos da paixão, as emergências sensitivas da amizade, solidariedade, gratidão, inteligência, consciência e pensamento para que a plenitude da sensibilidade dos dois amantes se obrigasse a ordenar, reorganizar e harmonizar o caos do Universo que explode ou se anula sem respeitar as fronteiras ou a sutileza artística das sensibilidades biológicas. Ali, naqueles momentos, por frações de segundo, o amor nos ensinava a exultar com a afeição do pai pela mãe, pelos filhos, pelos irmãos, pelos amigos, vizinhos e desconhecidos, e ensinava a buscar caminhos tentando nos conciliar com inimigos. Ali, prostrados pelo prazer, o amor nos ensinava a louvar as histórias de uma afetividade que transcendesse divergências políticas, raciais, religiosas, econômicas e sociais. Sem querer, como se do inconsciente nascessem as ordens, nós éramos induzidos a aplaudir a sensibilidade que arrasta a reevolução da ciência, das artes, dos mitos e fantasias, e o amor, justificava nossa loucura ou razão de viver ou mesmo morrer sem destino. Se nos dias atuais as paixões entre os jovens são efêmeras ou "eternas" como a duração de um orgasmo é porque roubamos ou sonegamos da juventude o direito de ser amiga, grata e solidária com os homens, com os céus, a terra e a vida. Ofereceu-se aos nossos filhos metodologia para desenvolver a inteligência, contudo lhes ocultamos a ética para aperfeiçoarem a consciência. Oferecemos-lhes uma lógica pensante que constrói apenas uma tecnologia escravizadora. Contudo, não lhes oferecemos nenhuma ética, pedagogia ou ideologia para que nos jovens se desenvolvessem as emergências cerebrais hemisféricas responsáveis pelas sensibilidades mais sutis e delicadas das aves e mamíferos, impedindo-os por estas razões de clamar pelas ruas LIBERDADE, IGUALDADE e FRATERNIDADE. Se tristeza e desalento se vêem no rosto dos homens maduros e velhos é porque também na profundidade do inconsciente destes homens há uma percepção verdadeira: reconhecem ver filhos e netos perambulando pelas ruas com as sensibilidades afetivas castradas, esbordados e amorfos, sangrando pelas farpas amargas das avenidas e ruas construídas pelas navalhas da frieza, crueldade solidão, indiferença, pragmatismo e tecnocracia dos adoradores do lucro, com a alma ferida pela rigidez e insensibilidade do aço do Capital ou tirania do Estado. Perplexos, estes adultos percebem que alijaram a juventude do palco histórico humano, impedindo-a de participar da renovação ou re-evolução humana. Já não sabem ou não tem força nem ânimo para segurar o leme. Incompetentes, submersos na tempestade social que convulciona o mundo, adultos e velhos

despejam o pouco da afetividade que ainda tem nas engrenagens de uma cultura que os torturam ou oprimem.

— Não acredita na juventude?

— A racionalidade me obriga a fazer tais afirmações. Esta porém, não comanda integralmente minhas atitudes. A fantasia ou a intuição sempre me ensinaram: trate os jovens como se fossem filhos dos seres humanos e eles se revelarão tão sábios e poéticos como os deuses. Nossa consciência não permite negar ou menosprezar o potencial afetivo humanístico que existe nos hemisférios de todos nós, principalmente nos jovens.

— Então é difícil um reencontro da juventude com as sensibilidades da amizade, solidariedade, gratidão e amor porque nossa cultura se desenvolveu num caminho oposto ao caminho que se propõe a conquista do amor?

— Penso ter sido claro e objetivo. Para a conquista da sensibilidade do amor é necessário um longo aprendizado. É necessário admitir a evolução da sensibilidade biológica paralelamente à evolução anatômica do sistema nervoso. Compreender ou admitir que as áreas cerebrais sensíveis existem, mas é necessária uma prática ou um método para desenvolvê-las. Atualmente tudo concorre para que estas permaneçam mudas. As mães não ficam dois anos convivendo com os filhos. Nas escolas não se promove um aprendizado ou um trabalho associativo. Existem ainda o primeiro e o último lugares. Os filhos são educados sem limitações e a ética cristã já não é mais ensinada. As conseqüências são, por isso mesmo, desastrosas. Veja! Muitos destes indivíduos que foram assim orientados ocupam atualmente, cargos de poder e decidem os rumos da humanidade. Estes indivíduos sem afetividade para o social, administram unicamente para satisfazer as paixões pessoais paranóicas, perpetuando a crença estúpida de que a ciência política perverte a honestidade dos homens. Por estas razões vivemos numa época em que os conflitos gerados pelas relações inconvenientes ou desumanas entre trabalho, capital e poder tornam-se cada vez mais difíceis de controlar. Vivemos uma época em que nossa deusa, a Vida, está ameaçada de ser eliminada deste planeta. Não há para o jovem um futuro promissor quando os mais velhos decidiram desaparecer com a própria morte. Tudo converge para o desenvolvimento de uma agressividade individual e coletiva sem limites, desencadeando nos jovens insegurança e indiferença. Não é o inimigo da Pátria, da nossa cor, cultura ou religião quem atormenta os jovens. O inimigo da juventude está na nossa cidade, no nosso bairro, no nosso ambiente de trabalho, muitas vezes dentro da nossa escola, da nossa casa, está no sistema de informação que estimula a agressividade em cima ou embaixo da nossa cama. Nesta época, para os jovens é excepcional ver um presidente, senador ou deputado honesto e competente, amante de nossa cidade e interessado em soluções reais para que nosso povo pudesse usufruir de um nível médio de

vida melhor. Para a juventude e para nós a decadência da política e da educação são, hoje, fatos normais. Despojados de afetividade hemisférica porque nunca a desenvolveram, os jovens percebem nos que governam, que representam a cultura do Ocidente, um egoísmo sem limites e os adultos de um modo geral, negam a existência de políticos decentes. O caos administrativo em todos os níveis da atividade pública, é a regra, e o poder exercido unicamente para satisfazer a paranóia de quem governa. Os jovens como nós, vêm roubar das igrejas, dos hospitais e das escolas e vêm políticos ou administradores usarem estas instituições para espoliar sem escrúpulos a sociedade trabalhadora. O exemplo que vem de todos os níveis superiores deixa a desejar e são estas as razões que deixam nossos filhos deprimidos, angustiados e descrentes.

— Além do mais és pessimista.

— Não sou pessimista. Pelo contrário. O comportamento do homem também tem limites e estes limites não serão determinados nem pela repressão nem pelo pensamento ideológico do neoliberalismo econômico. Quem deverá impor limites na conduta humana é a sensibilidade do amor que o homem pretende negar. Esta sensibilidade tem parâmetros e paradigmas estabelecidos, embora o comportamento humano atual tente destruí-los. Como o comportamento atual da cultura é antibiológico, rapidamente será abortado e deste caos nascerá uma nova era, uma nova re-evolução humana e isto é preciso difundir e ensinar para nossa juventude.

— Apesar desta civilização estar condenada ao fracasso parece ter esperanças.

— Acredito nos homens porque estes ainda compreenderão melhor o cérebro que têm no interior do crânio. Para nós a civilização está em decadência, porque está dominada pelo comportamento infantil ou paleoencefálico. Enquanto esta criança ou cultura grega exalta Ulisses, nós vemos em Ulisses um homem cruel. Assaltava aldeias ou pequenas cidades, matava adultos e velhos, escravizava mulheres e crianças e estas eram transformadas em máquinas de produzir trabalho. A cultura das nações atuais continua orientada pela mesma regra. Nas manifestações de poder das nações do mundo inteiro uma idéia latente ou camuflada continua: escravizar outros povos, eliminar culturas desconhecidas ou adversárias. Ainda não nos livramos de algumas heresias da racionalidade como esta: "quem não domina será dominado". Nós, brescianos, queremos deixar de ser infantis como eram os gregos e são seus discípulos.

— Quem vê a cultura grega ou atual segundo esta visão parece que realmente nada mudou neste mundo. Entretanto, os gregos, como nós, não foram apenas carrascos. Eles, como nossa civilização, têm méritos.

— E necessário prezado professor, distinguir fatos. Quando os gregos destroem outras civilizações por eles consideradas bárbaras, nós condenamos. Quando os gregos desenvolvem a filosofia, artes e ciência, nós os louvamos. Todos os filhos de NB deveriam ler "O Banquete" de Platão ou, do mesmo autor, "Fedro". Nestas páginas, para nós, está o apogeu da cultura grega. Em "Fedro", Platão tenta distinguir o amor das paixões e que ambos devem ser bem conduzidos. Em "O Banquete", Platão também exalta as virtudes do amor, dizendo que o mesmo nasceu com a terra e era filho do Caos Primitivo e da Noite, a personificação das trevas. Reconhecia no amor uma sensibilidade que ultrapassava os limites da cabeça humana. Citando a deusa da sedução, Até, dizia poeticamente: "Delicados são os seus pés, pois o amor não se apoia ao solo mas anda sobre a cabeça dos homens." Para ele o amor era de sabedoria extrema, suave, flexível, ágil, sempre disposto a se manifestar no perfume das flores. Fugia do mal, aproximava-se do bem, não suportando injúrias ou blasfêmias, nem violência ou corrupção. Dominava a fúria das paixões, trazia a paz aos homens, acalmava os mares, silenciava as tempestades e era o leito e o sono para a dor. Intimamente ligado à criatividade era inspiração para os belos discursos, amigo do bem, da beleza e da verdade.

— Prezado senhor debes admitir que os gregos eram realmente extraordinários, e a íntegra destes diálogos deveria ser adotada em todas as escolas. Até os quatorze anos todos os estudantes deveriam saber recitá-los.

— Quanto ao fato de serem aprendidos, recitados e até postos em prática, nada contra. Entretanto não devemos continuar iludindo nossos filhos e netos quanto à divindade do amor. Esta sensibilidade é emergência resultante de nossa complexidade cerebral. Quando nós adultos, quando a juventude se conscientizar desta verdade, com certeza muitos tentarão e fatalmente descobrirão, através da ciência, um método, um caminho para conviver com esta sensibilidade neocortical. Se a pedagogia é ciência capaz de desenvolver a inteligência, a ética, ciência que orienta a consciência, e a lógica método para desenvolver o pensamento, estas ciências com a ajuda de neuroanatomia, neurofisiologia, psicologia, psiquiatria e psicanálise, de certeza descobrirão um caminho para tornar a sensibilidade do amor acessível para todos nós.

— Segundo acreditas somos ainda primitivos ou não temos metodologia adequada para conviver com as manifestações psicoafetivas da amizade, solidariedade, gratidão e amor.

— Não sei ao certo. Contudo, costumeiramente as ciências proíbem as manifestações espirituais que têm por objetivo, conviver e amar porque nossa ciência também foi dominada pelo paleoencéfalo como a literatura.

— Por que a literatura?

— A literatura também deve sofrer revisão da maneira como situa o amor. Além de arte, a literatura tem no conteúdo informação e ciência. Consegue, através da forma de expressão, preceder com freqüência as descobertas das ciências matemáticas ou físicas, biológicas ou sociais. Parece deixar no papel as marcas poéticas neocorticais do cérebro feminino. Contudo, e principalmente nas descrições poéticas, com freqüência, reduz a dois as manifestações do amor. Enclausura esta emergência cerebral de manifestações universais entre o casal de amantes. Obviamente, no dia-a-dia, enclausurados, se os dois não satisfazem as exigências de aperfeiçoamento progressivo e recíproco, permitindo que o amor transcenda os limites da alcova, na proporção em que diminui a intensidade da paixão (o que é normal), o casal se decepciona, e, por isso, este casal também fará parte do caudal humano que nega a existência desta sensibilidade neocortical. Quando se lêem as obras completas de romancistas ou poetas, temos a impressão de que os autores, a cada nova paixão, compunham novas poesias, sonetos ou poemas. Estes traduziam tragédias quando cessassem as manifestações da paixão entre o poeta e a amante. Somente os leitores que conviveram e durante a vida melhoraram as próprias condições pessoais afetivas, e tentaram, de alguma maneira, melhorar as condições do bairro, cidade ou humanidade, acreditaram na literatura que afirmava existir o sentimento afetivo do amor. Sem dúvida para estes casais a paixão participou e decisivamente estimulou as manifestações do amor e este perpetuou a paixão entre os amantes.

— E sobre a ciência, tens algo a dizer? perguntou o professor.

— Não tenho o direito de abusar da tua paciência ou roubar teu tempo precioso. Mas situemos a ciência em relação ao sistema nervoso. Recordemos. Inicialmente descrevemos sumariamente a embriologia do sistema nervoso e fizemos um apanhado sumário das emergências cerebrais sensíveis. Os sistemas sensoriais (vista, ouvido, gosto, tato, olfato e equilíbrio), inicialmente paleoencefálicos, continuam desempenhando papel fundamental, seja no relacionamento do mundo exterior com o universo interior, ou na perpetuação e aquisição de conhecimento, reprodução e defesa. Ora, o conhecimento humano, mesmo o conhecimento denominado científico, numa primeira etapa, também é adquirido através dos sentidos, que relacionam nosso eu, com o mundo exterior. O conhecimento inserido no interior do cérebro, precede nosso conhecimento cultural. Veja! Ao nascer, defendemo-nos porque o sistema nervoso atua estimulando as pulsões primitivas e involuntárias para satisfazer as necessidades de fome, sede, manutenção de temperatura corporal, batimentos cardíacos, etc., e, depois conseguimos ver ou ouvir o mundo exterior, não porque nossa cultura nos ensinou ótica ou mecânica de audição. Vemos e ouvimos por que o cérebro "já sabia", como fazer. Contudo, sem medo de errar, 90% ou mais do conhecimento cultural foi realizado para satisfazer as necessidades paleoencefálicas. Queres ver? A ciência da guerra não estaria

relacionada com a defesa ou agressão? A agropecuária não está aí para satisfazer as nossas necessidades de alimentação? A ciência biológica não está sendo utilizada para preservar a vida e controlar uma natalidade excessiva? Se fosse necessário, passaríamos a noite inteira dizendo que consciência, inteligência e pensamento trabalharam furiosamente durante milênios para satisfazer as necessidades paleoencefálicas. Mas ficaríamos extremamente chocados, e, bastaria meio minuto para afirmar: as bases científicas para o estudo das nossas sensibilidades afetivas começaram com um homem que se chama Sigmund Freud (1856-1939). Esta ciência, não tem ainda uma centena de anos e por esta razão, nos parece que às vezes, foi mal interpretada. A. Tallaferro, no livro, Curso Básico de Psicanálise, publicado pela livraria Martins Fontes Editora Ltda, cita Sigmund Freud, o qual teria assim se expressado a respeito do amor: "as pulsões sexuais, incluem aquelas tendências meramente afetivas e amistosas, às quais o uso corrente aplica uma palavra extremamente ambígua: amor". Diria também: "a sexualidade está divorciada de sua conexão demasiado estreita com os genitais e considero-a uma função mais ampla do corpo, que tem como meta final o prazer e só secundariamente serve para fins de reprodução". Ora, estas afirmações estimulam fazer uma dicotomia que poderá se tornar convergente. Ou seja: de um lado as paixões ou pulsões primitivas desencadeadas pelo paleoencéfalo e responsáveis pelas satisfações das necessidades básicas de qualquer ser vivo (alimentação, defesa e reprodução da espécie). De outro lado os hemisférios e neocórtex de onde emergem e se acentuam as sensibilidades da inteligência, consciência e pensamento. Nos hemisférios e neocórtex emergem também para nós, as manifestações psicoafetivas da amizade e do amor. Nada impede que na convergência desta dicotomia, cérebro primitivo e atual, se estimule e convivam pacificamente. Quem sabe, se na convergência desta dicotomia não encontrássemos novo alento para amar a vida com tesão, amar com tesão o fogo das paixões, amar com tesão nosso trabalho, a humanidade, este frágil planeta e também este universo explosivo que espera de nós a consciência que lhe falta. E temerário fazer tais afirmações e espero que os doutos (psiquiatras, analistas e psicólogos) não tomem estas afirmações como afronta. Para nós, o Id de Freud é basicamente, uma emergência paleoencefálica fantástica, porque este inconsciente acumula também uma sabedoria de 3 bilhões e oitocentos milhões de anos. Nossos hemisférios e néocórtex, de onde emergem Ego e Superego, são mais recentes, mais complexos, e, por isso, mais frágeis e facilmente subjugados pelo cérebro primitivo. Mas, as ciências, principal mente a Psicologia, Psiquiatria e Psicanálise, não devem temer hemisférios e néocórtex. Devem avançar, mesmo que seja através das sensibilidades paleoencefálicas. Fosse eu psiquiatra, começaria aceitando os ensinamentos da etologia a qual considera o sentimento afetivo da amizade como emergência dos hemisférios. Depois avançaria sobre o neocórtex através do emaranhado das fibras nervosas e arranjos moleculares da massa branca e gelatinosa e

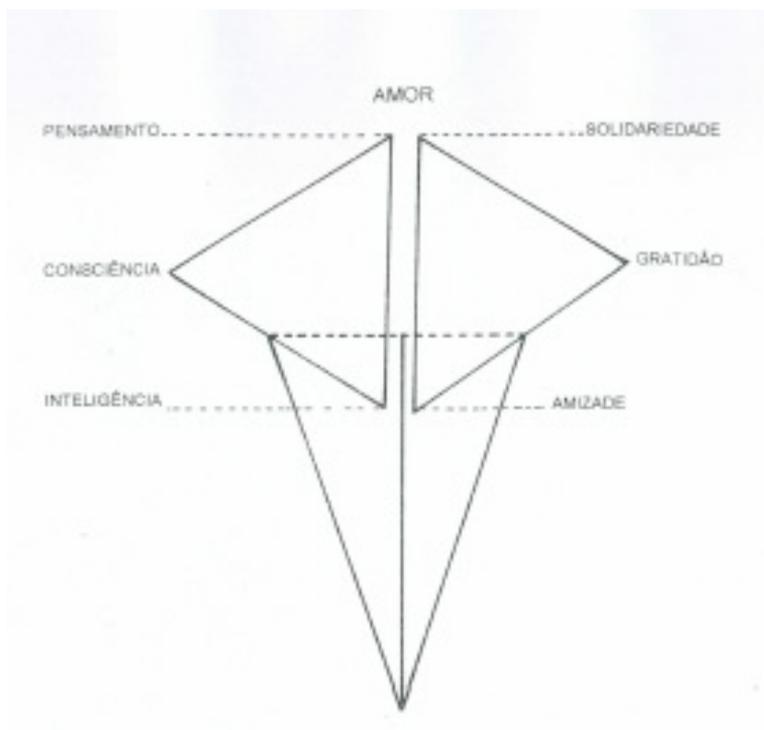
descobriria talvez que o amor, como o pensamento, dependem das associações moleculares, celulares e de diferentes estruturas cerebrais associadas. Não tenho medo da sabedoria do paleoencéfalo que guarda obsessivamente as propriedades de defender e perpetuar a espécie. Muito menos da sexualidade que a partir deste cérebro primitivo se desencadeia e tem influência inaudita sobre o nosso comportamento. Pelo contrário. Julgo indispensável uma nova ideologia para o amor e que nossa inteligência descubra uma estratégia, um caminho para que, através dos hemisférios e néocortex se estabeleçam relações de amizade e compreensão recíprocas com o paleoencéfalo.

— Onde pretendes chegar com tudo isso? perguntou o professor.

— Que qualquer um de nós, através do paleoencéfalo, pode ser capaz de uma agressividade sem limites, porque o centro da agressividade pode ser estimulado pelas ideologias do pensamento, orientado pelas estratégias da inteligência e referendado pelas distorções da consciência. Contudo minha intuição diz haver no interior do crânio dos homens, uma complexidade organizacional e informacional hemisférica e neocortical fantásticas, suficientemente competentes e sensíveis, para desencadear uma afetividade sem limites causando inveja ao amor revelado pelos deuses, principalmente porque a tradição histórica humana, já tem revelado milhões de vezes, que o AMOR é suficientemente capaz (vamos repetir) de limitar a agressividade paleoencefálica, o egoísmo visceral, as loucuras da paixão, a irracionalidade da inteligência, as deturpações da consciência, a falsidade ideológica dos pensamentos e a voracidade do poder esquizóide. O homem, este animal tem cérebro privilegiado não só porque é capaz de destruir a vida sobre a superfície da Terra, mas também porque através deste cérebro pode se manifestar a emergência do AMOR, a maior das sensibilidades elaboradas, seja pelos deuses de todos os povos, ou pela deusa dos brescianos, a Vida, a quem adoramos. O problema dos homens, vamos repetir, não é econômico. É de sensibilidade afetiva. No dia em que o homem descobrir as sensibilidades afetivas hemisféricas e neocorticais, que carrega no interior do crânio, poderá desenvolvê-las e fazer com que elas tomem parte no dia-a-dia para derrubar as fronteiras que ainda existam entre os povos, permitindo a todos os homens contemplar o silêncio explosivo dos astros, a proteção desinteressada da lua, e, sem medo do fracasso, eliminar os horrores da fome, a depressão da velhice, detestando a morte, não pela perda inexorável da individualidade que ela parece determinar, e sim, porque no outro lado não se encontrará talvez, a gratidão, a amizade, a solidariedade e o amor revelado na Terra pelo comportamento dos homens. Porque somos humanos e somos capazes de amar, deveríamos nos orgulhar de nossa humanidade e da nossa origem.

O mais velho dos brescianos que amava a Vida, parecia lamentar o infortúnio do professor e porque os novos amigos têm o direito de silenciar

quando cansados, acomodou-se nos colchões dos pensamentos e na tranquilidade da consciência. Precisava de algum tempo para conter o entusiasmo e a crença de uma nova vida que vislumbrava. Porque havia pescado o suficiente, sereno e rapidamente adormeceu, fechando as pálpebras para enterrar com um sono tranqüilo, o passado da Era Paleoencefálica.



A pirâmide inferior representa o paleoencéfalo ou o cérebro dos animais primitivos (peixes, anfíbios e répteis). Este cérebro é responsável pela reprodução, defesa e alimentação (bases da cultura infantil).

A pirâmide superior representa os hemisférios das aves e mamíferos e o neocórtex humano. Destas áreas emergem e acentuam-se as sensibilidades da amizade, solidanidade, gratidão, inteligência, consciência e pensamento.

O **amor**, emergência resultante das associações das sensibilidades das duas pirâmides, pode ser por elas suprimido. Contudo, o **amor** poderia também conduzi-las para uma nova cultura (cultura da maturidade humana).

## O PODER

*Imaginem uma vaca na sacada da pátria, que coisa mais iníqua... mas foram feitas tantas conjecturas sobre como era possível que uma vaca chegasse até uma sacada, se todo mundo sabia que as vacas não subiam escadas... quando começaram a chegar os primeiros urubus, voando em círculo... em ondas sucessivas... aquele entrar e sair de urubus pelas janelas como só era concebível em uma casa de autoridade... o corpo picado, as mãos lisas de donzela com o anel do poder no osso anular e tinha o corpo todo porejado de minúsculos líquens e animais parasitários do fundo do mar, sobretudo nas axilas e na virilha, e tinha a funda de lona no testículo herniado que era o único que os urubus haviam evitado, apesar de ser tão grande quanto um rim de boi, mas sequer então nos atrevemos a acreditar em sua morte porque era a segunda vez que o encontraram naquele escritório, só e vestido e morto parece de morte natural durante o sonho...*

*(Do livro: O Outono do Patriarca / Gabriel GarciaMarques)*

Respeitosamente como convém nestas ocasiões, o professor não mais fez perguntas e sequer desejou o boa noite convencional. Sabia não perturbar os lagos tranqüilos de quem estava em paz com as ilusões...

Juntando as poucas tralhas de existência que lhe restavam, contemplava na tela dos pensamentos as imagens da energia radiante e invisível que lançava no espaço as partículas subatômicas desesperadamente solitárias, associando-se em átomos e estes, para aliviar a solidão, associavam-se em moléculas, células, tecidos, órgãos e sistemas e finalmente construía um cérebro triúnico, também solitário bissexuado, armazenando aproximadamente 3 bilhões e oitocentos milhões de anos de experiência e sabedoria biológica, a qual não teria sentido e tudo seria terrivelmente desnecessário, se ali no interior daquela massa gelatinóide não se engrenassem as ramificações nervosas e desta associação não resultasse a emergência do Amor. Caminhava voltando para a cidade, contemplando as profundezas do céu e comparava a calma aparente das estrelas, que escondiam explosões violentas e geradoras da luz com a tranqüilidade aparente das paixões que freqüentemente determinam suicídios ou homicídios e enlameiam e aviltam os espíritos frágeis. Depois, ouvindo as palavras do mais velho dos brescianos, o mundo lhe parecia viver com atrofia anêmica das sensibilidades afetivas, maltratando a delicadeza artística do trabalho realizado pelos homens, que agradeciam aos hemisférios pelo prazer gerado pela amizade. Aprendia a considerar movediças as areias da cultura, do pensamento, consciência e inteligência...

Enquanto caminhava sem sentir o vale que deixava para trás, avolumava-se no interior do crânio uma pergunta obsessiva. Esta não lhe deixava sequer perceber o desgaste físico que sofria ao subir pelo terreno íngreme onde as pedras dispostas pelo acaso lhe serviam como degraus. Parecia ouvir dos astros do céu um conselho ou uma advertência sombria: os homens como seres vivos necessitam, para viver, da complexidade e diversidade biológicas, e, também das manifestações afetivas. Se estas sensibilidades continuarem "mudas" no interior do crânio, os homens continuarão como bárbaros. As guerras continuarão "indispensáveis" para manter a paz, oprimir, escravizar e lucrar. Nesta loucura paleoencefálica, espécies vivas serão dezimadas e mutantes vivos microscópicos revoltados vingar-se-ão dos homens e estes serão destruídos como outras espécies foram eliminadas do planeta.

Assim pensando e caminhando chegou cidade de NB, e subindo a escada da esquina da praça, dominado pelo cansaço, sentou no último degrau perguntando se o pouco de humanidade que guardava dentro de si teria condições de repensar e recomeçar a vida. Sem maldições ou arrependimentos tentava superar a própria timidez, rever aquela mulher e desejar-lhe uma vida feliz, embora com ela não tivesse partilhado o melhor da

própria existência. Reconhecia haver perdido espaço, porque a vida era uma escola sem lugar programado para entrar e um nada de tempo para sair. Quem esperasse ser encontrado pela felicidade, talvez morresse abandonado. Nada é gratuito. A felicidade também tem preço e, como os economistas fanáticos dizem, tem custo, e este pode ser elevado, dependendo da qualidade do produto...

Embora exausto, não tinha vontade de voltar para casa. Preferia o conforto das pedras solidão do quarto, e sem pressa, dominado pelo cansaço, adormeceu...

A luz incômoda do sol nascente e uma vontade imensa de urinar, inconscientemente, levaram-lhe a mão para o fecho das calças e, concedendo liberdade ao falo semi-ereto, surpreso viu rolar escada abaixo os novelos encaracolados de uma urina azul e vermelha, igual turbulência determinada pelas paixões duradouras... Enquanto o peso da urina lhe diminuía o mal-estar retroesternal, descobriu que também os raios do sol lhe sorriam e feliz abanou para os doentes convalescentes debruçados nas janelas do hospital São João Baptista, cumprimentou os eternos bebedores de vinho sentados na beira da porta do bodegão de madeira da esquina e também para os passageiros que esperavam o ônibus na frente da rodoviária. Todos, doentes ou convalescentes, bêbados ou viajantes, aplaudiam a tranqüilidade que revelava como se ele fosse herói e sobrevivente único de uma cidade, onde o poder emitia dinheiro falso aviltando o trabalho dos filhos, como se estes fossem os filhos-da-outra...

Contudo, não podia agradar todos, principalmente aqueles que não toleravam os psiquiatras, como o diretor do hospital, os fabriqueiros, o poder militar, o poder religioso e a madre superiora do Coração de Jesus, que viera da "Horlanda". Todos eles revelavam no rosto a merda disentérica do vibrião da cólera, colocado nas fontes das águas do Peru para contaminar as águas da América Latina prometiam vingar o abuso cometido pelo dono daquela piroca insane.

Mas, em NB, os que adoravam a Vida também faziam milagres e ninguém até hoje sabe explicar por que os donos do poder capitalista e comunista, levados pela inveja da urina do professor, também para urinar e, s pressas, alugaram a preço de mercado (segundo o sistema habitacional de uma terra que perdeu o orgulho nacional) postes de iluminação, árvores inocentes, o muro da praça, a roda das carroças, a cabeça do monjolo do Macagnan, o muro da praça e o arco do Triunfo da França onde se lê Egalité, Liberté et Humanité. Apesar do esforço e dos gemidos gerados pelo ódio, os que tinham um único neurônio na cabeça ou da direita ou da esquerda não conseguiram esvaziar pela uretra o absurdo dos impostos, os preconceitos raciais, políticos, religiosos, econômicos, culturais e sexuais, e por esta razão, continuaram

louvando até hoje, pelo câncer prostático obstrutivo com metástase cerebral, os horrores praticados por bandoleiros europeus, conhecidos pelos documentos secretos que ficaram ao alcance das crianças e revelados no 500\* aniversário da descoberta da América Latina em cujo solo, até com a negritude das trevas pode se ver desenhada a caridade cristã européia, civilizando com santíssima piedade cruel a nobreza selvagem dos índios, negros e brancos deserdados...

Indiferente cultura planetária de nível superior, que gira no planeta sustentada pelas sombras do medo diurno e terror noturno, o professor recolheu a única fonte de prazer conhecida por numerosos intérpretes de Freud, fechou a bodega sexual e conduzido pelo trauma religioso da infância, entrou na Igreja de Pedra atual com o objetivo de se reconciliar com Deus. Reverente, com a coluna vertebral fragmentada, cansada e arqueada pelo inútil sentimento de culpa, aproximou-se do altar, como quem sabe ser perdoado, perdoar e agradecer, decidido a recomeçar. Levantou os olhos que temiam o espírito dos deuses... e decididamente não teve sorte. Sentado, com a dor estampada na face, diante dele estava cristalizada e transparente a imagem do Poder tentando desesperadamente livrar a cara da chaga aidética da maldição. Estatelado, impedido de fugir ou falar, foi obrigado a ouvir as queixas daquela imagem que solicitava ajuda ao penitente:

— Podes duvidar e evidentemente não tens condições emocionais para acreditar. Sou de fato e de direito a imagem do Poder, irmão gêmeo da organização. Eternamente procurado por todos. Depois, ou me adoram ou me odeiam. Somente os anarquistas sabem onde está meu devido lugar e lá gostaria de viver e permanecer porque seria policiado pela organização social, a qual adota como ética moral a consciência que protege a Vida. Eles sabem não merecer de minha parte nem adoração nem vilipêndio. Para eles, a todos devo servir. Os anarquistas também não são comigo indiferentes. Respeitem-me e por isso mesmo merecem minha admiração e meu voto...

As queixas e ponderações ouvidas pareciam lógicas. Contudo, para o professor, eram traumatizantes. Não poderia imaginar anarquistas, louvados pelo poder. Teria sido o anarquismo uma filosofia política amaldiçoada e destruída nas fornalhas diabólicas do Comunismo do Leste e sistema Capitalista, traumatizando a humanidade trabalhadora durante 300 anos? Já se entusiasmava para fazer perguntas sobre a ideologia anarquista quando foi novamente interrompido pela imagem do Perder:

— Acredite. Sou primogênito da organização e nenhuma organização pode existir sem meu aval. Acredite. Começo existindo a nível atômico ou molecular. Por menor que seja a organização, mesmo constituída por dois átomos, eu existo, assumo, me responsabilizo, ordeno e mantenho a organização. Por exemplo, nas moléculas de ácido clorídrico, sou quem libera

as manifestações deste ácido, ao mesmo tempo, quem impede também as manifestações isoladas do hidrogênio e do cloro. Os dois existem, são até por mim protegidos. Os dois, na organização molecular ácido, têm o direito de agir e os dois participam da organização ácido clorídrico. Mas enquanto associados em ácido, os dois não podem se manifestar como gases. Na organização ácido comportam-se segundo as propriedades do ácido. Porque os homens não podem compreender ser eu filho primogênito ou o irmão gêmeo mais novo da organização, há 7.000 anos me adoram ou me odeiam, duas situações extremamente incomodas. Louvor ou maldição geralmente se alternam por ignorância, covardia e, principalmente, incompetência, ou ausência de amor próprio.

— Por que tantas lamúrias e acusações se dominas o mundo de NB?  
— interrompeu o professor.

— Veja! A maioria dos homens ignoram minha origem. Além do mais as minhas manifestações dependem das propriedades dos componentes da organização. Nas sociedades humanas, onde os componentes endeusam o pragmatismo, a tecnocracia, o método científico atomizante, o egoísmo a força ou ambição, minhas atitudes são iguais ao do computador ou de um cérebro de animal das eras primitivas. Os homens do mundo moderno não descobriram que, se estimulasse as emergências afetivas que tem no interior do crânio, eu também poderia ser afetivo. Nas condições atuais, sem amizade, gratidão, solidariedade e amor, minhas atitudes obrigatoriamente determinam opressão, proliferando insegurança, medo, angústia e ostentação, como os seres humanos que nascem mas não conseguem jamais se tomarem jovens, adultos e velhos. Com desprezo pelos indivíduos corrompidos e corrompedores que compõem a sociedade fatalmente minha revolta se acentua e explode em conflitos violentos, incontroláveis como a fúria das paixões. Nestas guerras ou revoluções, inválidos, crianças, velhos, mulheres grávidas e os que não têm condições emocionais de praticar o homicídio ou suicídio, eu eternamente e involuntariamente, os escravizo e depois da tortura e degradação, os liquido impiedosamente. Os jovens, são por mim atirados para os campos de batalha como se fossem animais odiados pelos pais, como se os jovens disputassem com os velhos a repartição das fêmeas e do alimento. Quando tais horrores aniquilam os povos e as civilizações construídas pelo trabalho, também começa minha tortura, agonia e morte, determinadas pelo desprezo daqueles que apesar dos horrores trabalham com arte, embelezam o mundo e amam o próximo como a si mesmos, sem dúvida o melhor que a humanidade possui. Nestas circunstâncias a minha morte acompanha a morte das organizações corrompedoras. Estou cansado de morrer, ressuscitar e novamente morrer pela teimosia ou incompetência dos homens que, subordinados ao Id paleoencefálico não conseguem alcançar e gozar os prazeres sexuais da juventude e a maturidade amante dos adultos. Por favor! Estou impaciente. Meu desespero se acentua a cada instante. Durante 6.000 anos, quem me obrigou

a ser carrasco foram as propriedades da força. A partir de agora, se a sociedade não controlar o poder das instituições e de quem governa, desenvolver-se-á uma segunda era de opressão e terror desencadeada pelo sistema de informação, o qual terá um comportamento pior do que o terror desencadeado pelas filosofias atuais dominantes. Num único país governado pelo sistema capitalista elimina até os dois anos de idade 350.000 crianças de fome por ano. Na Rússia, um único ditador, Stalin, foi responsável pela morte de 60.000.000 de pessoas e na China, durante a revolução, morreram 120.000.000 de seres humanos. Com estes cadáveres sobre a mesa, poderíamos convidar as madames desocupadas e as esposas ilustres dos burocratas da máquina estatal os imperadores do sistema industrial sem ética, e, fazer um banquete, desenterrando da memória humana com flores, as almas dos torturados e mortos, agradecendo a minha generosidade por ter me associado a uma prostituta, que ao lado das descobertas no século XX, transformou o século das luzes num exemplo de bestialidade. Não esqueças. "O terror do poder da informática será pior que a escravidão determinada pela força"...

Era alucinação? Teria adormecido no pequeno acampamento do Arroio das Pedras? Estava ainda no último degrau da escada da praça? Desesperado sem esperar resposta, saiu do templo e entrou num corredor polonês, vingança elaborada pelos poderes civis, religiosos e militares de NB. O corredor construído para torturar, proibindo as fantasias de uma re-evolução e humanização do "status quo" começava na porta central da Igreja de Pedra, passava ao lado da subprefeitura, descia pela avenida Bento Gonçalves, e, na frente da praça e da rodoviária, do hospital São João Baptista, sobre a ponte dos Possamai e entrava no cemitério para que toda a população visse e aprendesse de uma vez por todas como o poder atual procede com aqueles que têm por profissão orientar os filhos de um país com 35% de analfabetos, 65% de semi-analfabetos, 5% com o título de doutor alcançado pelos cursos, noticiários e novelas da TV e talvez 0,001% de pesquisadores.

Enquanto as cacetadas lhe atingiam os pés, as pernas, os joelhos, a genitália, o abdômen, os braços, os ombros e o pescoço, a população contemplava em silêncio. Quando as pauladas na cara lhe arrancaram os dentes que eram cuspidos com sangue, súditos e senhores engravatados, unidos visceralmente pelos métodos atuais adotados para enriquecer, começaram a aplaudir freneticamente. Afinal de contas, assim deveriam ser punidos os marginais que cometessem um crime por dia, principalmente se gerados pela raça pobre, enquanto outros aquinhoados pelo colarinho branco, pediam pena de morte e matavam impunemente 20 seres humanos por dia como acontece na capital paulista do país vizinho...

Depois daquele dia, grande parcela da população de NB descobriu três necessidades básicas para bem viver: segurança, sexo e lazer, e, todos ficavam felizes quando, o soldado de NB, generosamente os protegia, amava e lhes mostrava as estrelinhas do orgasmo...

## NA MORTE A RE-EVOLUÇÃO DA VIDA

*Te agradecemos pelas luzes...  
Pela luz do altar e do sacrário;  
Pelas luzes pequeninas dos que meia-noite meditam  
E as luzes que se filtram pelos vidros coloridos das janelas...  
Nossa contemplação é submarina, nosso olhos sondam a  
superfície. E vêem a luz que se dispersa por entre as águas  
irrequietas. Vemos a luz mas não a fonte que a irradia ó luz  
invisível, te glorificamos!*

*Thomas Stearns Eliot (1888-1965)*

Ninguém poderia calcular o número de pancadas que levou, e, ele nunca soube quando desmaiou e quantas horas permaneceu sem sentidos. Ao abrir os olhos, já estava no São Pedro, nosocômio ilustre da capital e digno representante psiquiátrico de um sistema federal de saúde...

Entre as grades da racionalidade cercado pelos companheiros conheceu a solidariedade amarga dos vencidos, anestésico eficiente para a dor do medo contra acusações absurdas dos pequenos déspotas que no século XX foram generosos na propagação da fome, e guerras.

Logo percebeu estar na ante-sala da morte, advertência feita pelos raios da luz palúdica, generosamente concedidos pela inteligência da opressão,

e sem compreender os motivos da prisão, descobrira ter vivido num mundo parte, com viseiras nos olhos, ignorando a potencialidade cruel do comportamento humano. Começou a perceber que conduzia a vida como se fosse um marginal. Considerava-se experiência única na natureza e aprendia agora, que a sociedade jamais lhe permitia ver o mundo como os sentidos lhe mostravam e o pensamento lhe havia ensinado. Aos palavrões não cansava de perguntar por que irritava todos os diretores de escola, os chefetes de instituições públicas e particulares e especialmente os religiosos, os fabriqueiros, o soldado, o diretor do hospital e o subprefeito alienígena, dos quais, segundo ele, ninguém sabia onde nasceram, quem eram e para onde iriam depois de ir além das "grutas que os pariu". Perguntava a si mesmo por que não aceitara caminhar pelas estradas como os bois mansos que livres do peso das gônadas obedeciam a qualquer tipo de poder...

Cecília, presa por fazer perguntas e maldições semelhantes, uma das tantas mulheres da roça que amamentara os filhos com as tetas que Deus lhe dera e jamais havia concordado em alimentar os filhos com o leite das vacas da Nestlé, pareceu adivinhar as angústias do companheiro. A ele se dirigiu para levar-lhe algum consolo:

— Não te angusties por crimes que poderias ter cometido. Estamos aqui por irreverência religiosa. Tivéssemos aceito o conceito de cristianismo dos protestantes europeus e tivéssemos ajudado a matar os índios para roubar-lhes as terras, o ouro e a prata, tivéssemos ajudado a escravizar os negros da Sobra e os trabalhadores braçais e intelectuais do município, não estaríamos confinados num hospício. Tivéssemos nós estômago de urubus para digerir a bajulação, a desonestidade, a violência e corrupção que vêm de todos os lados do poder, com certeza estaríamos como a maioria, confortavelmente sentados nas latrinas da alienação e sem qualquer drama de consciência, puxaríamos a descarga para a confusão humana presente e passada, e para gozar a plenitude do vazio da vida, faríamos projetos de assistência ou caridade, distribuindo esmolas para escravizar pela desmoralização os assalariados, e ainda, como administradores incompetentes, faríamos empréstimos para comprar equipamentos dos europeus, norte-americanos e japoneses, oficializando de maneira definitiva a corrupção dos administradores da coisa pública ou privada e, se isto não fosse suficiente, faríamos contra o Paraguai uma segunda guerra...

Um baixinho de cabeça quadrada, cabelo-cinza- encaracolado que a idade lhe presenteou para melhor se apresentar com as características de suíno-landraz, gordinho, óculos escuros escondendo dois olhos que nunca ninguém viu, pescoço adornado por uma gravata bem passada azul-metal como se fosse de vidro e encoberta por um colarinho branco, não concordava com as opiniões daquela mulher:

— Deus, poder, dinheiro, guerras e revoluções estarão eternamente presentes no palco das relações humanas. Louvor para os vencedores, prisão ou morte para vencidos, assim será. Nós fracassamos. Não soubemos usar as armas da agressão como fizeram nossos inimigos. Para qualquer argumento apresentado, eles nos responderão: vocês são como nós, ambiciosos por dinheiro e posição. Os senhores apenas perderam a última batalha ...

Um dos brescianos que não gostava de razões fossilizadas de uma cultura degradada respondeu:

— Tens uma maneira de falar como os alcagüetes e estes desconhecem o prazer de viver por viver, a honestidade e as sensibilidades afetivas. Tu és como certos mentores intelectuais da direita ou da esquerda que eternamente acabam como queima-de-arquivo. Não sentes, por acaso, um odor fétido e um cheiro de pólvora que vem das tuas vísceras, povoadas com os vermes da intriga e da perversidade?

O bresciano foi interrompido por um tiro de pistola que esfacelou o crânio do pequeno déspota, que interrompera o desabafo de Cecília. As convulsões tetânicas do riso sardônico da\* morte jogaram para fora do bolso do paletó do agonizante a carteira de policial do serviço secreto. Quando o despiram para autópsia o médico legista documentou o segredo que ninguém desconhecia: não era um colarinho branco que etemamente lhe encobria a gravata. Era um colete de gesso tão eficaz que jamais fora percebido pela justiça. Vivia como se tivesse na cabeça o neurônio da esquerda, e, na verdade, encontraram no interior do crânio um neurônio que sempre trabalhou para a direita. O legista fotografou e documentou ainda que o dedo-duro vendera o pouco que herdara do pai: vergonha...

Lavado o sangue do pátio do presídio e da sala de necrópsia com água sanitária para destruir também os vírus da AIDS, desapareceu também da memória do povo aquele homicídio insignificante, porque nas celas dos presididos políticos, os homicídios se transformam em suicídios e facilmente são incinerados com os registros da memória. Por estas razões Giovani tomou da palavra como se nada houvesse acontecido e continuou a discussão interrompida:

— Um dos principais motivos para a nossa prisão foi sem dúvida nosso conceito de trabalho, porque este conceito é também uma afronta aos sistemas econômicos atuais. Os economistas, de um modo geral, são como os outros profissionais diplomados e que estão subjugados pelo poder do Estado. Não se preocupam com a economia que poderia satisfazer as exigências do povo trabalhador. A maioria destes economistas hetero-ortoparadoxos ainda não leram sobre um fato relatado há alguns séculos pelos pitagóricos do ano 600 antes de Cristo. Segundo eles (e os astrônomos atuais) a Terra é redonda, quase esférica e gira em torno do sol. Ora, num planeta esférico ou quase

esférico o produto do trabalho humano e os recursos naturais estão distribuídos como se estivéssemos num sistema fechado (porque o jogo econômico ainda se desenvolve entre os terráqueos). Se tivermos pelo menos três neurônios na cabeça, poderemos perceber com facilidade uma verdade indiscutível: num sistema fechado se a metade do planeta lucra, a outra metade tem prejuízo. Se tivéssemos coragem de aplicar os termos corretos, diríamos: se a metade ocidental rouba, a metade oriental é roubada. Para evitar o roubo, porque ninguém quer ser roubado, há polícias de repressão nas metades oriental e ocidental do planeta. Como todos querem lucrar, todos tentam, roubam e por isso todos se matam. Para se evitar o roubo (lucro) num sistema fechado e se manter a paz deveríamos estabelecer um regime de troca.

— Por quê?

— Segundo Edgar Morin, no ecossistema biológico, a relação opressor-oprimido é permanente. Entre seres humanos esta relação também é permanente mas deve ser humanisticamente tolerável. Nós concordamos com este pensamento. Temos entretanto uma convicção própria. Para que esta relação, opressor-oprimido, se tome humanisticamente tolerável, é indispensável que se reformule a ideologia do lucro e no planeta definitivamente se estabeleça um regime de troca, não apenas entre as profissões, mas também entre os diferentes países e continentes. Neste sistema de troca, devem obrigatoriamente estar incluídos, informação, poder, tecnologia e ciência, porque estes elementos atualmente são utilizados como fatores de opressão, transformando o planeta num pequeno universo de terra arrasada, com a promoção da doença, fome, revoluções e guerras. Poder, informação, conhecimento tecnológico e científico, elementos obrigatórios de qualquer organização biológica-cultural, não podem continuar como elementos de escravidão humana. Devem, subordinados ao homem, promover a humanização do homem, e, preservar e promover o ecossistema biológico. Gostaríamos ver, empenhados nesta batalha, intelectuais, pesquisadores, artistas, pais e filhos, todos alunos-professores, professores-alunos, para transformar este planeta, vamos repetir numa nave escolar, por que este é o único caminho capaz de evitar o suicídio da espécie humana que poderá desaparecer no orgasmo do sucesso...

— Giovani! Muitos de nós não sabem porque estão presos. Agora tua língua e nosso exemplo de servidor público, o Pandolfo, são os maiores culpados. Tu pelas agressões que fazes ao poder estabelecido, e, ele, por ter revelado os segredos do poder da informação. Estão lembrados? Quando voltou da Via-láctea montando a mula daquele jeito para ironizar a sacralidade dos "direitos naturais" adquiridos pela força, ensinava que individualidade e solidão eram os sentimentos afetivos responsáveis pela origem e manutenção de qualquer sistema. Ensinava que, em qualquer organização, a solidão de cada uma das partes tomava-se amena, se cada um dos componentes cedesse

um pouco da individualidade sem, por isso, comprometê-la irremediavelmente. Saber conviver em qualquer tipo de sociedade, com sólido tolerável, sem perder ou destruir a própria individualidade, era o segredo da estabilidade das sociedades inclusive do casamento. Ensinava ainda, que as organizações para se manter deviam adotar um sistema de informação livre entre as partes, das partes ao todo e do todo s partes. Não poderia haver monopólio da informação seja pelo poder ou pelas partes, e, ninguém poderia sonegar informações das partes para o todo, nem o todo negar ou sonegar informação para as partes, nem as partes negar informações para as partes. Informação livre e acessível para todos os componentes do sistema promoveria estabilidade de qualquer organização ou sociedade, permitindo ao governo o controle da sociedade. Neste sistema de informação livre a sociedade também poderia controlar quem governa. A informação livre, e acessível a todos impediria corrupção de governo e governados. Informação controlada corrompe governo e sociedade. Temos exemplos suficientes demonstrando que informação controlada por grupos isolados elege corruptos. Corrompedores e corruptos associados destroem a integridade social e nacional. Estas verdades ensinadas pelo Paudolfo, exemplo de homem público, levaram o poder da cidade de NB loucura, e o poder com muito mais medo do que ódio determinou nossa prisão...

No canto da prisão coletiva, nu e torturado pela fome como os aposentados brasileiros, o mais velho dos brescianos a todos ouvia atentamente. Se apoiava as teses apresentadas, s vezes, sacudia a cabeça como se houvessem outros caminhos. Calmamente, quando o silêncio se restabeleceu, começou a falar aconselhando os companheiros:

— Sem dúvida, a religião da Igreja de Pedra tem o direito de condenar a idolatria que cometemos a todo instante, quando adoramos a Vida. O poder econômico que elege o poder do lucro nos considera subversivos quando provamos que Estado e Capital são servos do trabalho da sociedade e nenhum deles pode se atribuir o direito de conceder ou proibir trabalho a quem quer que seja. Para as regras estabelecidas pelo poder e cultura atuais, é crime considerar o trabalho propriedade e protetor do ecossistema biológico. É crime considerar a igualdade de valor do trabalho para todas as profissões, é crime conceder ao trabalhador o direito de usufruir dos bens que o trabalho produz e ter o trabalhador o direito de realização pessoal cora o trabalho que faz. Também é crime exigir que o poder considere prioritária a educação gratuita e considerar demagogia, quando através da constituição, promete garantia aos direitos da criança, mas sonega aos nossos filhos uma educação profissionalizante, nega aos nossos filhos ou aos adultos e velhos direito de acesso ao trabalho profissional. Como no Ocidente, em NB, não se respeitam os direitos humanos. Por estas razões, este poder tem condições de punir apenas os que roubam ou sonegam para comer, mas totalmente incompetente para punir os criminosos do colarinho branco. Estes, parece até que se sentem

lisonjeados quando convocados numa Comissão Parlamentar de Inquérito, que parece obrigada a vender por preço de bananas o Patrimônio Nacional. Para um poder constituído por pequenos déspotas, é normal culpar inocentes pela incompetência de governar até um pequeno município. Por estas razões não deveríamos nos sentir deprimidos ou envergonhados. Devemos reafirmar nossas convicções. Apesar de vencidos, nem depois de mortos, seremos destruídos, porque devemos inclusive aprender, que salvo exceções por doença genética, o homem não é nem bom nem mau. Apenas, não consegue controlar a agressividade infantil paleoencefálica. Enquanto a humanidade ignora os próprios hemisférios afetivos, e, a emergência neocortical do Amor, é normal que assim se comporte. Qualquer seja nosso destino, enquanto vivermos, vamos continuar homenageando a Vida, nossa deusa, que sem medo e amante, desceu dos céus de NB e das fúrias do Universo, se protegeu como bactéria anaeróbica na profundidade dos mares e através de mutantes aeróbicas, se compadeceu do oxigênio aprisionado nas moléculas de CO<sub>2</sub> e através destas bactérias, o oxigênio liberta, que livre e grato nossa deusa se associa, e, como afiado da Vida também participa da evolução da diversidade e complexidade biológicas, demonstrando haver no agradecimento, sensibilidade consciente que estimula a beleza e a sabedoria desta deusa que nos permite ver a profundidade dos céus, e, nos mostra o frio (do qual ninguém se ocupa) fazendo despencar o calor das galáxias e, na queda, acender nos seios das trevas miríades de astros brilhantes e explosivos que se comportam como nossa deusa, a Vida de brilho e explosões constantes e depois se anula como os astros nos buracos negros da morte que aprisiona e apaga a luz dos pensamentos, Vida que da morte ressuscita jovem e bonita, gerando de 7 a 12 milhões de espécies diferentes, trazendo cada indivíduo vivo, na metade do rosto, a expressão da Vida que povoa o dia feito de luz e sonhos que perambulam descalços e nus na intimidade das almas, Vida tão frágil e fugaz como as ilusões perdidas constantemente renovadas e brilhantes como o cintilar das montanhas de estrelas que iluminam as profundas mágoas dos enganados e esquecidos, de saudades enoveladas e macias, como os fungos algodoados e o doce prazer dos namorados, que cheios de vida como a Vida, voam descontraídos como as borboletas, tagarelas como as cigarras, abençoando a Vida, veloz nos beija-flores, lúcida nos girassóis, generosa nos milharais, loura no trigo, azul e negra nas andorinhas, tranqüila na praia das gaivotas, soberana nos céus do condor, alegre no brinquedo dos golfinhos, recatada nas cores do amor-perfeito, paciente nas tartarugas, pacífica nas pombas, silenciosa nas serpentes, discreta no amor dos elefantes, ciosa na consciência das mães, Vida trabalhadora eterna e inteligente que renova e inventa, e sábia, espera do Universo a calma das tempestades e sofre com a dor das explosões desmedidas, com os descaminhos das chamas, com o rolar dos tufões, mas calmamente afaga e pacifica os mares com verdes tapetes mágicos que amainam as navalhas inconscientes dos rochedos, esta Vida que

a todos convida para se arrumar, se enfeitar, se perfumar, se embelezar e, eternamente nua, aos raios da luz e calor se expõe, dissipando o terror das trevas, a cegueira da luz e fecunda o solo para o nascer das flores, e gera as abelhas que produzem mel para adocicar os lábios dos amantes que veneram a Vida que desperta o sol na sinfonia dos pássaros, e solicita as folhas oxigênio liberar para o planeta respirar a fantasia dos versos, as ilusões da juventude que tranqüila e amiga descansa no prazer e adora a Vida da primavera que acende a tesão dos machos, desperta o cio das fêmeas, acasalando a todos no leito dos céus, da Terra e das águas, esta Vida que acalenta nas tardes de verão o coração das mulheres grávidas pelas luzes fulgurantes da paixão, que famintas, convida-as para comer com as mãos sem talher os frutos do outono e, saciadas, hibernar ou chorar e rir com o rosto das crianças nuas, como as árvores despidas, confessando gemidos de prazer nas tempestades de inverno, que também louvam a Vida na primavera que renova a lascidão das ninfas possuídas pelas ilusões tropicais, Vida que nas noites de verão estimula as visões eróticas, que despertam e conquistam novos amores abissais como a negra sensual adorada por milhões de astros luxuriantes como o luar derramado sobre o espelho dos mares, reconduzindo a Vida para os céus das estrelas em ondas e ressacas embaladas pelo carinho da alma poética, eternamente ajoelhada no êxtase da inspiração, revelando amor cego e surdo na música de Beethoven, ou esta vida bêbada infinita na música de Mozart, doce nas cordas vocais do obrigado pungente dos filhos aos pais generosos, amigos da mãe, da mulher e do cão, suplicando eternamente ao redor do fogo das noites violentas, a proteção para os fracos e inválidos, velhos e crianças e mulheres grávidas que também adoram a Vida que guardam dentro de si, Vida que tem na outra metade do rosto uma interrogação aparentemente trágica que a estratégia viva adota e defende, insinuando por que vírus destroem bactérias mortas pelos fungos, devorados pelas formigas, tragadas pela língua traiçoeira dos tamanduás, estraçalhados pelos cães, mortais inimigos dos gatos que devoram pássaros com o estômago cheio de insetos e vermes que se alimentam de homens mortos quando abandonados, repasto de umbus em detritos transformados que, dos céus retomam terra, fertilizando o solo, berço das flores que eternamente se espelham e voltam para a face da Vida matreira, nem boa nem má, que nos ama como assim é e deve ser de organização atômica, molecular, celular, organizada por degraus estanques e enovelados, entrelaçados, recorrentes, ascendentes em escala helicoidal, como se move a Via-láctea e o sistema solar sem ter o forte o direito do fraco eliminar, e se alguém assim pretende, pela Vida, eternamente perecerá sem o direito de ressuscitar, seja vírus, vegetal, homem ou animal, esta Vida, deusa e sábia, que assegura a todos o direito de viver, conviver e amar o igual o diferente ou aberrante, Vida eterna e revolucionária, que ensina a liberdade voar com as asas do passado, desfilando no presente e, sem pressa, lentamente, conquista o Universo presente e futuro. Quem de nós não descobrir como a Vida um

Universo a conquistar, morrer seria prestar um favor Vida e façam-me um favor: se a hipocrisia da lei enviar alguém para nos perdoar, mandem-no embora porque só a Vida costumamos adorar e obedecer.

— Sem dúvida, interrompeu um companheiro, se existe alguma divindade a ser venerada ou adorada por nós brescianos, é a Vida. Mas, no entusiasmo deixastes, meu caro senhor, a racionalidade em plano secundário. E, s vezes é correto assim proceder. Contudo, gostaria de fazer uma pergunta: segundo interpretação vossa, a Vida se desenvolveu em escala ascendente, por degraus estanques. Os degraus superiores, digamos assim, aqueles com as propriedades sensitivas e motoras mais desenvolvidas parecem usufruir melhor as maravilhas que nos oferecem este pequeno planeta e este Universo incandescente. O homem parece o pior dos seres vivos: não respeita o homem nem as leis que regem o ecossistema biológico. Todas as espécies têm limites de agressividade. Este limite permite a convivência e a conservação do ecossistema biológico. Não tem o homem um limite ou limites para que, como espécie, possa conviver com o ecossistema biológico?

— O pensamento e a inteligência humanos, respondeu o mais velho dos brescianos, não têm limites. As ideologias elaboradas pelo pensamento serão eternamente perseguidas e fatalmente alcançadas pelas estratégias elaboradas pela inteligência, e através da agressividade do cérebro primitivo, pensamento e inteligência, poderão conduzir a consciência a aceitar os caminhos da destruição e o homem poderá ser eliminado do planeta como espécie. Não por ser mau. Deixará de existir por ter ignorado ou jamais ter conseguido descobrir um caminho, ou uma estratégia para liberar as sensibilidades afetivas hemisféricas e neocorticais. Não esqueçam: o amor é a única emergência capaz de reconduzir os erros do pensamento, as distorções da consciência, as estratégias condenáveis da inteligência, e a agressividade paleoencefálica das paixões. Sem as manifestações desta emergência cerebral, o homem tomar-se-á cada vez mais prepotente e então acontecerá para a humanidade a sentença muitas vezes pronunciada pelo meu professor de Micologia: "a carcaça do último homem da superfície da terra será devorada pelos fungos..."

— Prepotente és tu, exclamava cheio de ódio o diretor do presídio. Se o professor que acabas de citar tinha razão, tua carcaça será devorada pelos fungos muito mais cedo que o fim dos tempos...

E assim falando, desferindo socos e pontapés, com a ajuda da tropa, aquele chefe que havia subido na vida com o auxílio da escada do elevador do ânus, conduziu os subversivos para um campo deserto. Durante a caminhada, no interior dos brescianos alternavam-se ódio, raiva e medo, e, no painel da memória voltavam as imagens dos traumas religiosos da infância, a beberagem dos politíqueiros, os horrores praticados pelo capitalismo selvagem, as

promessas fracassadas do comunismo científico, as loucuras do paleoencéfalo, a mendicância da amizade e os despojos do amor. Aos poucos sem saber de onde veio a coragem, dominaram a angústia, acalmaram a raiva, livraram-se do medo e do ódio e deixaram como último desejo um lembrete para nossos filhos: lembrai-vos que a frieza das ciências deve procurar na beleza da magia o calor das artes que, eternamente femininas, desejam a aurora de um novo dia para acalmar vossos pensamentos ideológicos desencontrados que não sabem como proceder quando a inteligência se apóia no encanto dos magos e a consciência dos elétrons gira, para proteger as pétalas do Amor Perfeito, adorado pela paixão inviolável que despe, possui e fecunda a Vida de uma nova era...







[Catálogo do Projeto Passo Fundo  
www.projetopassofundo.com.br](http://www.projetopassofundo.com.br)



Aventino Alfredo Agostini, Médico Patologista, professor na Faculdade de Ciências da Saúde, da Universidade de Brasília (DF), Membro da Academia Passo Fundense de Medicina, Escritor, autor dos livros O Cálice de Sophia de 1994; Para além dos Répteis de 2004 e O pecado da omissão e Direitos da primeira infância de 2014.

Em 1937, Nova Bréscia (NB) ainda pertencia ao município de Arroio do Meio. Naquela época, a população da cidade devia estar em tomo de 150 habitantes, se fossem considerados alguns cavalos do comerciante da esquina da praça e outras tantas mulas do concorrente estabelecido a 120m do portal da Igreja de Pedra, batizada com o nome de São João Baptista. Naqueles tempos todos eram católicos e, como no Brasil de outros tempos, quem não fosse hipócrita ou capitalista era comunista e excomungado pelos poderes da igreja (um padre), dos civis (os fabriqueiros), dos militares (um soldado) e de um alienado (o subprefeito).

